



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS I- SALVADOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS

ELIAS RAMOS DA SILVA

MEMÓRIA DE UM *ETHOS* CORONELISTA NO INTERIOR DA BAHIA

SALVADOR

2017

ELIAS RAMOS DA SILVA

MEMÓRIA DE UM *ETHOS* CORONELISTA NO INTERIOR DA BAHIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Mestrado em Estudo de Linguagens. Linha de pesquisa: Discurso e Argumentação.
Orientador: Prof. Dr. André Luiz Gaspari Madureira

SALVADOR

2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Silva, Elias Ramos da.

Memória de um *ethos* coronelista no interior da Bahia / Elias Ramos da Silva. Salvador, 2017. 183f.

Orientador: André Luiz Gaspari Madureira.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens.

Contém referências.

1. Análise do discurso – Esplanada (BA). 2. Oratória política – Esplanada (BA). 3. Coronelismo – Esplanada (BA). I. Madureira, André Luiz Gaspari. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD 320.98142

ELIAS RAMOS DA SILVA

MEMÓRIA DE UM *ETHOS* CORONELISTA NO INTERIOR DA BAHIA

Dissertação apresentada como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens. - Departamento de Ciências Humanas, campus I - da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR: Prof. Dr. André Luiz Gaspari Madureira

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

Componente da banca: prof.^a Dr.^a Jaciara Ornélia Nogueira de Oliveira.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

Componente da banca: prof.^a Dr.^a Palmira Virgínia Bahia Heine Álvares

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS)

Salvador, 29 de março de 2017

Aos meus pais adotivos – Carlos Augusto e Regina

Aos meus pais biológicos – Naldinha e Pedro, aos meus irmãos Cristiano, Sergio, Sandro,
Marivaldo e a minha irmã Elicarla

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pelo amor e carinho. Aos meus amigos e amigas que apoiaram a minha escolha – ser professor num país marcado pela desigualdade social. À minha parceira - Vivian Andrea Arango Navarrete, pela paciência e apoio dado nesta caminhada.

À família esplanadense, por todos esses anos de convivência e aprendizagem – marcados por encontros e desencontros na busca de uma educação melhor. Meu sincero agradecimento à professora L. D. – uma professora apaixonada pela história da cidade de Esplanada, por ela ter me emprestado parte do material utilizado no desenvolvimento da pesquisa.

À equipe Danilo, Geysa e Camila, pelo trabalho que desenvolvem na Secretaria do Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens;

À minha turma de mestrando (2015) – aprendi muito com cada um de vocês. Às professoras e aos professores – pelos esforços e dedicação ao PPGEL.

À banca examinadora da qualificação, pelas observações apontadas. Elas foram importantes para o bom andamento da dissertação. Mas, agradeço, principalmente, ao meu orientador por sua paciência, atenção e dedicação, visando que a pesquisa fosse desenvolvida da melhor forma possível.

E por fim, ao meu pai adotivo – Carlos Augusto, por ter me apresentado o *Nam Myoho Rengue Kyo* do Budismo de Nitiren Daishonin.

“A pergunta sobre o sentido da política exige uma resposta tão simples e tão conclusiva em si que se poderia dizer que outras respostas estariam dispensadas por completo. A resposta é:
O sentido da política é a liberdade”.

Hannah Arendt

RESUMO

Nesta dissertação, o objetivo principal é verificar na entrevista concedida ao jornal local – *esplanadanews*, os possíveis traços do *ethos* coronelista materializado nas falas dos candidatos a prefeito, durante a campanha eleitoral na cidade de Esplanada-Ba, em 2012. A análise é realizada de acordo com aporte teórico da Análise do Discurso em Maingueneau. Deste, toma-se o conceito de *ethos*. No entanto, foi necessário recorrer a outros teóricos como Patrick Charaudeau, Chaïm Perelman, Lucie Olbrechts-Tyteca e Victor Nunes Leal. Do primeiro, usa-se a noção de discurso político; do segundo e da terceira, a noção de argumentação; do último, a noção de coronelismo. Terminada a pesquisa, verificou-se que o *ethos* de cada candidato apresenta evidências de que o *ethos* coronelista continua presente não apenas na memória da população, mas nas crenças que norteiam a ação política no interior da Bahia. Este trabalho não dá a questão por encerrada. Sendo, portanto, necessários outros estudos para compreender melhor os novos traços da cultura coronelista nas cidades do interior da Bahia.

PALAVRAS-CHAVE: *Ethos* coronelista. Discurso político. Argumentação. Esplanada.

ABSTRACT

The main goal of this dissertation is to confirm possible traces of a *ethos coronelista* being materialized in the major candidate's speeches given in an interview to the local newspaper: *esplanadanews* during the electoral campaign in Esplanada-Ba- in 2012. The analysis is done according to Maingueneau's Discourse Analysis theoretical contribution. *Ethos* concept was used from him. However, it was necessary to appeal to other theoreticians such Patrick Charaudeau, Chaïm Perelman, Lucie Olbrechts-Tyteca and Victor Nunes Leal to accomplish the purpose. Political discourse notion was used from the first one; the notion of argumentation from the second one and third one; *coronelismo* notion from the last one. Once the research was finished, it was found that the *ethos* from each candidate, presents evidence of how the *ethos coronelista* remains not only in the population's memory, but in the beliefs that guide political actions at Bahia's State inside. This work does not finish this matter. Therefore, future studies are needed in order to better understand the new *coronelistas* traces in Bahia's State inner cities.

Key-words: Ethos coronelista. Political discourse. Argumentation. Esplanada.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DISCURSO POLÍTICO: o lugar do jogo de máscaras	15
2.1 A PALAVRA POLÍTICA TEM PODER	16
2.2 AS IMPLICAÇÕES DO PODER POLÍTICO	18
2.3 ESPAÇO POLÍTICO, PÚBLICO E PRIVADO	20
2.4 SOBRE O ESTUDO DO DISCURSO POLÍTICO	22
2.5 CONTRATOS E ESTRATÉGIAS NA POLÍTICA	26
2.6 AS INSTÂNCIAS DE PODER, AS IDENTIDADES E A LEGITIMIDADE	28
2.7 OS ARTIFÍCIOS DO DIZER NO DISCURSO POLÍTICO	31
3 CORONELISMO E MEMÓRIA DO ELEITOR ESPLANADENSE	34
3.1 A ELETIVIDADE DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL	39
3.2 DADOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA CIDADE ESPLANADENSE	43
3.3 MARCAS DA CULTURA CORONELISTA E CRISTÃ CATÓLICA	46
4 ARGUMENTAÇÃO E O <i>ETHOS</i> DISCURSIVO EM MAINGUENEAU	50
4.1 ARGUMENTO: um instrumento do discurso político	55
4.1.1 A tríade retórica na argumentação	56
4.2 O <i>ETHOS</i> EM MAINGUENEAU	57
4.3 O QUE PODE O “FIADOR” ?	60
4.4 A INCORPORAÇÃO E A CENOGRAFIA	63
5 ANÁLISE DO <i>ETHOS</i> CORONELISTA NA ELEIÇÃO DE 2012	65
5.1 ENTREVISTA DOS CANDIDATOS NA REDE NEWS	66
5.1.1 Fator que levou a entrar na política	67
5.1.2 Educação	74

5.1.3 Arrecadação e infraestrutura	80
5.1.4 Segurança pública	84
5.1.5 Urbanização	88
5.1.6 Saúde	93
5.1.7 Alianças políticas	99
5.1.8 Últimas palavras	103
6 CONCLUSÃO	108
REFERÊNCIAS	111
ANEXOS	116

1 INTRODUÇÃO

Desde que cheguei à cidade de Esplanada em 2008, percebi que o *tom* dado ao discurso político não é o mesmo que se apresenta na cidade de Salvador - minha terra natal. Não que um seja melhor ou pior do que o outro. Mas, simplesmente, porque em cada cidade a práxis discursiva dá um corpo ao fiador, que mesmo aparentando semelhanças entre si, apresentam sentidos diferentes.

Os discursos políticos no interior do estado da Bahia quase sempre são marcados por trocas de ofensas e acusações entre os candidatos. Mas, na eleição de 2012, os candidatos à prefeitura participaram de uma entrevista coordenada pelo jornal local – esplanadaneuws, cuja ideia era promover um debate onde eles não trocassem ofensas e apresentassem o projeto político da campanha eleitoral. Foi a primeira vez que uma imprensa local conseguiu promover algo desse tipo. Sendo assim, o *corpus* escolhido não poderia ser outro. Depois de assistir o vídeo, elaborou-se a transcrição, seguida de uma edição, e para a análise – deu-se uma atenção aos fragmentos que apresentassem traços da cultura coronelista.

Sendo assim, nesta pesquisa, buscou-se analisar a materialidade do *ethos* discursivo na entrevista dos candidatos a prefeito do município de Esplanada-Ba, concedida ao esplanadaneuws, tomando como pressuposto teórico a noção de *ethos* discursivo de Maingueneau. Mediante esta posição teórica, torna-se viável realizar um estudo acerca da construção da imagem dos candidatos e investigar a existência de possíveis marcas do discurso coronelista.

A metodologia aplicada é do tipo qualitativa/descritiva, desenvolvida em duas etapas: a primeira consistiu numa investigação bibliográfica; a segunda, tratou da análise do *corpus* em questão – entrevista concedida ao esplanadaneuws. Nosso *corpus* é constituído de três entrevistas – cada uma delas com o tempo médio de 25 minutos.

O trabalho está estruturado em 4 Seções, afora introdução e considerações finais, assim distribuídas:

Na seção I, apresenta-se uma reflexão sobre o termo política associado à noção de poder. Sendo assim, aborda-se a noção de campo político ligado a três elementos: *ação política, instância e valores*. Em seguida, aborda-se a questão das instâncias: *política e cidadã*.

Essas questões implicaram fazer a diferenciação entre o espaço político e o espaço público, para poder explicitar a complexidade que envolve o campo político. A política como um espaço de ação, depende de outros espaços – os de discussão. Por isso, é apresentada uma reflexão sobre a estruturação de alguns dos setores (ou campos) de ação social: o político, o econômico, o midiático.

Depois de tratar desses pontos, apresenta-se a distinção de três lugares de fabricação do pensamento político: o discurso político como *sistema de pensamento*; o discurso político como *ato de comunicação*; e o discurso político como *comentário*. Em seguida, são diferenciados três lugares de fabricação do discurso político: o lugar de governança; o lugar de opinião e o lugar de mediação. Elaborou-se também com base na concepção de Charaudeau (2011) uma explicação para os três tipos de imaginário social na origem da legitimidade do sujeito político – a legitimidade por *filiação*; a legitimidade por *formação* e a legitimidade por *mandato*.

Na seção II, fez-se uma reflexão sobre a noção de coronelismo, buscando compreender as marcas da cultura coronelista ao longo da história do Brasil. De acordo com Leal (1949), o coronelismo não é um fenômeno simples, uma vez que envolve um complexo de características da política municipal. Para finalizar a seção, dialogou-se com o manuscrito de M. G. D. – uma moradora já falecida da cidade, e as duas obras “História de Esplanada desde o início, no fim do século XIX” e “Oitenta anos de vida: reminiscência” de Hildeth Cardoso de Faria, uma vez que estas abordam vários aspectos da memória da cidade de Esplanada..

Na seção III, analisaram-se as noções de argumentação e de *ethos*, sinalizando a necessidade de pensá-las com base em uma ação integrada, possibilitando, portanto, identificar os pontos de convergência e divergência entre ambas. Sendo assim, primeiramente, abordaram-se as questões relacionadas à Retórica e à Argumentação visando explicitar o sentido da tríade retórica na argumentação. Na sequência, falou-se sobre a noção de *ethos* em Maingueneau, procurando apontar as ideias do autor sobre *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (mostrado e dito), “Fiador”, incorporação e cenografia.

Na seção IV – tratou da análise do objeto em questão. No primeiro momento, fez-se uma apresentação do contexto em que o *corpus* passou a existir. Depois, elaborou-se uma descrição do *ethos* pré-discursivo de cada candidato. Na sequência, iniciou-se a descrição dos efeitos de sentido produzidos por cada *ethos* discursivo materializado no discurso ao tratarem

sobre os seguintes temas respectivamente: principal motivo que levou entrar na política, educação, arrecadação e infraestrutura, urbanização, saúde, alianças políticas e considerações finais.

Nas considerações finais, observou-se que o coronelismo continua vivo, sendo ressignificado através das questões sócio-históricas de cada localidade. Dessa forma, verificou-se que o teor persuasivo do qual se revestem o discurso dos candidatos, revelam novas marcas do *ethos* coronelista.

2 DISCURSO POLÍTICO: o lugar do jogo de máscaras

Quando Charaudeau (2011) faz uma reflexão acerca da palavra *política* no espaço social, explicita que o fenômeno político tem sido objeto de estudo das disciplinas Ciências da Linguagem, Ciências Políticas, Antropologia Social, Psicologia Social, Sociologia, Filosofia. Todavia, em nenhuma delas apresenta esse objeto como acabado.

Recorrendo ao Dicionário de Política, verifica-se que o significado da palavra política é concebido como

derivado do adjetivo originado de pólis (politikós), que significa tudo o que se refere à cidade e, conseqüentemente, o que é urbano, civil, público, e até mesmo sociável e social, o termo Política se expandiu graças à influência da grande obra de Aristóteles, intitulada Política, que deve ser considerada como o primeiro tratado sobre a natureza, funções e divisão do Estado, e sobre as várias formas de Governo, com a significação mais comum de arte ou ciência do Governo, isto é, de reflexão, não importa se com intenções meramente descritivas ou também normativas, dois aspectos dificilmente discrimináveis, sobre as coisas da cidade. (BOBBIO, MATTEUCCI E PASQUINO, 1998, p. 954).

Pode-se dizer que o termo Política foi utilizado durante muito tempo para designar principalmente obras dedicadas ao estudo daquela esfera de atividades humanas que se referem de algum modo às coisas do Estado. No modernismo, o significado original desse termo vai sendo substituído pouco a pouco por outras expressões como "filosofia política", "ciência política", "ciência do Estado", "doutrina do Estado", etc, passando a ser mais utilizada para indicar a atividade ou conjunto de atividades que, de alguma forma, têm como termo de referência a pólis, isto é, o Estado (BOBBIO, MATTEUCCI E PASQUINO, 1998).

Para Charaudeau (2011), um linguista do discurso sabe que o contexto psicológico e social determinam o sentido da linguagem. Por isso, em seus estudos são integrados conceitos e categorias pertencentes a outras disciplinas humanas e sociais. Sendo assim, para construir e estudar seu objeto, cabe ao pesquisador elaborar a problemática geral a qual servirá de guia para sua análise. No caso da obra "Discurso Político", "trata-se de tomar uma posição quanto às relações entre *linguagem, ação, poder e verdade*, a fim de determinar a problemática particular na qual será estudado o discurso político" (CHARAUDEAU, 2011, p. 16). O presente trabalho também apresenta uma tomada de posição referente ao objeto de estudo em questão. Logo, não se tem a pretensão de dar a questão por encerrada, pelo contrário, visa-se suscitar novas pesquisas preocupadas com as relações de poder no interior do estado da Bahia.

2.1 A PALAVRA POLÍTICA TEM PODER

Para falar da palavra política associada à questão do poder, Charaudeau (2011) comenta autores desde a Grécia antiga até os da contemporaneidade, chamando atenção para a noção de campo político ligado à três termos: *ação política, instância e valores*.

A questão do poder e da legitimidade política tem sido longamente discutida, começando por Platão, passando por Kant até chegar, mais recentemente, Weber, Arendt, Foucault, Bourdieu e Habermas. Retomaremos diversas proposições desses autores para tentar determinar o que é campo político. Sem exagerar a complexidade das relações de força que se instauram nesse campo, parece que é possível determinar quando são tratadas simultaneamente, e em interação, as questões da *ação política*, de sua finalidade e de sua organização; as *instâncias* que são partes interessadas nessa ação; os *valores* em nome dos quais é realizada essa ação (CHARAUDEAU, 2011, p.16).

A citação supracitada deixa claro que o campo político é marcado por relações de força; não dá para pensá-lo desvinculado da questão do poder. Assim como não dá para pensar na consciência de si, sem pensar na existência do outro, pois é a partir da alteridade que o sujeito pode se definir. Na visão de Charaudeau (2011, p. 16), “os princípios de alteridade, de influência e de regulação são fundadores do ato de linguagem que o inscrevem em um quadro de ação, em uma praxiologia do agir sobre o outro”. Dessa forma, as relações de força que constroem paralelamente o vínculo social estão vinculadas a todo ato de linguagem.

De acordo com Arendt (2009), a política trata da convivência entre os diferentes. Todavia, ela não é necessária, em absoluto – nem no sentido de uma necessidade urgente da natureza humana como a fome ou o amor, nem no sentido de uma instituição indispensável do convívio humano. Para a autora, a política só começa – quando se deixa de lado o reino das necessidades materiais e da força física. Já para Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998, p.954),

O conceito de Política, entendida como forma de atividade ou de práxis humana, está estreitamente ligado ao de poder. Este tem sido tradicionalmente definido como "consistente nos meios adequados à obtenção de qualquer vantagem" (Hobbes) ou, analogamente, como "conjunto dos meios que permitem alcançar os efeitos desejados" (Russell). Sendo um destes meios, além do domínio da natureza, o domínio sobre os outros homens, o poder é definido por vezes como uma relação entre dois sujeitos, dos quais um impõe ao outro a própria vontade e lhe determina, malgrado seu, o comportamento.

Pode-se dizer que esta relação de poder é expressa de diversas formas, onde se identificam fórmulas características da linguagem política – “como relação entre governantes e governados, entre soberano e súditos, entre Estado e cidadãos, entre autoridade e obediência, etc. (BOBBIO, MATTEUCCI E PASQUINO, 1998, p. 955).

Charaudeau (2011), ao falar da ação política, diz que tendo em vista a obtenção do bem comum, é a ação política que, idealmente, determina a vida social. Assim como também, é ela que permite que uma comunidade tome decisões coletivas. Todavia essa ideia de decisão coletiva precisa ser examinada. Para que a decisão seja coletiva é necessário que os diferentes indivíduos que constituem o coletivo entendam-se para a elaboração de um projeto comum. Também é necessário que o compromisso de ação, sempre a cargo do coletivo, seja firmado por um representante. Por fim, é preciso que os meios escolhidos, tenham passado por uma discussão, para que se estabeleça quais deles deveram ser usados pelo representante. Assim, esse representante é obrigado a prestar contas perante a coletividade.

O filósofo Rousseau (2002) também apresenta uma reflexão acerca da necessidade de se pensar a ação política, logo a vida social. Para ilustrar seu pensamento, recorre a uma fala de Grotius para defender a ideia de que

...o povo é, pois, um povo antes de se entregar a um rei. Essa doação é um ato civil; supõe uma deliberação pública. Antes, portanto, de examinar o ato pelo qual o povo elege um rei, seria bom examinar o ato pelo qual o povo é um povo, porque esse ato, sendo necessariamente anterior ao outro, constitui o verdadeiro fundamento da sociedade (versão eBookBrasil.com, fonte digital – www.jahr.org., 2002, p.22).

Diante dessa afirmação, é correto inferir que a ação política implica pensar a questão das instâncias: *instância política* e *instância cidadã*¹. A primeira é delegada e assume práxis da ação política; a segunda está na origem do ato de escolher os representantes do poder. Segundo Charaudeau (2011), a instância política é, por excelência, decisão, devendo, portanto, agir em função do *possível*, todavia a instância cidadã, quando a elegeu, foi para que realizasse o *desejável*. Assim, pode-se dizer que ao agir em função possível, a instância política entra em contradição, visto que ela chega ao poder por uma vontade cidadã (e não autoritária), mas como esta não está encarregada dos negócios do Estado, não tem conhecimento das regras de seu funcionamento e acaba por não dar importância às condições

¹ É mister explicitar que a noção de *instância* é baseada na obra “Discurso político”, de Charaudeau (2011).

de realização da ação política. Tem-se aí, uma problemática do poder político, que consiste em ditar a lei e sancioná-la, procurando sempre se assegurar do consentimento da instância cidadã. Trata-se, na verdade, da teoria da “dominação legítima” desenvolvida por Weber, que vai até a justificação da violência, legal, como meio necessário para que “os homens dominados se submetam à autoridade” (WEBER, 1963-2003, apud CHARAUDEAU, 2011).

2.2 AS IMPLICAÇÕES DO PODER POLÍTICO

Segundo Arendt (1972), é necessário questionar sobre os limites do poder político, ou seja, da “dominação legítima”. Sendo assim, a autora questiona essa necessidade da violência ao definir o poder político como o poder dos cidadãos. Para Habermas (1990, p. 108), a instância política encontra-se entre “dois processos contrários: a produção comunicativa de um poder legítimo [...] e a constituição dessa legitimação pelo sistema político, com o qual o poder administrativo estabelece uma relação reflexiva”. Mas, afirma que se o poder administrativo remete às regras da ação política que foi abordado, o poder comunicativo remete à busca pela dominação legítima, uma vez que ela sempre se encontra “ameaçada por uma sanção física (golpe de Estado), institucional (derrubada do governo) ou simbólica (descrédito)”. É por conta dessa característica “que ao espaço de discussão que determina os valores responde um *espaço de persuasão* no qual a instância política, jogando com argumentos da razão e da paixão, tenta fazer a instância cidadã aderir a sua ação (CHARAUDEAU, 2011, p.19)”.

Segundo o pensamento de Marx e Engels (1983), os opressores e os oprimidos, em constante oposição, vivem numa guerra contínua - algumas vezes declarada, outras disfarçada; uma guerra marcada ou pela eliminação das suas classes em luta, ou por uma mudança revolucionária da sociedade inteira. Logo, não se pode esquecer que com o desenvolvimento da indústria e do mercado mundial, a burguesia conquistou a soberania política exclusiva no Estado representativo moderno. Este por sua vez tem como objetivo gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa.

Diante do exposto, não é difícil deduzir que os valores são produto de um jogo, de um contrato social, o qual foi desenvolvido por meio do ato da linguagem. Para Charaudeau (2011, p.20) “os valores correspondem às ideias que defendemos neste espaço de discussão”. A sociedade abstrata, ou seja, o Estado, a República e a Nação é criada pela sociedade

coletiva, cabendo a tais entidades garantir os direitos e os deveres dos indivíduos. No entanto, por essas entidades superarem e sobredeterminarem cada um dos membros do grupo, tem-se configurado aí uma “desapropriação de indivíduos” (RICOEUR, 1991, p.32).

Os valores são agrupados sob a figura de um terceiro, de um outro, como um ideal em que todos são, ao mesmo tempo, responsáveis e despojados – o despojamento é fundador e, nessa perspectiva, necessário, mas engendra ao mesmo tempo as formas específicas do mal político. [...] é por isso que ele deve permanecer sob vigilância (CHARAUDEAU, 2011).

É pela existência dos espaços de discussão e de persuasão, lugares de construção de valores dos quais dependem a ação, que o campo político é, como diz Augé (1997), “governo das palavras”, mas apenas “para uma parte”, como ele próprio explicita.

O Estado deve ser compreendido como uma relação de *dominação* exercida por homens sobre outros homens e apoiada pela violência legítima [...] para que ele exista é preciso, logo, que os homens dominados *submetam-se* à autoridade reivindicada por aqueles que se encontram em posição de dominação em cada caso considerado. Todavia, o poder do político não se liga, pois, à opressão, mas à livre opinião. Entre os dois, se assim podemos dizer, está Habermas, que propõe distinguir um “poder comunicativo” e um “poder Administrativo” (CHARAUDEAU, 2011).

Na concepção do autor, o primeiro instaura-se fora de toda dominação, pois é o cidadão seu iniciador e depositário, e que faz circular na sociedade, criando um espaço de discussão, classificado por Habermas (1990) como inorganizado - por ele encontrar-se fora de todo poder em um espaço público não previsto para a tomada de decisão. O segundo pressupõe sempre relações de dominação, uma vez que se trata de organizar a ação social, de regulá-la por leis e sanções e de evitar ou repelir tudo que ameaçasse essa vontade de agir. É, pois, nessa filiação que o autor se inscreve por defender uma ideia de poder político como resultado de dois componentes da atividade humana: o do *debate de ideias* e o do *fazer político*. O primeiro é concebido como o lugar onde se trocam opiniões no campo do espaço público. O segundo como o lugar onde se tomam decisões e se instituem atos no campo do espaço político (CHARAUDEAU, 2011).

Segundo o autor, esse duplo poder obriga a instância política a encontrar uma forma de dizer que não revela todos os projetos e os objetivos da ação, mas que, em igual medida, não perde de vista que esse jogo de máscaras e ação pelo discurso é limitado por uma ética de

responsabilidade. A palavra política deve se debater entre uma verdade do dizer e uma verdade do fazer, uma verdade da ação que se manifesta através de uma palavra de decisão, e uma verdade da discussão que se manifesta por meio de uma palavra de persuasão (ordem da razão) e/ou de sedução (ordem da paixão).

2.3 ESPAÇO POLÍTICO, PÚBLICO E PRIVADO

Analisando a complexidade que envolve o discurso político, Charaudeau (2011) tece um comentário explicitando que o espaço político é fragmentado em diversos espaços de discussão, de persuasão, de decisão que ora se recortam, ora se confundem, ora se opõem. Entre os estudiosos da contemporaneidade existe ainda uma discussão se convém diferenciar o espaço político e o espaço público, isto é, compreender qual é a natureza de espaço público e tentar identificar, se possível, a fronteira entre o espaço privado e público. Não é por acaso que o espaço público e o privado são frequentemente confundidos. O que se tem é um jogo onde todos sofrem influência dos outros: a opinião sofre influência das mídias; as mídias sofrem influência da opinião e da política; e o político sofre influência das mídias e da opinião.

Pode-se dizer que a fronteira entre o público e o privado, por conta da midiatização, começou a ser abolida a partir da segunda metade do século XX. Não se pode esquecer que a sociedade da midiatização tem aumentado seu poder cada vez mais. Esse excesso de poder, às vezes, acaba gerando efeitos negativos, quando deixa de construir um espaço de comunicação onde agiria como uma mediadora social entre o Estado e a sociedade civil. Fato que aconteceu, na eleição de 2012, pois a imprensa de jornalismo local – *esplanadanews.com*, em parceria com a Brisa Mar FM – emissora de rádio local, conseguiu organizar pela primeira vez uma entrevista com os candidatos a prefeito, sem que ocorresse troca de acusações, ameaças, etc..

Com base nos pressupostos de Charaudeau (2012), é possível afirmar que o discurso de informação deveria servir de alicerce da democracia, pois ele contribui decisivamente para que se instaure nas sociedades os vínculos sociais sem os quais não haveria sentimento de compartilhamento de identidades. No entanto, não se pode conceber o universo da informação midiática apenas como um mero reflexo do que acontece no espaço público. Trata-se, na

verdade, de um espaço muito complexo, marcado, principalmente, por uma ideologia capitalista. Por conta desse cenário, o autor comenta que

Em virtude de ter nascido com o desejo de organizar a vida dos indivíduos em comunidade, a política se concretiza mediante várias atividades de regulamentação social: regular as relações de força com vistas a manter aplinar certas situações de dominação ou de conflito e mesmo tentar estabelecer relações igualitárias entre os indivíduos; legislar, mediante a promulgação de leis e de sanções orientando os comportamentos dos indivíduos para preservar o bem comum; distribuir e repartir as tarefas, os papéis e as responsabilidades de uns e de outros mediante a instalação de um sistema de delegação e de representação mais ou menos hierarquizado - por nomeação ou por eleição (CHARAUDEAU, 2011, p.27).

Essas três maneiras de regulação descrevem a política como um espaço de ação que depende de outros espaços – espaços de discussão e de persuasão – pois esses espaços para serem validados, precisam ser divididos em domínios, uma vez que as trocas realizadas devem ser reconhecidas e classificadas pela sociedade.

Segundo a concepção do autor, o espaço público não teria como ser gerenciável se em seu interior não fossem distinguidos tipos de atividades definidas por desafios particulares. Assim, vai dizer que daí resulta uma estruturação de um certo número de setores (ou campos) de ação social – lugares de organização globalizante das relações de força as quais mantém, entre elas, relações de proximidades. Charaudeau (2011) cita quatro como principais: o jurídico, o econômico, o midiático e o político.

Para o autor, cada um desses setores tem um desafio. O setor jurídico precisa regulamentar os conflitos sociais; determinar valores simbólicos em função das noções de propriedade, de igualdade, de conduta moral etc. – visando justificar a instalação de determinado arsenal legislativo. O setor econômico necessita regular o mercado. O setor midiático visa regulamentar a circulação da informação. E o setor político tem como desafio estabelecer regras para a governança, ou seja, distribuir as responsabilidades por meio da instauração das instâncias legislativas e executivas. Esses setores devem manter sua finalidade específica, interagir uns com os outros e às vezes encontram-se em relação de interdependência.

Na sua perspectiva apesar de haver uma interação entre os setores, cada um deles tem uma estrutura segundo um dispositivo que lhe é próprio. Sendo assim, é possível distingui-los. Por conta da relação de influência e por se tratar de uma estruturação do campo social puramente operatória, logo variável; o setor político, o qual teoricamente pode ser concebido

como o centro de um sistema em torno do qual gravitariam os satélites (os outros setores), pode deixar de ocupar o centro do sistema, ficando outro em seu lugar, ou seja, é muito difícil pensar em termos essencialistas e presumir a existência de um espaço privado e de um espaço público acabado, claramente circunscrito.

2.4 SOBRE O ESTUDO DO DISCURSO POLÍTICO

Ao tratar de “discurso político”, temos que concordar com Charaudeau (2011) quando diz ser necessário definir uma forma de organização da linguagem em seu uso e em seus efeitos psicológicos e sociais, no interior de determinado campo de práticas, pois a Filosofia Política e as ciências políticas apresentam certas noções e certos pontos de vista que vão convergir com os da análise do discurso político. Todavia, sempre haverá distinção entre elas, por conta da natureza de cada uma. Por isso, a Filosofia Política (ou filosofia do campo político) tem a característica de se questionar sobre as problemáticas do pensamento político e as categorias que o compõem. Observemos o comentário abaixo acerca dessa questão “todo o problema é pensar o pensamento como pensamento e não como objeto; ou ainda pensar o que é pensado no pensamento, e não ‘o que’ [o objeto] o pensamento pensa” (BADIOU, 1998, p.36).

Parece que o que justifica esse lugar de reflexão é uma interrogação permanente sobre os modelos de organização da sociedade. O autor, ainda salienta que a questão da legitimidade das formas de governo centralizou, por vários anos, a discussão filosófica sobre a complexidade do poder, do direito e da justiça.

A Ciência Política objetiva tornar explícitas as normas que se instauram como princípio de governança, disseminar as razões que as institui e avaliar seus efeitos sobre o Estado das sociedades.

Já a História, na visão do autor, essa sempre visou reconstruir os acontecimentos políticos do passado e construir interpretações para as causas e as consequências. Não se pode esquecer a polêmica ocorrida no começo dos anos 80, entre os analistas do discurso e os historiadores, os últimos criticando os primeiros por utilizarem ‘um canhão para matar uma

mosca’², crítica rebatida por Pêcheux (1986) em “L’Étrange Miroir de l’analyse de discours” da seguinte maneira:

de acordo com a posição que a análise do discurso reivindica em relação a essa falha, e a fantasia da objetividade minuciosa (que consiste literalmente em fazer-se de bobo, proibindo-se de pensar o sentido existente sob a textualidade) ou a posição sectarista cientificamente sustentada (que tende a tratar os autóctones da política como imbecis) que cada vez mais assume a dianteira (PÊCHEUX, 1986, apud CHARAUDEAU, 2011, p. 36).

Esse fato foi importante para explicitar a divergência existente entre análise de discurso e análise de conteúdo. Todavia sem perder de vista o peso da “Nova História”, isto é, de uma história interpretativa, preocupada com as mentalidades, os comportamentos e as representações dos povos segundo as épocas – Prost (1996) e Duby (1991), nos textos dos historiadores, apresentam uma abordagem esclarecedora sobre esse tipo de pesquisa.

De acordo com Charaudeau (2011, p.38-39) os estudos acerca do discurso político ainda suscitam diversas questões e alguns dos métodos de pesquisa são mais complexos que outros. O discurso político como processo de influência social é complexo, uma vez que a política depende bastante da sua práxis e por ela se inscrever constitutivamente nas relações de influência social; e a linguagem, por causa do fenômeno de circulação do discurso, é o que possibilita a criação de espaços de discussão, espaços de persuasão e de sedução onde são elaborados o pensamento e a ação política.

O discurso não é político, mas é a situação de comunicação que o torna. Assim como não é conteúdo que o torna político, e sim a situação que o politiza (CHARAUDEAU, 2011, p.40). O autor também elucida que existem diferentes lugares onde se fabrica³ o pensamento político, o qual não está reservado apenas aos responsáveis pela governança nem aos solidários pensadores da coisa política. Na concepção do autor, a produção de sentidos é uma questão de interação, pois é segundo os modos de interação e a identidade dos participantes implicados que se constitui o pensamento político. Sendo assim, propõe distinguir três lugares de fabricação desse pensamento – um pode ser compreendido como o lugar de elaboração dos sistemas de pensamento, um como o lugar do qual o sentido está ligado ao próprio ato de comunicação, um como o lugar onde é produzido o comentário. Observemos a distinção de cada um desses lugares:

² Expressão metafórica citada por Charaudeau (2011, p.36).

³ Termo utilizado pelo próprio autor.

O discurso político como *sistema de pensamento* é o resultado de uma atividade discursiva que procura fundar um ideal político em função de certos princípios que devem servir de referência para a construção das opiniões e dos posicionamentos (CHARAUDEAU, 2011, p.40);

O discurso político como *ato de comunicação* concerne mais diretamente aos atores que participam da cena de comunicação política, cujo desafio consiste em influenciar as opiniões a fim de obter adesões, rejeições ou consensos (CHARAUDEAU, 2011, p.40);

O discurso político como *comentário* não está necessariamente voltado para o fim político. O propósito é o conceito político, mas o discurso inscreve-se em uma situação cuja finalidade está fora do campo da ação política: é um discurso a respeito do político, sem risco político (CHARAUDEAU, 2011, p.40).

Essa divisão é interessante porque ela possibilita reconhecer que o discurso político manifesta-se não apenas no “*intragoverno*”⁴, mas também no “*extragoverno*”⁵. Entretanto, há um ponto de convergência entre esses lugares – a linguagem alia-se à ação, reciprocamente. Por isso, comenta Arendt (1961-1983, p. 235, apud CHARAUDEAU, 2011, p. 41-42)

[...] sem o acompanhamento da linguagem, a ação não perderia somente seu caráter revelador, ela perderia também, por assim, dizer, seu sujeito; não haveria homens, mas robôs executando atos que, humanamente falando, permaneceriam incompreensíveis. A ação muda não seria mais ação, pois não haveria mais ator e o ator, este fazedor de atos, não é possível se ele não for, ao mesmo tempo, falador de palavras. A ação que ele começa é revelada humanamente pelo verbo, e ainda que possamos perceber seu ato em sua aparência física bruta sem acompanhamento verbal, o ato não adquire um sentido senão pela palavra na qual o agente identifica-se como ator, anunciando o que ele faz, o que ele fez, o que ele quer fazer.

O fragmento supracitado ajuda a evidenciar um pouco melhor o campo de influência deste diferentes lugares de fabricação do discurso político, isto é, de que o discurso é o lugar de influência do outro, de engajamento do sujeito e de justificação de seu posicionamento.

Outro ponto importante refere-se à distinção entre a “política-verdade” e “política-opinião” elaborada por Badiou (1998). Para este autor, comentado por Charaudeau (2011), a “política-verdade” deve ser entendida como uma concepção de verdade, isto é, conceber a verdade como um *juízo determinante* – produto da fusão entre a discussão e a ação. Sendo assim, a política-verdade é, por sua vez, a do engajamento do sujeito, engajamento na

⁴ Para o autor, o termo corresponde a um desafio de ação onde a palavra política se faz performativa com o objetivo de governar com os parceiros diversos.

⁵ De acordo com o autor, esse termo corresponde a um desafio de deliberação onde a palavra circula entre os mesmos parceiros sem que estes tenham poder de decisão.

ação. É por essas características que o conceito de política e da prática política tem uma relação dialógica. Isso não impossibilita diferenciar o conceito de político da prática de política. Já a “política-opinião” depende de um *juízo reflexivo*, o qual parte do sujeito e remete a outro sujeito, no entanto, passa por uma discussão - por uma confrontação de distintos julgamentos cujo objetivo é obter uma certa partilha desses julgamentos os quais se tornam, portanto, um único e mesmo julgamento.

Pode-se inferir que é dessa forma que se constitui o lugar de uma opinião coletiva onde os indivíduos são, paralelamente, produtores e espectadores, permitindo-lhes formar uma comunidade. De maneira análoga, Arendt percebe essa comunidade como uma pluralidade de “ser-com”, ou seja, uma partilha onde reside uma “unidade subjetiva do consenso”. Mas não se deve esquecer que essa opinião é uma opinião sem engajamento do sujeito, logo, sem verdade.

A prática de política, refere-se mais especificamente ao ato de gerir vidas onde estão implicadas instâncias distintas – de governança e cidadania – que tem como função regular suas relações por intermédio de um jogo de poder e contra-poder. Recorrendo a Rosanvallon (2000, apud CHARAUDEAU, 2011, p.45) distingue ambos da seguinte forma:

Referir-se ao conceito de política, e não à prática, é falar do poder e da lei, do Estado e da Nação, da Igualdade e da Justiça, da cidadania e da civilidade, enfim, de tudo o que constitui uma cidade além do campo imediato da competição partidária para o exercício do poder, da ação governamental no dia a dia e da vida ordinária das instituições.

Da relação dessas duas noções conceituais, pode-se concluir que a prática política implica nos princípios do conceito político o qual a funda, e que o conceito de política sempre será colocado à prova pela prática política. Segundo sua noção, o discurso político é resultado de uma mistura entre a palavra que funda a política e a que gere a política. É nesse duplo fundamento do discurso político que se encontra a *opinião* – lugar do julgamento reflexivo e a *verdade* – lugar da ação e do ato de decisão. As comunidades múltiplas de pensamento são instituídas nesse lugar. Os valores transcendentais que institui o julgamento e a ação são marcados, portanto, pela mediação social. Sendo assim, a política é um campo de batalha onde se trava uma guerra simbólica para instituir relações de dominação ou pactos de convenção. Por isso, afirma Charaudeau (2011), como consequência dessas características, o discurso das ideias se constrói por meio do discurso do poder, o primeiro pertence a uma

problemática da verdade – dizer o verdadeiro – e o segundo a uma do verossímil – dizer ao mesmo tempo o Verdadeiro, o Falso e o Possível.

2.5 CONTRATOS E ESTRATÉGIAS NA POLÍTICA

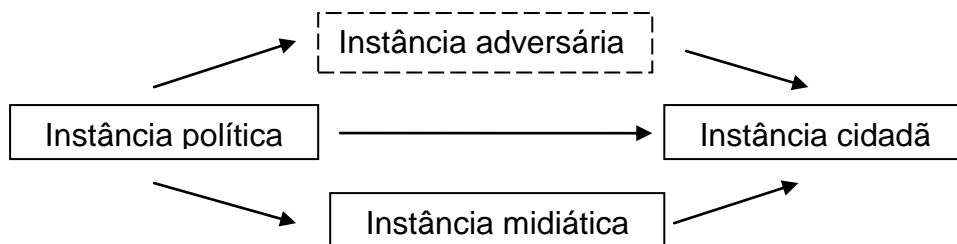
É possível ser completamente livre, quando fazemos uso da linguagem? Isso, sem dúvida, pode ser o desejo de todos. Para Charaudeau (2011), quando fazemos uso da linguagem: somos livres, ainda que relativamente, para proferir discursos que nos caracterizam de forma exclusiva, possibilitando a nossa individualização; e constrangidos pelas convenções e normas da linguagem que partilhamos com uma comunidade. Essa problemática faz o autor inferir que a comunicação humana pode ser representada como uma vasta cena onde seres humanos representam, através de seus atos de linguagem, espetáculos relacionais diversos nos quais alguns papéis estão previstos e outros são improvisados. O importante é que se verifique quais são as características dessa cena, para depois observar o jogo pessoal deles. Primeiro, deve-se descrever limitações estruturais da situação de comunicação política antes de começar a pensar em descrever as estratégias discursivas que os atores podem utilizar. Dessa forma, pode-se dizer que as situações e estratégias de comunicação não se misturam, sendo toda situação de comunicação estruturada segundo um dispositivo que assegura um lugar determinado aos parceiros de troca. Ainda segundo o autor, é na intersecção que todo discurso se constrói, isto é, entre um campo da ação e um campo de enunciação: o primeiro é o lugar das trocas simbólicas de acordo com as relações de força; o segundo é o lugar dos mecanismos de encenação da linguagem. O “contrato de comunicação” deve ser concebido como um produto dessa intersecção. Percebe-se, portanto, que é desafiador fazer uso do discurso: o político sempre vai desejar a eficácia de seus discursos; os cidadãos vão desejar que sua contestação tenha um grande impacto; e o analista, dentro de suas possibilidades, tentará extrair todos os sentidos possíveis desses discursos. Para Charaudeau (2011, p.52),

o discurso político, no que concerne às suas significações e a seus defeitos, não resulta da simples aplicação de esquemas de pensamentos pré-construídos que se reproduziriam sempre da mesma maneira quer se esteja do lado dos dominantes ou dos dominados. As significações e os efeitos resultam de um jogo complexo de circulação e de entrecruzamentos dos saberes e das crenças que são construídos por uns e reconstruídos por outros.

Nesse sentido, o autor defende a ideia de que o discurso político será construído e reconstruído mediante o lugar que o mesmo ocupa no contrato e segundo o posicionamento de cada indivíduo que ocupa tais posições. Por isso, pode-se afirmar que as significações do discurso político são construídas e reconstruídas, ao mesmo tempo, por seus atores e pelo dispositivo da situação de comunicação.

O dispositivo, numa perspectiva da análise dos fatos de comunicação, é, antes de tudo, de ordem conceitual. É o dispositivo que estrutura a situação em que se desenvolvem as trocas linguageiras ao organizá-las conforme lugares ocupados pelos parceiros da troca. Todavia, o emprego dele depende também das condições materiais em que se desenvolvem tais trocas (CHARAUDEAU, 2011, p.53). Conforme o autor, uma vez que havendo variação de uma situação de comunicação, faz-se necessário estabelecer uma relação encaixamento entre o que ele chama de macrodispositivo conceitual – estrutura cada situação de troca social – e os microdispositivos materiais – a especificam como variantes. Sendo assim, o dispositivo deve ser compreendido como “aquilo que garante uma parte da significação do discurso político ao fazer com que todo enunciado produzido em seu interior seja interpretado e a ele relacionado” (CHARAUDEAU, 2011, p.54). Toda situação de comunicação, requer dos indivíduos um conhecimento. Todavia, ele nunca será suficiente. Será sempre necessário o conhecimento das instâncias – os parceiros desse contrato – entidades humanas – categorias abstratas, desencarnadas e destemporalizadas, as quais são definidas pela posição que ocupam no dispositivo e as quais as pessoas são remetidas. Por isso é importante para a análise do discurso político levar em conta a natureza das instâncias do dispositivo (CHARAUDEAU, 2011).

Segundo o autor, não se pode deixar de explicitar os lugares de operacionalização do discurso político: um lugar de governança - onde se encontra a *instância política* e seu duplo antagonismo; *instância adversária*, um lugar de opinião onde se encontra a *instância cidadã*; e um lugar de mediação – *instância midiática*. Observemos o esquema abaixo, elaborado por Charaudeau (2011, p.56), seguido da noção de lugar de cada instância:



A instância política encontra-se no lugar em que os atores têm um “poder fazer” – isto é, de decisão e de ação – e um “poder de fazer pensar” isto é, de manipulação (CHARAUDEAU, 2011, p.56);

A instância adversária encontra-se no mesmo lugar de governança na medida em que é movida pelas mesmas motivações (e por isso ela está representada com linhas pontilhadas em nosso esquema) (CHARAUDEAU, 2011, p.57-58);

A instância cidadã como aquela que se encontra em um lugar em que a opinião se constrói fora do governo. É o lugar no qual os atores buscam um saber para poder julgar os programas que lhes são propostos ou as ações que lhes são impostas, e para escolher ou criticar os políticos que serão seus mandantes (CHARAUDEAU, 2011, p.58);

A instância midiática encontra-se igualmente fora da governança. É o elo que se vale de diferentes modos de mediação – panfletos, cartazes de rua, cartas confidenciais e grandes veículos de informação – para unir a instância política à cidadã. Os atores que compõem a instância midiática estão legitimados de antemão em seu papel de informantes, mas, ao mesmo tempo, estão em busca da credibilidade dos cidadãos (e políticos) – o que inscreve essa instância em uma lógica democrática – e de captação do maior número de adeptos, dada sua situação de concorrência com outros órgãos de informação – o que a inscreve em uma lógica de sedução comercial. (CHARAUDEAU, 2011, p.62).

O poder de influência dessas instâncias vai variar segundo o tipo de regime político – totalitário, autocrático, democrático, democracia representativa, participativa ou direta. A maneira como cada uma dessas instâncias se posicionam em uma situação de poder pode determinar qual terá maior poder de influência sobre as outras.

2.6 AS INSTÂNCIAS DE PODER, AS IDENTIDADES E A LEGITIMIDADE

Charaudeau (2011) pontua que no campo político os diversos atores atuam segundo relações de legitimidade, de credibilidade e de cooptação. Todavia, o autor se pergunta: qual a natureza da identidade desses atores? Acerca desse ponto, o mesmo explicita que o ser de palavras, quer se queira quer não, é sempre duplo. Uma parte dele construída pelo que diz seu

discurso e a outra que se refugia em sua legitimidade de ser social. Na verdade, não tem como saber quem esconde quem e qual predomina – sabe-se apenas que as duas se interpelam. Mas, pode-se afirmar que

é na identidade social do sujeito político que se projeta sua legitimidade. Esta pode provir de diversas fontes e ter campos de aplicação diversos. Pode também ser usurpada ou adquirida pela força (golpe de Estado). A legitimidade social é importante porque é a que dá a toda instância de palavra uma autoridade de dizer (CHARAUDEAU, 2011, p.65).

O autor ratifica essa ideia ao afirmar que a legitimação acontece por meio do reconhecimento de um sujeito por outros sujeitos, realizado em nome de uma crença que é aceita por todos. De modo geral, a legitimidade está vinculada às normas institucionais que regem cada domínio de práxis social, poderes a seus atores e *status*. Ela é produto de um reconhecimento, pelos outros, ou seja, daquilo que dá poder a alguém de fazer ou dizer em nome de um *estatuto*, de um *saber* e de um *saber-fazer*. Por conta dessa característica, Charaudeau (2011) distingue *legitimidade* de *credibilidade*. Sobre a legitimidade diz que ela determina um “direito de dizer ou de fazer” – ao questioná-la se questiona o próprio direito e não a pessoa; já a credibilidade refere-se à capacidade do sujeito de dizer ou de fazer – ao questionar a credibilidade está se questionando a pessoa. Eis a dicotomia entre ambas.

A autoridade também não pode ser confundida com legitimidade. O autor diz que a primeira como uma posição no processo de influência que dá ao sujeito o direito de submeter o outro com uma aceitação deste; a legitimidade como já foi dito, é um direito adquirido.

De acordo com Charaudeau (2011), a legitimidade da instância política, no domínio político, é conferida por um sujeito coletivo que ou aceita por conta de uma imposição marcada uma tradição institucional ou define, ele próprio, as condições de outorgar a práxis de uma autoridade. A problemática surge, portanto, de uma árdua relação de aceitação recíproca entre a instância política e a instância cidadã. A instância política dispõe dos procedimentos de coerção física que lhe possibilita agir com o objetivo de manter a ordem, gerir as tensões que surgem em todos os grupos humanos e auxiliar no desenvolvimento da tentativa de garantir uma justiça social. Entretanto, essa ação, precisa ser validada pela instância cidadã para conseguir preservar seu poder de soberania.

Nesse sentido, observa-se a afirmação de que a soberania está relacionada à representação, ou seja, quando representamos, agimos em nome de uma entidade que nos supera e que nos delegou – mesmo que provisoriamente – esse poder de falar em seu nome.

Sendo assim, a soberania está sob tutela, mas ao mesmo tempo, ela é o próprio poder tutelar. Ela se encontra depositária de um projeto social e representa uma verdade absoluta. Daí nasce seu caráter sagrado, pois não existe sacralidade desassociada de uma soberania. Segundo Charaudeau, há três tipos de imaginário social na origem da legitimidade política – a legitimidade por *filiação*, por *formação* ou por *mandato*, cada uma descrita respectivamente da seguinte forma: “a legitimidade por filiação se funda sobre a ideia de que o sujeito deve ser “bem nascido”; de que ele obtém sua legitimidade como uma herança dita “natural” (ele é o filho legítimo de...) (CHARAUDEAU, 2011, p.70)”;

a legitimação por formação supõe que se tenha passado por instituições de prestígio (escolas de alto nível ou universidades de renome), que o diploma tenha sido obtido entre os primeiros colocados, que se tenha exercido cargos de responsabilidade prestigiosos e que se tenha sido notado por sua capacidade e por tudo que poderia provar que reúne competência e experiência (CHARAUDEAU, 2011, p.72);

a legitimidade por mandato tem origem na tomada do poder pelo povo, que se opõe à soberania de direito divino ao tomar consciência de que esta lhe é imposta. Segundo essa legitimidade, é o povo que tem o direito de governar para seu próprio bem (CHARAUDEAU, 2011, p.73).

O primeiro tipo pode ser de natureza *sagrada*, de ordem *social* ou de ordem biológica; o segundo perpassa por um imaginário de legitimidade por intermédio de uma formação profissional, ou seja, ele é acompanhado da ideia de que o ato de governar só pode ser assegurado pelas *elites*; já a legitimidade por mandato, visa transformar-se em legitimidade *representativa* – trata-se de uma soberania provisória, podendo ela ser questionada a qualquer momento por aqueles mesmos que a outorgaram (CHARAUDEAU, 2011).

Vale ressaltar que cada um desses tipos de legitimidade está alicerçada sobre uma ambiguidade, em alguns momentos exercida de maneira ambivalente, mediante um jogo onde povos e soberanos sejam dependentes uns dos outros. Na concepção do autor, a legitimidade política é sempre o resultado de um olhar social que reflete os valores em nome dos quais se funda, quer ela proceda de uma filiação, de uma formação, de um mandato ou quer seja instituída de fato.

2.7 ARTIFÍCIOS DO DIZER NO DISCURSO POLÍTICO

De acordo com Charaudeau (2011) o eleitor vota em um político mais em razão de sua imagem do que em razão de seu programa político. Devido à política ser um campo de domínio social onde se enfrentam relações de força simbólicas para a conquista e gestão de um poder, submeter-se a prova de persuasão é algo inevitável para desempenhar bem esse duplo papel de representante e de fiador do bem-estar social. Portanto, não é de se admirar que o político “procure construir para si a imagem de um antecessor benfeitor, capaz de unir a condição humana da realidade social a um invisível ideal social, pois ele deve retribuir ao povo esse porquê que o fez conferir-lhe um mandato: o benefício de uma “felicidade” (CHARAUDEAU, 2011, p.78-79).

Essa característica implica uma dupla posição – uma sempre tentando convencer a todos da relevância de seu projeto político e a outra, por sua vez, visando fazer o maior número possível de pessoas aderirem a esses valores, o político ainda precisa construir para si uma dupla identidade discursiva – uma que corresponda ao conceito político e a outra que corresponda à prática política. O primeiro equivale ao posicionamento ideológico do sujeito político; a segunda equivale à posição do sujeito no processo comunicativo – lugar das estratégias de gestão do poder. Essa singularidade, conforme o autor, sugere que o político deva ser capaz de inspirar confiança, admiração, ou seja, que saiba aderir à imagem ideal do líder que se encontra no imaginário coletivo das emoções e dos sentimentos.

Efetivamente, as estratégias discursivas empregadas pelos políticos para atrair a simpatia do público dependem de vários fatores: de sua própria identidade social, da maneira como ele percebe a opinião pública e do caminho que ele faz para chegar até ela, da posição dos outros atores políticos, quer sejam parceiros ou adversários, enfim, do que ele julgar necessário defender ou atacar: as pessoas, as ideias ou as ações (CHARAUDEAU, 2011, p.82).

Outra estratégia do político refere-se a reunir as elites em torno de um projeto de governo comum, para o qual convém estabelecer alianças com diferentes partidos e com diferentes setores dessas elites, e isso com a ajuda de promessas ou as ameaças. Segundo o autor, não é de se estranhar que o político faça uso de todas as estratégias possíveis para conquistar a adesão das pessoas a suas ideias, à sua pessoa, a seu programa e à sua política. Assim, mesmo não conseguindo atingir seu objetivo, o político encontra-se preso em uma

dramaturgia que o obriga a constituir para si um personagem – uma imagem de si – o qual faz com que esse *ethos*⁶ tenha características próprias.

Não existe um ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si. Quer queiramos ou não, calculemos ou neguemos, a partir do momento em que falamos, aparece (transparece) uma imagem daquilo que somos por meio daquilo que dizemos. Não se trata tanto de nosso posicionamento, do conteúdo de nosso pensamento, de nossa opinião, quanto daquilo que sobressai da relação que mantemos conosco e que oferecemos à percepção dos outros (CHARAUDEAU, 2011, p.86).

De acordo com o autor, um discurso tem a capacidade de produzir um efeito emocional em um auditório conforme a maneira como se combinarem três fatores: o primeiro refere-se à natureza do universo de crenças ao qual o discurso remete; o segundo refere-se à encenação discursiva que pode, ela mesma, parecer dramática, trágica, humorista ou neutra; o último refere-se ao posicionamento do interlocutor em relação aos universos de crenças convocados e o estado de espírito no qual ele se encontra.

O discurso político sempre estará relacionado com a paixão e com a razão, todavia também com a imagem. Por isso, o político precisa ter cuidado na hora de escolher os valores que nortearão a construção de seu discurso. Ele deve encontrar um equilíbrio entre as suas convicções e os valores da opinião pública. E ainda deve ser capaz de perceber as mudanças de opiniões e de valores que podem, no decorrer da história de um país, mudar. Em outras palavras, comenta o autor: simplificar não é uma tarefa fácil. É necessário reconhecer que o mundo é complexo, que o universo do pensamento é complexo, que o processo de construção das opiniões é complexo; sendo assim, simplificar é, na verdade, uma tentativa de reduzir essa complexidade à sua expressão mais simples. Daí, a afirmação de que a condição de simplicidade pressupõe sempre a perda de um pouco de verdade. Solicitando dela, o uso de um duplo procedimento – singularização e essencialização compreendidos da seguinte maneira, Charaudeau (2011, p.98, grifo do autor):

a *singularização* consiste em evitar a multiplicação das ideias, pois essa multiplicação pode confundir os espíritos não habituados à especulação intelectual; a *essencialização* consiste em fazer com que uma ideia seja inteiramente contida, reunida e condensada em uma noção que existiria em si, de maneira natural, como uma essência, independentemente de outra coisa que não ela mesma.

⁶ De acordo com Charaudeau & Maingueneau (2012, p.220), o termo *ethos* “designa a imagem de si que o locutor constrói em discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário.”

Esse duplo procedimento de singularização e de essencialização, afirma o autor, pressupõe a existência de *fórmulas* em que impacto e sucesso são variáveis. O fato é que quanto mais uma fórmula for precisa e carregada semanticamente, maior será seu poder de atração. Sendo assim, as figuras retóricas acabam funcionando como um instrumento poderoso, quando usadas por um político.

3 CORONELISMO E MEMÓRIA DA POPULAÇÃO ESPLANADENSE

A cultura coronelista, sem dúvida, faz parte da história do Brasil. Principalmente, nas cidades do interior. Trata-se de um “fenômeno de imediata observação para quem procure conhecer a vida política no interior do Brasil é o malsinado “coronelismo”. Não é um fenômeno simples, pois envolve um complexo de características da política municipal (LEAL, 1986, p. 19)”.

Segundo o autor, o historiador e filólogo professor Basílio de Magalhães apresenta em sua nota a origem da palavra “coronelismo”, explicitando que esse termo foi introduzido em nossa língua com uma acepção particular, possibilitando ser registrado como “brasileirismo” nos léxicos do lado de cá do Atlântico, isso por conta da remota origem do seu sentido translato aos autênticos ou falsos “coronéis” da extinta Guarda Nacional⁷. O fato é que além dos que realmente ocupavam na Guarda Nacional tal posto, o tratamento de “coronel” passou a ser dado pelos sertanejos a todo e qualquer chefe político. Outro fato importante, refere-se ao nascimento da Guarda Nacional, ela nasce em 18 de agosto de 1831, consagrando o Padre Diogo Antônio Feijó como seu pai espiritual. Desde então, a lei passou a ficar sujeita ao ministro da justiça, logo em seguida foram extintos os corpos de milícias, de ordenanças e as guardas municipais, as quais dependiam do ministro de Guerra. Ainda segundo o comentário de Basílio de Magalhães na nota de rodapé (p.21),

eram, de ordinário, os mais opulentos fazendeiros ou os comerciantes e industriais mais abastado, os que exerciam, em cada município, o comando-em-chefe da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que a direção política, quase ditatorial, senão patriarcal, que lhes confiava o governo provincial. Tal estado de coisas passou da Monarquia para a República, até ser declarada extinta a criação de Feijó. Mas o sistema ficou arraigado de tal modo na mentalidade sertaneja, que até hoje recebem popularmente o tratamento de “coronéis” os que têm nas mãos de comando da política edilícia ou os chefes de partidos de maior influência na comuna, isto é, os mandões dos corrilhos de campanário.

⁷ Na perspectiva de Fertig (2010), a Guarda Nacional pode ser compreendida como milícia criada em 1831 pelo Império do Brasil e composta por todos os homens brasileiros que tivessem entre 21 e 60 anos de idade e que pudessem votar nas eleições. Essa milícia serviu de alicerce político-institucionais da construção do Estado nacional no Brasil do século XIX.

Na visão de Leal (1986), o “coronelismo” deve ser compreendido como um produto da superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada. Ele é, sobretudo, uma forma própria de manifestação do poder privado – uma adaptação cujos resíduos do nosso antigo poder privado têm conseguido conviver com um regime político de extensa base representativa.

O “coronelismo” é, sobretudo, um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras. Não é possível, pois, compreender o fenômeno sem referência a nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil (LEAL, 1986, p. 20).

Nesse sentido, um aspecto que chama atenção é o da liderança, com a figura do “coronel” ocupando o lugar de maior destaque. Mas, pode-se observar que nem sempre os chefes políticos municipais são realmente autênticos “coronéis”. Por conta da difusão do ensino superior no Brasil, iniciou-se uma produção significativa, por todo o Brasil, de médicos e advogados cujos dons de comando os habilitam à posição de chefia. Esses mesmos “doutores”, quase sempre, são parentes ou pessoas próximas à família do “coronel”.

Diante da extrema situação de miséria, pode se dizer que todo coronel é rico. Mas, nos dias atuais ainda existem muitos fazendeiros sem boa disponibilidade financeira: alguns cortejam os bancos e demais credores, com o intuito de deixar suas atividades lucrativas; outros têm gado penhorado ou a terra hipotecada. Na cidade do interior, a maior parte dos fazendeiros vive sem conforto - às vezes água encanada, instalações sanitárias e luz elétrica ainda continuam inacessíveis. No entanto, o roceiro vê sempre na figura do “coronel” um homem rico, mesmo que não o seja. Segundo Leal (1986), na hora do aperto o roceiro recorre ao “coronel”, comprando fiado no seu armazém para pagar com a colheita, ou pedindo dinheiro para outras necessidades, sob as mesmas condições.

Para Faoro (1997), se a riqueza é substancial à construção da pirâmide, não é fator necessário, uma vez que pode haver coronéis remediados, desprovidos de terras, embora impossível a corporificação no pobre ou no dependente, destituído de sua posição a arbítrio alheio. Em geral, o coronel não manda porque tem dinheiro, mas porque lhe reconhece esse poder, num pacto não escrito. Em suma, “o vínculo que lhe outorga poderes públicos virá, essencialmente, do aliciamento e do preparo das eleições, notando-se que o coronel se avigora

com o sistema da ampla atividade dos cargos, por semântica e vazia que seja essa operação” (FAORO, 1997, p. 700).

Na acepção de Leal, para se compreender melhor a influência política dos fazendeiros, tão importantes no mecanismo da liderança local, cumpre examinar alguns aspectos da distribuição da propriedade e da composição das classes na sociedade rural do Brasil. A concentração da propriedade ainda é, nos dias atuais, o fato dominante em nossa vida rural.

Apesar da sua obra mapear a situação do “coronelismo” no estado de São Paulo, o resultado do estudo auxilia na compreensão da estrutura e do processo do “coronelismo” do Brasil como um todo. De modo geral, a situação dos pequenos proprietários não é fácil em nosso país, sobretudo quando em contato com a propriedade latifundiária. A pouca produtividade do solo agrava ainda mais essa precariedade, quando o parcelamento da terra foi motivado pela decadência das fazendas.

Para compreender a cultura da liderança municipal é importante que se fale sobre os favores pessoais de toda ordem, desde a empregabilidade pública aos mínimos favores: pagar uma conta de luz, água, comprar um remédio, material de construção, obtenção de documentos (RG, CPF e título de eleitor), só para citar alguns deles. Esse tipo de prática leva a liderança a desenvolver uma prática alicerçada na cultura paternalista, onde é comum

negar pão e água ao adversário. Para favorecer os amigos, o chefe local resvala muitas vezes para a zona confusa que medeia entre o legal e o ilícito, ou penetra em cheio domínio da delinquência, mas a solidariedade partidária passa sobre todos os pecados uma esponja regeneradora. A definitiva reabilitação virá com a vitória eleitoral, porque, em política, no seu critério, “só há uma vergonha: perder”. Por isso mesmo, o filhotismo tanto contribui para desorganizar a administração município (LEAL, 1986, p.39).

Conforme o autor, a generalizada incultura do interior – cópia amplificada da incultura geral do país é um dos principais motivos dessa desorganização, ou seja, se o governo federal tem dificuldade para conseguir funcionários qualificados, os municípios, por conta da estrutura social e econômica, a situação é ainda pior. Todavia, o despreparo do interior esclarece apenas uma parte da anarquia administrativa observada em muitos municípios. Pois não se pode esquecer do filhotismo, o qual convoca muitos agregados para a “gamela” municipal, sem falar da utilização do dinheiro, dos bens e dos serviços do governo municipal nas grandes disputas eleitorais. Também não se pode esquecer a outra face do filhotismo – o

mandonismo – prática de perseguir seus adversários, ou seja, “para os amigos pão, para os inimigos pau” (LEAL, 1986, p.39), ou segundo Magalhães (1986, p.39) na nota de rodapé: “aos amigos se faz justiça, aos inimigos se aplica a lei”. Sendo assim, as relações do chefe local com seu adversário dificilmente são amistosas.

Também é importante reconhecer que a rarefação do poder público em nosso país contribui de forma significativa para preservar a construção das imagens dos “coronéis”, visto que, por conta dessa realidade, ficam em condições de exercer, extra-oficialmente, grande número de funções do Estado em relação a seus dependentes.

A lista dos favores não se esgota com os de ordem pessoal. É sabido que os serviços públicos do interior são deficientíssimos, porque as municipalidades não dispõem de recursos para muitas de suas necessidades. Sem o auxílio financeiro do Estado, dificilmente poderiam empreender as obras mais necessárias, como estradas, pontes, escolas, hospitais, água, esgotos, energia elétrica. Nenhum administrador municipal poderia manter por muito tempo a liderança sem realizar qualquer benefício para sua comuna. Os próprios fazendeiros, que carecem de estrada para escoamento de seus produtos e de assistência médica, ao menos, rudimentar, para seus empregados, acabariam por lhe recusar apoio eleitoral. E o Estado – que, por sua vez, dispõe de pouco recursos, insuficientes para os serviços que lhe incumbem – tem de dosar cuidadosamente esses favores de utilidade pública. O critério mais lógico, sobretudo por suas consequências eleitorais, é dar preferências aos municípios cujos governos estejam nas mãos dos amigos. É pois, a fraqueza financeira dos municípios um fator que contribui, relativamente, para manter o “coronelismo”, na sua expressão governista (LEAL, 1986, p.45).

A primeira observação de quem estuda o “coronelismo” é atribuí-lo à hegemonia social do dono de terras. Todavia é necessário estender essa hegemonia apenas em relação aos dependentes da sua propriedade, os quais constituem o seu maço de *votos de cabresto*⁸. A melhor maneira de se perceber o “coronelismo” como uma “doença” é observar que ele não se apresenta como manifestação de vitalidade dos senhores rurais, mas como sintoma de decadência - o que se verifica neste fato é que ele alimenta-se do sacrifício da autonomia municipal para sobreviver.

⁸ Pode ser compreendido como um sistema tradicional de controle de poder político por meio do abuso de autoridade, compra de **votos** ou utilização da máquina pública. É um mecanismo muito recorrente nos rincões mais pobres do Brasil como marcas do coronelismo.

Para Faoro (1997), a ideia de autonomia do município vem desde o projeto constitucional do Governo Provisório, que assegurava a eletividade da administração local, em expressivo traço da autonomia do município. Segundo o artigo 68 da Constituição de 1891 – “os Estados organizar-se-ão de forma que fique assegurada a autonomia dos municípios, em tudo quanto respeite ao seu peculiar interesse” (FAORO, 1997, p. 628). Mas em 1920, Francisco Campos, na Assembleia Legislativa (então chamada Câmara dos Deputados de Minas Gerais) levanta um tema diferente - a autonomia do município deixou de existir, uma vez que os interesses econômicos se generalizam subordinados à tutela, aos cuidados e à responsabilidade do Estado. Esse fato gera vários problemas, um deles é o imobilismo político municipal

realizando, pela máquina pneumática da fraude e da opressão, em torno do poder, o vácuo impenetrável, que isola do povo a administração, e transforma as nossas *escolas primárias de civismo* nesse espetáculo de inércia, de passividade, de indiferença, de desinteresse e de desilusão democrática, que é o estado de espírito dos municípios em relação a seu governo local (CAMPOS, 1956, p. 432 apud FAORO, 1997, p. 627).

Acerca desse ponto Leal (1986) apresenta um comentário interessante – nem todos os “coronéis” e nem todos os chefes de facções municipais são aliados do oficialismo estadual. É comum muitos estarem na posição de oposição como se vê na maioria dos municípios. Mas por conta da situação de oposição ser muito desconfortável, de modo geral, a regra é ficar na oposição apenas quem não pode ficar com o governo. De modo geral, as prefeituras estão, quase sempre, preocupadas em apoiar o governo e nele se sustentar.

o maior mal que pode acontecer a um chefe político municipal é ter o governo do Estado como adversário. Por isso, busca seu apoio arduamente. As eleições municipais constituem peijas tão aguerridas em nosso país, justamente porque é pela comprovação de possuir a maioria do eleitorado no município que qualquer facção local mais se credencia às preferências da situação estadual. A esta, como já notamos, o que mais interessa é ter nas eleições estaduais e federais, que se seguirem, maior número de votos, com menor dispêndio de favores e mais moderado emprego da violência. Apoiar a corrente majoritária é, pois, o meio mais seguro de obter esse resultado, inclusive porque a posse do governo municipal representa, para ela e para o governo estadual, um fator positivo nas eleições, balança em que tanto pesam o dinheiro público e os benefícios de procedência oficial (LEAL, 1986, p. 49.)

Não precisa ser um especialista para verificar que essa fórmula ainda é a mesma. As inferências acerca do coronelismo continuam válidas. Na concepção de Leal (1986), a essência do compromisso “coronista”, funciona da seguinte maneira: da parte da situação

estadual dada carta-branca ao chefe local governista (dando preferência ao chefe da facção local majoritária) em todos os assuntos relativos ao município; da parte dos chefes locais, é dado absoluto apoio aos candidatos do oficialismo nas eleições estaduais e federais.

Para o autor, o problema verdadeiro municipal no Brasil é a falta de autonomia, e não o da autonomia, a qual seria importante para melhorar o desenvolvimento de um espaço democrático, conforme os ideais da nossa constituição. Não são poucos os municípios que se encontram atrofiados, os reflexos dessa situação podem ser percebidos a partir das limitações ao princípio da eletividade de sua administração, do excesso de cargos, da privação orçamentária etc. Mas em contrapartida, verifica-se que ao lado da ausência de autonomia *legal*, os chefes municipais governistas usufruíram de uma significativa autonomia *extralegal*. É através dessa autonomia extralegal a qual consiste a carta-branca que o governo outorga aos correligionários locais, por conta da sua prestação no compromisso característico do “coronelismo”. Ainda é por conta dessa mesma carta-branca que os governantes estaduais dão o seu concurso ou ignoram quase todos os atos do chefe municipal, deixando correr livre a arbitrariedade de sua gestão. É

por virtude dessa completa inversão de papéis, é evidente que, em regra, os candidatos aos cargos municipais sufragados pela maioria do eleitorado não resultam de uma seleção espontânea, mas de uma escolha mais ou menos forçada. Se os candidatos ao governo municipal, que forem apoiados pelo governo estadual, são os que têm maiores oportunidades de fazer uma administração proveitosa, esse fato já predispõe decisivamente grande número de eleitores em favor do partido local governista. Em tais circunstâncias, mesmo as eleições municipais mais livres e regulares funcionarão, frequentemente, como simples chancela de prévias nomeações governamentais. Autêntica mistificação do regime representativo (LEAL, 1986, p. 52).

Em outras palavras, para Leal (1986), a “vista-grossa” que os governos estaduais sempre fizeram sobre a administração municipal, deixando de valer sua influência para moralizá-la, fazia parte da práxis “coronelista”. Em suma, o governo estadual pagava um preço caro em troca de apoio eleitoral dos chefes municipais, era, portanto, uma condição objetiva para que esse apoio recíproco correspondesse aos fins cobiçados pelo governo estadual.

3.1 A ELETIVIDADE DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

Segundo o dicionário Houais (2001), o termo eletividade, equivale a uma qualidade de adjetivo, do que é realizado por eleição; escolha. Aqui cabe uma reflexão sobre o processo inicial da eletividade da administração municipal. Uma vez que, segundo Leal (1986), desde seu nascimento, a eletividade sempre foi, entre nós, muito mais sólida em relação à câmara municipal do que no tocante aos prefeitos. Durante os períodos da colônia e do Império, não existia o executivo local como órgão diferenciado e autônomo⁹. Referente à república, com a figura do prefeito, essa importância diminuiu, todavia não deixaram de existir controvérsias políticas e doutrinárias acerca da verificação dos poderes dos vereadores, problema inseparável do cenário da eletividade.¹⁰ Assim, “o princípio da eletividade das câmaras respondia, em grande parte, às conveniências da Coroa, e as próprias Ordenações se preocupavam em impedir que os eleitos recusassem o mandato” (LEAL, 1986, p.108), prática muito comum na época. Todavia, a mesma preocupava-se em fazer com que as câmaras não se fortalecessem além da medida desejável.

Segundo o autor, a eletividade da câmara municipal foi mantida na constituição do império, e por sequência, na lei de 1º outubro de 1828. Comentando a opinião de Castro Nunes, começa aí “a fase verdadeiramente brasileira da história municipal no Brasil”, pois “até então o que havia entre nós era o município português, transplantado para cá” (LEAL, 1986, p.110),

De acordo com Faoro (1997, p.621),

A transição no setor do comando se faz gradualmente. O sistema imperial, como largamente se discorreu, parte do centro, com os nomeados e não eleitos presidentes de província, em regra ativos apenas na fase eleitoral, com apoio do instrumento manipulado verticalmente, a partir da corte, – a Guarda Nacional –, ajudado no domínio dos meios locais de compreensão e fraude. Nos primeiros arrancos republicanos, com o Exército na chefia do governo e nomeados os governadores – nomeação que ainda será a regra com Floriano –, a estrutura não sofre alterações. A dinâmica do regime, eletivos os cargos, sobretudo o cargo de governador, leva a deslocar o eixo decisório para os Estados, incólumes os grandes, cada dia mais, à interferência do centro, garantindo-se e fortalecendo-se este com o aliciamento dos

⁹ Leal (1986) comenta que nem sempre se teve um órgão municipal que centralizasse as funções executivas, apesar de que, durante o império, algumas o tenham criado, recorrendo a leis de breve duração, além de muitas tentativas para tentar implantar na legislação geral a figura de um prefeito ou administrador local.

¹⁰ Acerca desse ponto, o autor cita que no regime de 1891, as condições de elegibilidade, os requisitos da qualificação e o processo eleitoral nas eleições municipais não eram regulares em todo o país. De modo geral, o que se tinha era restrições à autonomia municipal por conta do controle do Estado no pleito, através de emprego de dinheiro público, favores, coação, pela interferência da política estadual dominante na composição eletiva dos órgãos municipais por meio do reconhecimento ou verificação de poderes.

pequenos, num movimento que culmina na política dos governadores. Dentro de tal seqüência, é que se afirma o coronelismo, num casamento, cujo regime de bens e relações pessoais será necessário determinar, com as oligarquias estaduais.

Com a crise da República, seu declínio era inevitável, algumas décadas depois. Isso demonstra que o coronelismo não é uma prática nova. Nova, comenta Faoro, será sua coloração estadualista e sua emancipação no agrarismo republicano. A década de 20 marca o fim do governo republicano, pois

na madrugada de 5 de julho de 1922, governando Epitácio Pessoa e já eleito Artur Bernardes, os disparos do forte de Copacabana anunciam o fim da República Velha. Os jovens militares antecipam, dois quadriênios, uma data necessária, embora não irremediável nos termos em que aconteceria. Este ciclo, que começa com a pólvora, com pólvora se fechará, depois que um tiro paralisar um coração de um presidente – presidente, ex-chefe revolucionário e ex-ditador (FAORO, 1997, p.663).

Após uma década do fim da república, o autor explicita que a constituição de 16 de julho de 1934 deveria por fim ao movimento revolucionário. Pois as reivindicações liberais, com o matiz que vinha das contestações da década de 20, foram atendidas. O desejo era que pleito fosse livre, formalmente livre, com a supervisão judicial e o voto secreto. Entretanto, com todas as intervenções e os partidos manipulados pelos agentes do governo federal, o coronelismo, sem deixar de existir, se anulava, ficando dependente dos governos estaduais, que podiam lhe negar pão e água (FAORO, 1997).

Na visão do autor, o patriciado, despido de brasões, de vestimentas ornamentais, de casacas ostensivas, governa e impera, uma vez que a pressão da ideologia liberal e democrática não quebrou, na verdade, ela diluiu. Sendo assim, mesmo na transação aristocrático-plebéia do elitismo moderno, o patronato político sobre a nação continuou vivo.

O Poder – a soberania nominalmente popular – tem donos, que não emanam da nação, da sociedade, da plebe ignara e pobre. O chefe não é um delegado, mas um gestor de negócios, gestor de negócio e não mandatário. O Estado, pela cooptação sempre que possível, pela violência se necessário, resiste a todos os assaltos, reduzido, nos seus conflitos, à conquista dos membros graduados de seu estado-maior. E o povo, palavra e não realidade dos contestatários, que quer ele? Este oscila entre o parasitismo, a mobilização das passeatas sem participação política, e a nacionalização do poder, mais preocupado com os novos senhores, filhos do dinheiro e da subversão, do que com os comandantes do alto, paternais e, como o bom príncipe, dispensários de justiça e proteção. A lei, retórica e elegante, não o interessa. A eleição, mesmo formalmente livre, lhe reserva a escolha entre opções que ele não formulou (FAORO, 1997, p.748).

Para Leal (1986), o “coronelismo” não acabou, ele tem a possibilidade de se renovar. O coronelismo ganha novas formas - a nomeação de prefeitos, apesar de não apresentar uniformidade nos diversos Estados no regime de 91 e como regra absoluta nos períodos de ditadura, tem representado, portanto, um elemento decisivo no amesquinamento dos municípios. Pois,

o poder privado dos “coronéis” – que a instituição dos prefeitos de nomeação, doutrinariamente, visava destruir – não desapareceu: acomodou-se para sobreviver. A morte aparente dos “coronéis” no estado novo¹¹ não se deve, pois, aos prefeitos nomeados, mas à abolição do regime representativo em nossa terra. Convocai o povo para as urnas, como sucedeu em 1945, e o “coronelismo” ressurgirá das próprias cinzas, porque a seiva que o alimenta é a estrutura agrária do país (LEAL, 1986. p.134).

A expressão, “ressurgirá das próprias cinzas”, citada acima, nos faz pensar que durante a ditadura o coronelismo desapareceu. Todavia, o que se observa é o coronel, como passado, comandando jagunços, e se preciso for, atacando ou se defendendo, como permite as condições sociais do próprio local. Em suas mãos, vamos encontrar o progresso da região, através de favores pagos a custo de votos. (FILHO, 1986, nota p.134)

De acordo com o prefácio¹² escrito por Barbosa Lima Sobrinho, a Guarda Nacional, criada em 1831, com o objetivo de substituir as milícias e ordenanças do período colonial, estabeleceu uma hierarquia, onde a patente de coronel correspondia a um comando municipal ou regional. Todavia, continuava dependente do prestígio econômico ou social de seu titular, o qual raramente deixaria de figurar entre os proprietários rurais.

Na perspectiva de Sobrinho, as patentes representavam prestígio real, alicerçada numa estrutura social marcada por uma profunda hierarquização, semelhante às sociedades de bases organizadas sobre a cultura escravista. Na tentativa de sobreviver, o “coronelismo” vai se metamorfoseando, adequando às necessidades de cada época. Assim, o “coronelismo” correspondente ao período de 1975, não foi o mesmo de 1949, comenta o autor. É comum o fenômeno social, no decorrer do tempo, sofrer por mudanças, numa evolução natural, típico da dinâmica social. O “coronelismo” vem a cada momento histórico, recuando e cedendo

¹¹ Nota, p. 134: “Politicamente falando o interior é zero. O “coronelato” é coisa do passado” – escrevia Olímpio Guilherme, em 1944 (“O campo e a cidade”).

¹² Prefácio de Barbosa Lima Sobrinho Acerca da obra “Coronelismo, enxada e voto” de Victor Leal.

espaços às novas lideranças, em torno de profissões liberais, de indústria ou de comércio. Todavia isso não significa seu fim. A cultura coronelista continua viva,

...apoiada aos mesmos fatores que a criaram ou produziram que importa que o “coronel” tenha passado a doutor? Ou que a fazenda se tenha transformado em fábricas? Ou que seus auxiliares tenham a assessores ou a técnicos? A realidade subjacente não se altera, nas áreas a que ficou confinada. O fenômeno do “coronelismo” persiste, até mesmo como reflexo de uma situação de renda, em que a condição econômica dos proletários mal chega a distinguir-se da miséria. O desamparo em que vive o cidadão, privado de todos os direitos e de todas as garantias, concorre para a continuação do “coronel”, arvorado em protetor ou defensor natural de um homem sem direito (LEAL, 1986, p. 135, grifo do autor)

Os cidadãos que vivem no interior do Estado da Bahia, principalmente, os mais desprovidos de recursos, ainda se deparam com a figura do “coronel” nos dias atuais, pois a dificuldade para sobreviver numa sociedade brasileira cuja estratificação social ratifica a hegemonia dos que têm mais prestígio e dinheiro, ainda é muito expressiva. Os cidadãos desprovidos de “poder”, que teoricamente deveriam ter todos os seus direitos assistidos, conforme o modelo político constituído num modelo democrático, sentem-se subalternos do poder local.

3.2 DADOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA CIDADE DE ESPLANADA

Esplanada é um município que nasceu sob as influências das pessoas de prestígio, de coronéis e da cultura cristã. O marco inicial é a construção do trecho da estrada de ferro Bahia – São Francisco, até a cidade de Alagoinhas. Segundo Faria (1998)¹³, no lugarejo chamado Pedras, próximo à fazenda Quinhambinda, os Engenheiros encontraram dificuldades construir uma pequena ponte por conta dos riachos existentes nas fazendas Jiboia, Vertente e Cabenguelê e dos terrenos acidentados¹⁴. Devido à boa vontade do Coronel Euzébio Leal¹⁵,

¹³ Escritor e advogado Hildeth Cardoso de Faria, residiu em Esplanada durante quase toda sua vida.

¹⁴ Assim como Faria, Dona M. G. D. também gostava da história do município de Esplanada. Não chegou a publicar um livro, mas deixou um manuscrito, finalizado com a data 4 de setembro de 1972, onde trata da história cidade e de alguns relatos que confirmam as informações do autor. Segundo M. G. D, o município de Esplanada tem seu marco inicial a partir de 1884, por conta da construção do ramal de alagoinhas à povoação do Timbó – “Arraial de São Francisco”. Segundo essa moradora, os engenheiros não foram bem sucedidos nessa exploração, alegaram que os custos seriam muito elevados. Pouco depois, eles ficaram interessados nos 15 quilômetros de reta num planalto coberto de uma bela vegetação de mangabeiras, cajueiros, Massarandubas, aroeiras, entre outras espécies. Essa área pertencia aos coronéis Sebastião do Negro do Mato e Chico Dias do Riacho Malombê. Depois descobriram na encosta de 4 quilômetros do Timbó, uma nascente, após analisar a

construíram um pequeno escritório em sua fazenda Cunhas e um corte – denominado pelo pessoal da estrada como “corte grande”, cujo objetivo era viabilizar a locomoção. Um pouco depois construíram outro escritório próximo de onde deveriam ficar os trilhos. Edificaram galpões e alojamentos, passado mais algum tempo, construíram a estrada até o Timbó e a estação, no centro da praça.

A casa grande da Baixinha, quase secular, ainda habitada, deve ser preservada e/ou tombada como um Monumento Histórico, que sempre foi um marco divisório das duas povoações. Quando surgiram as pseudo-guerrilhas, na ocasião em que o povo do Timbó se rebelou contra os trabalhadores da linha férrea, jamais houve contenda na área da baixinha, porque o Coronel Benício era muito respeitado e acalmava os ânimos, tanto que só depois os operários se aproximaram do comércio é que eram atacados violentamente (FARIA, 1998, p.11).

Os habitantes do Timbó haviam criado uma grande expectativa em torno da construção da linha férrea, percebia-se quase um clima de festa, acreditando que Esplanada seria uma cidade melhor por causa desse acontecimento. Mas, como houve mudança no projeto e a estação acabou ficando muito longe, isso fez, segundo Faria (1998) com que o povo ficasse revoltado. Esse clima de tensão durou um bom tempo, talvez porque ele era alimentado pelos coronéis, que incentivaram os escravos juntarem-se aos habitantes proibindo-se, de qualquer maneira, até que o engenheiro-chefe da Companhia – Dr. Teive e Argolo, tomou providências enérgicas e conseguiu acalmar os ânimos dos envolvidos¹⁶. Uma estação foi construída no timbó por causa do riacho nascente na encosta do povoado. O local já aparentava ser um arraial, antes mesmo da estação ficar pronta. Com a inauguração da estação, houve uma grande mudança, pois o arraial se transformou em um povoado. Por conta da facilidade do novo transporte, muitas famílias mudaram-se para o povoado e construíram

água, descobriu-se que ela continha cálcio, ferro, entre outros minerais. Por isso, trataram de edificar a estação próxima a nascente.

¹⁵ O Coronel Euzébio Leal faz parte da história do município de Esplanada, pois o mesmo já residia na localidade, quando o município ainda era um povoado.

¹⁶ A moradora M.G.D. confirma que houve um movimento revolucionário entre o povo do Timbó e os garimpeiros por conta da construção da Estação. Segundo seu manuscrito: “os coronéis do Timbó proibiram que os garimpeiros fizessem feira no arraial do Timbó.” Esse conflito foi marcado por derramamento de sangue e mortes. Comenta que só depois da intervenção do engenheiro chefe Dr. Teive e Argolo os ânimos foram acalmados. A inimizade prolongou-se por muitos anos, tendo seu fim quando Monsenhor Zacarias Luz tomou a frente do curato.

suas casas, o garimpeiro Manuel Curió, natural do Timbó, foi o primeiro a construir sua casa, mais tarde vendida ao Major Tadeu¹⁷.

Para Faria (1998), não se pode falar de Esplanada sem falar de D. Dejanira Viterbo dos Reis, ou como era popularmente conhecida – D. Dêja, considerada a pioneira da Religião Católica em Esplanada e zeladora mais dedicada da Igreja, inaugurada desde a Estação Rodoviária.

Através do convite do Monsenhor Zacarias Luiz, aqui chegam os frades Frei Caetano de Vilanati e Frei Gabriel de Cagli para realizar a Primeira Missão no Timbó, promovida pelo Vigário, com o objetivo de por fim a inimizade que havia entre as duas localidades. O coronel Adolfo Ribeiro Guimarães era muito influente na vida do povoado que crescia rapidamente. Sua popularidade também tinha chegado na capital do Estado, bem conhecido e relacionado no comércio baiano. No entanto, em 31 de maio de 1914 o coronel sofreu uma tentativa de assassinato pelos Pedro Apóstolo, Barracho e Leobino a mando fazendeiro Ampliato Vieira da Costa. O coronel escapou da emboscada, mas sua companheira e criança morreram.

Faria (2014) também comenta um crime político no município de Esplanada:

Esplanada foi palco de um crime político, perdendo a vida uma senhora da sociedade, esposa do Cel. Guimarães, numa noite em que Grêmio do Mons. Zacarias apresentava uma Peça Teatral, repleto de pessoas que deixavam a peça em pânico, havendo uma correria, tendo minha tia tomado um rumo diferente da residência, indo chegar em casa às três horas da madrugada, pelos fundos, apavorada e sem poder contar o que houve, e eu bem pequeno, chorava muito, (me contaram) parecendo que eu estava sentindo pavor pelo aconteceu, quando na verdade, de nada tinha noção.” (FARIA, 2014, p. 113)

Esse não foi o único caso de crime, envolvendo a política local. Há, sem dúvida, outros casos, por conta da disputa pelo poder político, algumas vezes chegando ao extremo, como no caso citado¹⁸.

¹⁷ Conforme as palavras da M.G.D., “depois de inaugurada a estação em 31 de março de 1887, com o nome de Esplanada do Timbó, no dado pelos engenheiros, tornou-se um arraial habitado por pessoas de várias origens.” Ela também se preocupou em citar as seguintes informações acerca do nascimento da cidade: 1ª casa construída pelo garimpeiro Manuel Curió – filho do Timbó, mas depois vendeu para o Major Tadeu; 1º agente da estação: João Leitão de “Plataforma”; 1º chefe de trem: Manuel do Carmo de “Igreja Nova”; 1º Médico: Dr. Álvaro Breno de Brito; 1º farmacêutico: Dr. José Penalva, entre outros, não citados aqui.

¹⁸ A Senhora M. G. D. também comenta esse crime, segundo ela, foi o dia em que o Monsenhor Zacarias estava comemorando suas bodas de prata de sacerdócio. Após ter datado seu manuscrito, tem-se mais uma folha com a seguinte informação: “Dr. Lasdislau Azevedo Cavalcante “Lili” assumiu comando prefeito de Esplanada pelo ditador Juraci Montenegro Magalhães, no dia 16 de Dezembro de 1937 a 1945.” Em 1943, ocorreu outro crime

Desde o período em que a cidade Esplanada ainda era um arraial, a cultura coronelista tem-se valido, muitas vezes, da força da cultura cristã, buscando sobreviver. Sendo assim, ao analisar o discurso político da localidade, deve-se pensar, primeiramente, nos dados sócio-históricos da população esplanadense.

3.3 MARCAS DA CULTURA CORONELISTA E CRISTÃ CATÓLICA

O Frei José de Monsano, recém chegado da Itália, instala-se no Convento dos Capuchinhos com o objetivo de recuperar sua saúde, a qual estava bem debilitada. O Frei José de Monsano virou uma figura quase lendária da história de Esplanada. Segundo contam, o Frei foi preso injustamente, no município de Entre Rios, por vingança de um Delegado de Polícia, devido a um comentário realizado na Missa – no dia do aniversário de Getúlio Vargas, denunciando-o ao Secretário de Segurança Pública, o qual mandou escoltá-lo – preso – para Salvador. Outro fato importante comentado pelo autor é que

Esplanada se tornou o centro da Região por onde transitavam mercadorias de municípios vizinhos, por causa do meio de transporte ferroviário, que facilitou a remessa de tudo que vinha do nordeste, para a capital, quando, anteriormente, esta parte do Brasil vivia muito isolada, tornando-se, assim, mais atrasada e, até hoje, sente-se que a Região Sul foi mais beneficiada pelo progresso (FARIA, 1998, p. 46-47)

Depois desse apanhado, o autor também comenta que em 1932, instaurou em São Paulo, um levante militar sob o comando do General Isidoro Dias Lopes. Por conta de vários policiais terem sido convocados para reforçar a guarda, muitos municípios ficaram sem policiamento, completamente desguarnecidas, dando oportunidade para o grupo de Lampião adentrar em vários município do Estado Bahia – entre uma delas foi a cidade de Queimadas – onde foram assassinados quatro soldados – o Cabo Justino, que tinha família em Esplanada, foi um entre as vítimas. No mesmo período a cidade, a população ficou assustada com a notícia de que Lampião passaria por Inhambupe, Alagoinhas, Entre Rios, Esplanada, Cipó e Nova Olinda, até chegar na praia do Conde. Todavia, tudo não passou de um grande susto, pois Lampião sumiu, pois teria se refugiado no Raso da Catarina.

envolvendo três pessoas, crime esse que nunca foi esclarecido, segundo a moradora, consequência da política do Dr. Lasdislau Azevedo Cavalcante.

Em 1994, Farias publicou seu segundo livro - “Oitenta anos de minha vida – reminiscências”, trata-se de uma autobiografia; a partir dela é possível conhecer fatos e relatos da história do município de Esplanada, assim como de outros municípios por onde ele passou.

Nessa obra o autor comenta que quase toda a população, colaborou trabalhando na construção do hospital de São Francisco e São Vicente de Paula. O autor não pegou numa colher de pedreiro ou preparou massa para suspender paredes, porem carregou muitos tijolos da margem da linha férrea, às noites, a população em geral, colaborava sob as ordens do Frei José de Monsano, o qual também carregava enormes pedras, assim como outros frades que ajudaram muito, todos dando tudo de si àquela Casa de Saúde, única casa existente até os dias de hoje.

O autor também fala que a década de 1920, foi o período em que Esplanada teve mais oportunidade, principalmente na educação e cultura, pois o município recebera os colégios dos Irmãos Maristas e das Freiras, substituindo os Colégios da Capital, para onde as famílias de melhores condições mandavam seus filhos.

Segundo Faria (1994), o Coronel de Paula Brito, após tomar conhecimento de que o hospital seria propriedade da Ordem Terceira, construiu um cemitério em frete à Santa Casa, para que, no futuro, ninguém quisesse se apoderar. Comenta que Esplanada era um município privilegiado em possuir uma única Religião – a católica – todavia, muitos acreditavam na existência de lobisomens, mula de padre e caapora.

Na mocidade, trabalhou como escrivão de casamento, participando de várias solenidades, passando a conviver com pessoas de “fino trato”, não demorando muito para conquistar a confiança dos magistrados da época. Na sua visão, o povo em geral é muito fácil de ser enganado. Qualquer “milagreiro” consegue chamar a atenção do povo.

A carência do nosso povo é tanta, principalmente no que se refere a sobrevivência e no campo da saúde, que um pobre um não pode nem entrar no hospital e muito menos comprar um simples remédio para dor de cabeça, apelando muitas vezes para os políticos em troca de um voto, como se vê abertamente com tantos que aproveitam a época das eleições para atacarem os candidatos (FARIA, 1994, P. 49).

Através da citação acima, observa-se que a carência do povo não é de agora. As condições precárias das pessoas, tornam-nas vulneráveis e reféns de si mesmas,

principalmente, para os que residem em municípios pequenos, carente de recursos e empregos.

Outro fato importante, descrito pelo autor, refere-se à construção de um aeroporto, no Timbó, em 1939, por conta da Guerra Mundial. O aeroporto serviu de campo de aviação de emergência, para aviões militares. O prefeito o incumbiu de representá-lo no Timbó, todas às vezes que pousasse um avião.

Aos oitenta anos, o autor fala sobre as desigualdades sociais no Brasil. No seu depoimento faz o seguinte comentário: “desde que me entendo, somente os privilegiados, no Brasil, têm vida boa, em desigualdades com milhares que tem vida ruim, faltando-lhes oportunidades” (FARIA, 1994, p. 151). Na sua visão a política vergonhosa das mordomias continua, ou seja, os Vereadores, Prefeitos, Governadores, Deputados e Senadores fazem o que bem querem, e todos sabem que chefe de Governo nada faz para por fim às irregularidades, a corrupção tem passe livre, mesmo nos respeitadas tribunais.

Por fim, relata que numa das eleições o convidaram para sair candidato a vereador, não aceitou, alegando vários motivos. Em outro momento o convidaram novamente, dessa vez aceitou, mas se aceitassem sua proposta:

Disse-lhes que fizessem uma colisão, sem ganância, e fossem, tão somente, apresentados candidatos que demonstrando patriotismo, como era de se esperar, e de logo, renunciassem os vencimentos de vereador, vez que não seríamos empregados da prefeitura e todos nós tínhamos independência e assim dávamos a nossa colaboração com plena independência e uma demonstração de filhos que desejam o progresso da cidade, e o que teria de ser gasto com os Vereadores, transferiria para a construção, urgente, de um Pronto Socorro gratuito que a cidade tanto necessita. Ficaram num beco sem saída e não mais tocaram no assunto. Hoje a primeira preocupação dos Vereadores é aumentar os vencimentos, pois todos ou quase todos financiam energia, água e remédios para os eleitores que vedem publicamente seus votos, reelegendo verdadeiros oportunistas (FARIA, 1994, p. 152).

A partir desse breve comentário, pode-se inferir que o coronelismo tem sobrevivido, mesmo nos dias atuais, uma vez que os donos do poder, no mundo moderno, representam de uma forma direta ou indireta, a perpetuação da cultura coronelista nas cidades do interior da Bahia, mas o presente *locus* de estudo é o município de Esplanada¹⁹. Como o discurso político

¹⁹ A professora L. D., assim como M. G. D. e Faria (1998), também se interessou pela história desse município. Professora aposentada tem tido o cuidado de levantar e guardar vários documentos, fotos e jornais sobre a história da cidade. Boa parte do material que ela conseguiu juntar, emprestou-me para o desenvolvimento do presente trabalho. Segundo seu levantamento, a vila de Esplanada foi criada em 1912, mas só ganhou autonomia em 1931, quando os intendentess passaram a ser prefeitos. Eis a ordem levantada dos primeiros intendentess,

é marcado por um jogo de máscara, o coronelismo vai se camuflando como um “camaleão”, adequando-se às práticas de relações de poder.

prefeitos nomeados e eleitos: 1º Com. Augusto Ribeiro, 2º Sr. Hermógenes Gomes do Nascimento, 3º Sr. Manuel Pacífico de Matos, 4º Sr. Mário Mendes de Carvalho, 5º Sr. Joaquim Macedo Cavalcanti, 6º Sr. Josias Macedo. Ordem dos prefeitos nomeados: 1º Dr. Virgílio Serra, 2º Dr. Alcides Brito, 3º Dr. Ladislau Cavalcanti, 4º Dr. Antônio da Costa Pinto Dantas, 5º Dr. João Seabra Veloso, 6º Dr. Pedro Moreira de Souza, 7º Dr. Orlando Batista Lins, 8º Dr. Erick Carvalho Lins, 9º José Moreira de Souza, 10º Sr. Aurelito Maciel de Oliveira. Prefeitos eleitos: 11º Asdrubal Machado de Oliveira, 12º Moisés Ávila de Almeida, 13º Asdrubal Machado de Oliveira, 14º José Hermano Batista Lins, 15º Dr. Antônio Gomes de Oliveira, 16º Dr. Fernando Grise, 17º Sr. Evaldo Angelo dos Santos, 18º Litercílio Mota Xavier, 19º Dr. Fernando Grisi, 20º José Aldemir da Cruz, 21º José Aldemir da Cruz, 22º Sr. Diolando Batista dos Santos.

4 ARGUMENTAÇÃO E O *ETHOS* DISCURSIVO EM MAINGUENEAU

Para os estudiosos da retórica e da argumentação, o Tratado da argumentação: a nova Retórica rompe com uma concepção da razão e do raciocínio, proveniente de Descartes.

Na concepção de Sena e Figueiredo (2013), os estudos da argumentação vêm sendo desenvolvidos, desde a antiga Retórica até os dias de hoje, por estudiosos de diversas áreas do saber, como filósofos, literatos, especialistas da linguagem e linguistas. No entanto, as autoras comentam que estes últimos passaram a exercer papel fundamental no desenvolvimento dos estudos da Teoria da Argumentação, pois desenvolveram diversos estudos sobre a dimensão argumentativa, a partir de uma perspectiva da língua.

De acordo com Perelman e Tyteca (2005), o ponto mais importante que cominou com a ruptura do tratado da argumentação com a Retórica tradicional foi pensar a maneira como Antiguidade lidava com a retórica e com a dialética.

Vale esclarecer que a dialética sempre tratou do verossímil. No entanto, percebe-se que Perelman e Tyteca (2005) ampliam, em certos pontos, os limites da retórica antiga. Pois, o objeto da retórica antiga era, sobretudo, a arte de falar em público de maneira persuasiva. Já no tratado da argumentação, o que se observa é uma preocupação com as questões acerca da estrutura da argumentação. Sendo assim, a obra não se limita ao exame da técnica do discurso oral, dando atenção, portanto, ao exame da escrita. O que é conservado da retórica tradicional é a noção de *auditório*²⁰, a qual é imediatamente evocada assim que se pensa num discurso. assim, os autores nos apresenta uma posição contrária à concepção clássica da demonstração e à lógica formal, está última se limitando ao exame dos meios de prova demonstrativos. Segundo Perelman e Tyteca (2011, p. 16),

Quando se trata de argumentar, de influenciar por meio do discurso, a intensidade de adesão de um auditório a certas teses, já não é possível menosprezar completamente, considerando-as irrelevantes, as condições psíquicas e sociais sem as quais a argumentação ficaria sem objeto ou sem efeito. Pois, *toda argumentação visa à*

²⁰ Na perspectiva de Perelman (2005, p.22), auditório é “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação.” Mas, esse termo também pode ser “empregado, muitas vezes, em concordância com o “ouvinte”, no entanto ele designa um receptor de comunicação oral obrigatoriamente coletivo: o conjunto de participantes presentes em uma situação na qual o orador se dirige a um público - conferência, comício político, colóquio, mesa redonda etc.(CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012).

adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual.

Essa afirmação ratifica a ideia de que, num dado momento, para haver argumentação, será necessário constituir uma comunidade efetiva dos espíritos, já que para argumentar, é preciso ter estima pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental. Não se pode esquecer que o ouvir alguém é mostrar-se disposto a aceitar-lhe porventura o ponto de vista. O contato entre o orador e auditório é essencial para todo o desenvolvimento da argumentação. Na perspectiva de Lima (2011, p.25),

a arte retórica requer (do retor) conhecimento e criatividade, pois não basta copiar e decorar fórmulas quando a vida prática tem sua margem de mistério e de imprevisibilidade; fatores estes que exigem mais do que a mera cópia de um modelo de discurso. Afinal, pela retórica aristotélica, aquele que discursa busca persuadir o ouvinte, e não necessariamente copiar para persuadir.

Logo, o conhecimento daqueles que se pretende conquistar é pois, uma condição necessária de qualquer argumentação.

É muito comum acontecer que orador tenha de persuadir um auditório heterogêneo, reunindo pessoas diferenciadas pelo caráter, vínculo ou funções. Ele deverá utilizar argumentos múltiplos para conquistar os diversos elementos de seu auditório. é a arte de levar em conta, na argumentação, esse auditório, heterogêneo que caracteriza um grande orador. (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 24)

O orador deve, portanto, preocupar-se com o parecer daqueles a quem a argumentação se dirige, pois é o auditório que determina o comportamento e a qualidade da argumentação. No entanto, o mesmo apresenta múltiplos problemas em virtude de sua variedade quase infinita. Para lidar com tal problemática, Perelman e Tyteca (2005, p. 33-34) propõem pensar em três tipos de auditórios:

o primeiro, constituído pela humanidade inteira, ou pelo menos por todos os homens adultos e normais, que chamaremos de auditório universal; o segundo formado, no diálogo, unicamente pelo interlocutor a quem se dirige; o terceiro, enfim, constituído pelo próprio sujeito, quando ele delibera ou figura as razões de seus atos.

Recorrendo a Retórica aristotélica, comenta que, conforme os gêneros do discurso – deliberativo, judiciário e epidíctico, o orador se propõe atingir finalidades diferentes: no primeiro, aconselhando o útil (o melhor); no segundo, pleiteando o justo; no terceiro, tratando do elogio ou da censura, preocupando-se apenas com que é belo ou feio. Por meio dessa

distinção, aos olhos de muitos teóricos do discurso, o gênero epidíctico, parecia limitar-se mais a literatura do que à argumentação. O fato é que os discursos epidícticos constituem uma parte central da arte de persuadir. Assim, segundo Perelman e Tyteca (2005, p.57): “os discursos epidícticos apelarão com mais facilidade a uma ordem universal, a uma natureza ou a uma divindade que seriam fiadoras dos valores incontestes e que são julgados incontestáveis”. Por conta dessas características que na epidíctica, o orador se faz educador²¹.

No tratado da argumentação também há uma defesa da tese de que o ponto de partida da argumentação é o acordo. Uma vez que o acordo “tem por objeto ora conteúdos das premissas explícitas, as ligações particulares utilizadas, ora a forma de servir-se dessas ligações; do princípio ao fim, a análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente admitido pelo ouvinte” (PERELMAN E TYTECA, 2005, p.75). Na argumentação existe diferentes tipos de objetos de acordo. Alguns deles como os fatos²², as verdades²³ e as presunções²⁴, beneficiam-se do acordo do auditório universal. Já os valores²⁵, as hierarquias²⁶ e os lugares²⁷, beneficiam-se de auditórios particulares. Entretanto, é comum que, visando o interesse de sua argumentação, o orador procure situar o debate no plano que lhe for mais favorável. Alterando, caso jugue necessário, o estatuto de certos acordos.

O acordo acerca do valor dos lugares da argumentação é caracterizado por processos de ligação e de dissociação. Para os autores (2005), os processos de ligação são esquemas que aproximam elementos distintos e permitem estabelecer entre estes um ato de bondade o qual visa valorizá-los positivamente ou negativamente; já os de dissociação são caracterizados

²¹ Para Perelman e Tyteca (2005), na epidíctica, mais do que qualquer outro gênero, deve-se ter qualificações para tomar a palavra e não ser incompetente no seu uso.

²² Conforme os autores, a ideia de “fato” é qualificado pela noção que se tem de determinados acordos a respeito de certos dados – aqueles que se referem a uma realidade objetiva e designariam, citando H. Poincaré, “o que é comum a vários entes e poderia ser comum a todos”;

²³ Tudo que se compreende por fatos, chama-se *verdades*, mas é preferível pensar a noção de verdades como sistema mais complexo, relativos a ligações entre fatos, as quais se trate de teorias científicas ou de ideias filosóficas que transcendem a experiência;

²⁴ Esta deve ser compreendida como proposição que trata de algo sem certezas.

²⁵ A noção de valor refere-se ao ato de admitir que um objeto, um ser ou um ideal exerça sobre a ação e as disposições à ação uma influência determinada – uma espécie de afirmações verossímeis, no grupo indiferenciado das *opiniões*.

²⁶ As hierarquias, tais como a superioridade dos homens sobre os animais, dos deuses sobre os homens também servem de alicerce para a argumentação.

²⁷ No tratado a noção de lugar, por um lado, está vinculada a uma metafísica particular e, do outro, à distinção dos tipos de objetos de acordos referentes ao real dos que se referem ao preferível, assim entende-se por lugares as premissas de ordem geral as quais Aristóteles estuda entre os lugares de acidentes.

principalmente pelos remanejamentos que incorporam nas noções, já que preferem aceitar uma nova modelagem.

De acordo com Perelman e Tyteca (2005), os *argumentos quase-lógicos* são aqueles que, por sua estrutura, lembram os raciocínios formais, dedutivos, todavia, diferentemente da linguagem formal que é unívoca, eles são sujeitos a uma polissemia de sentidos, uma vez que empregam a linguagem natural, ou seja, ordinária. Para os autores supracitados, os argumentos quase-lógicos são melhor compreendidos, quando associados ao pensamento formal; já os *argumentos baseados na estrutura do real*, são apresentados como análogos à própria estrutura das coisas - fundamentam-se em pontos de vista; e os *argumentos que visam fundar a estrutura do real* – são argumentos que se apoiam no caso particular – nos argumentos de analogia os quais se dedicam em reestruturar certos elementos do pensamento em consonância com esquemas outorgados em outros campos do real, tais esquemas de ligação são apresentados resumidamente da seguinte forma:

a) Argumentos quase-lógicos:

- *contradição*: ocorre quando alguém defende uma proposição e sua negação ao mesmo tempo; *incompatibilidade*: parece com uma contradição, mas trata-se de dois conteúdos, entre os quais cabe escolher um;

- *regra de justiça*: é constituída quando aplicado o mesmo tratamento idêntico a seres ou à situações integrados em uma mesma categoria;

- *argumentos de transitividade*: a transitividade deve ser compreendida como uma propriedade formal em que certas relações passam a ideia de que existe a mesma relação entre os termos a e b e entre os termos b e c, possibilitando inferir que ela existe entre os termos a e c – deve-se tomar as relações de inclusão, ascendência, de igualdade e superioridade como relações de transitividade;

- *a divisão do todo em suas partes*: a ideia do todo como a soma de suas partes é um elemento constitutivo de uma série de argumentos os quais podem ser classificados como argumentos de *divisão* ou de *partição*;

- *argumento pelo sacrifício*: é um tipo de argumento usado para alegar um sacrifício ao qual se está disposto a sujeitar-se cujo objetivo é obter certo resultado;

- *probabilidade*: ocorre quando há análise alicerçada nas grandezas das variáveis e na frequência delas, ou seja, baseada na probabilidade, na relevância dos fatos, a um só tempo.

b) Argumentos baseados na estrutura do real

- *argumento do desperdício*: consiste em defender a ideia de que se já iniciou trabalho, deve prosseguir na mesma direção até o fim;

- *argumento da direção*: basicamente equivale alertar contra o uso do procedimento das etapas que se deve seguir;

- *argumento da superação*: indica a ideia de um crescimento contínuo de valor, ou seja, ele insiste na defesa de ir dada vez mais longe numa certa direção;

- *o argumento de autoridade*: corresponde a um argumento de prestígio, o qual recorre a atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova com o intuito de favorecer a uma tese;

c) As ligações que fundamentam a estrutura do real

- *ilustração*: diferente do exemplo, a ilustração objetiva reforçar a adesão a uma regra já outorgada. Por isso, fornece casos particulares com a intenção de explicitar o enunciado geral;

- *modelo e o antimodelo*: o primeiro faz uso de um caso particular como exemplar e modelo a ser copiado. Se alguém serve de modelo é porque goza de certo prestígio. O segundo tem efeito oposto, faz com que o ser se afaste de certas condutas, sendo este mais eficaz que o primeiro;

- *argumento por analogia*: trata-se de uma similitude de estruturas, procurando dar o mesmo tratamento as situações aparentemente iguais, cuja formulas poder ser representadas da seguinte forma: A está para B assim como C está para D.

As teses apresentadas no tratado da argumentação acerca dos *âmbitos da argumentação*, do *ponto de partida da argumentação* e das *estratégias da argumentação*, quando usadas adequadamente, elas são muito eficazes, na arte de persuadi. Nesse sentido,

pode-se inferir que no discurso político as estratégias argumentativas funcionam como um instrumento poderoso persuasão.

4.1 ARGUMENTO: um instrumento do discurso político

Para falar da argumentação como instrumento do discurso político, faz-se necessário voltar no tempo, começando pelo no período da Antiguidade. De acordo com Machado (2015, em Aristóteles, livro VI, observa-se uma defesa de tudo um espaço de participação política por parte dos cidadãos, tal concepção acerca da política inspirou todo o pensamento moderno e o discurso político atual. Na visão da autora, o que importava, no período grego, era que todos os cidadãos estivessem vinculados e devotados ao governo ou pelo menos que não o tivesse como inimigo. No Livro VII, Aristóteles (2010, p. 177), observa-se o seguinte argumento: “é preciso, pois, que o melhor governo seja aquele que possua uma contribuição tal que todo cidadão possa ser virtuoso e viver feliz; isso é evidente”.

Contrário a Aristóteles, Maquiavel (2010) vai dizer que política é uma atividade para a manutenção do poder, pois a ordem deveria ser construída pelos homens e o poder político surgiria unindo duas forças opostas: “o povo não deseja ser governado nem oprimido pelos grandes, e estes desejam governar e oprimir o povo.” (MAQUIAVEL, 2010, p. 26). Isso significa que o príncipe deveria ter a capacidade de criar e de colocar seus instrumentos de poder para “fazer-se sempre necessário a seus súditos e de precisarem estes do Estado” (MAQUIAVEL, 2010, p. 28). Todavia, não deveria deixar ser um modelo de virtudes para a sociedade que o imitasse.

A partir dessa afirmação, pode-se inferir que, no período grego, os espaços determinavam o pano de fundo do discurso a ser desenvolvido, pois a arte retórica²⁸ é originária da necessidade de se ganhar a adesão seja nas reuniões políticas, seja nos tribunais em frente aos juízes, aplicada no espaço público, sendo o Direito lugar-comum do discurso jurídico, todavia fundamentalmente político (PEREIRA, 2006).

Segundo os pressupostos da retórica aristotélica, a argumentação só tem validade se alcançar a adesão do auditório. Sendo assim, “a fala do orador é concebida como forma de

²⁸ “(...) é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar persuasão. Nenhuma outra arte possui esta função (...)” (ARISTÓTELES, 2010, p.33).

ação, embora a ênfase não esteja no que diz, no conhecimento produzido por ela e sim na finalidade de persuadir²⁹ o outro” (RIBEIRO, 2009, p. 24).

Sena e Figueiredo (2013) explicam que depois de determinar o tipo de discurso a ser utilizado, o orador deve ter a preocupação de buscar os argumentos adequados. Sendo assim, as provas. Dessa forma, as provas

[...] podem ser referentes ao caráter moral ou **ethos** do orador (Ele é de confiança? É simpático? Possui credibilidade?), disposições criadas no ouvinte ou **pathos** (A quem se dirige? Quais são as suas paixões, emoções e sentimentos?) e aquilo que o próprio discurso demonstra ou parece demonstrar ou **logos** (A materialidade do discurso indica alguma verdade? Há algum efeito demonstrativo – através do exemplo (que permite a indução) ou do entimema (que permite a dedução) (MENEZES, 2001, p.184, grifos do autor apud SENA; FIGUEIREDO, 2013, p.6-7).

Além de tratar dessas três provas, Aristóteles, comenta Sena e Figueiredo (2013), delimita a existência de três elementos na composição do discurso: aquele que fala; aquilo sobre o que se fala e aquele a quem se fala.

4.1.1 A TRÍADE RETÓRICA NA ARGUMENTAÇÃO

Pensar a tríade³⁰ retórica nos dias de hoje, significa pensá-la na perspectiva de aristotélica e/ou perelmaniana. Segundo Meyer (2007, p.34), “para os gregos, o *ethos* é a imagem de si, o caráter, a personalidade, os traços de um comportamento, a escolha de vida e dos fins (daí a palavra *ética*). Na visão do autor, o *ethos* é uma excelência que não possui objeto próprio, porém se liga à imagem a qual o orador passa de si mesmo. Sendo assim, acrescenta – “o *ethos* se apresenta de maneira geral como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica, o que tem como resultado conseguir que suas respostas sobre a questão tratada sejam aceitas (MEYER, 2007, p. 35). Quanto ao *páthos*, o autor define da seguinte forma: “o *páthos* é um conjunto de valores implícitos das respostas fora de questão, que alimentam as indignações que o indivíduo considera como pertinentes” (MEYER, 2007, p. 39). Para tratar do último elemento do triângulo retórico – o *lógos*, o autor esclarece que este

²⁹ Conforme Perelman e Tyteca (2005), persuadir equivale ao ato de argumentar direcionado a um auditório particular, já convencer deve ser compreendido como o ato de argumentar visando obter a adesão de todo ser racional.

³⁰ Chama-se de tríade os três elementos do triângulo retórico - também classificado de Tríade Aristotélica: *ethos*, *pathos* e *logos*.

deve expressar as perguntas e respostas, mas preservando sua diferença. Partindo desse ponto, afirma que “o logos é tudo aquilo que está em questão. Todo julgamento é uma resposta a uma questão que se coloca e é composto de termos que são formados como aderidos a questões que não mais se colocam e graças às quais é possível comunicar” (MEYER, 2007, p. 45). Observemos agora o desenvolvimento dessas três unidades retóricas - da introdução conclusão:

o *ethos* se apresenta ao auditório e visa captar sua atenção a respeito de uma questão, em seguida ele expõe o *lógos* próprio dessa questão, eventualmente apresentado o pró e o contra. E o orador conclui pelo *páthos*, pois dessa vez se trata de atuar no coração e no corpo do auditório, se possível agindo sobre suas paixões, em todo caso sobre seus sentimentos, e mesmo sobre suas emoções (MEYER, 2007, p. 48).

Assim como Perelman e Tyteca recorrem à antiga retórica para reformular o conceito de *lógos*, Maingueneau (2008) modifica o conceito aristotélico de *ethos*,

quando afirma que este é a imagem de si no discurso, mas extrapola a ideia de *ethos* concebida pela antiga Retórica ao considerar que o discurso não é construído exclusivamente a partir da vontade de um sujeito e que mesmo os textos escritos possuem um tom de voz, o qual se associa a um caráter e a uma corporalidade, que recobrem as dimensões vocal, física e psíquica do *ethos* de modo a oferecer uma representação do corpo do enunciador e a garantir a autoridade do que é dito por ele (SANTOS; SOBRAL, 2014, p.134, grifo do autor) .

Assim, ao elaborar sua noção de *ethos* a partir de uma base aristotélica, trazendo-a para o campo da análise de discurso, Maingueneau nos possibilita utilizar a noção de Argumentação, adequando-a sua proposta de Análise de Discurso por meio da identificação dos pontos de convergência e divergência entre as duas áreas distintas. Assim, a análise do discurso em Maingueneau leva em consideração as questões que envolvem a formação social e histórica, uma vez que o autor amplia o conceito de *ethos*, ligando-o à ideia de enunciação.

4.2 O *ETHOS* EM MAINGUENEAU

Maingueneau (2011a), inicia sua reflexão acerca do *ethos* a partir do início dos anos 80. Mas, foi em 1984 que o conceito passou a ser explorado em termos pragmáticos e discursivos. Segundo o autor, Ruth Amossy na “Imagens de si no discurso: a construção do

ethos”, apresenta uma visão rica, para além da análise do discurso. Antes de apresentar sua própria noção de *ethos*, Maingueneau trata das principais características do *ethos* retórico, pontuando a problemática aristotélica e os desafios, quando se quer estabilizar a noção de *ethos*. Através de A. auchlin, vai dizer que

a noção de *ethos* é uma noção com interesse essencialmente prático, e não um conceito teórico claro (...) Em nossa prática ordinária da fala, o *ethos* responde a questões empíricas efetivas, que têm como particularidade serem mais ou menos coextensivas ao nosso próprio ser, relativas a uma zona íntima e pouco explorada de nossa relação com a linguagem, onde nossa identificação é tal que se acionam estratégias de proteção (AUCHLIN, 2001, p. 93 *apud* MAINGUENEAU, 2011a, p.12.).

Ao fazer tal citação, o autor procura explicitar que a noção de *ethos* é puramente intuitiva, e por ela constituir todo um ato de enunciação, recorremos a essa noção de *ethos* com frequência, mesmo que seja visando às interações conversacionais.

Não dá para falar de *ethos* sem mencionar a Retórica antiga, pois a primeira elaboração conceitual é dada por Aristóteles. Para o autor, a Retórica aristotélica visava apresentar uma *technè* cujo objetivo é examinar o que é persuasivo para tal ou qual tipo de indivíduos. Dentro dessa perspectiva, (Maingueneau, 2011a, p.13) infere que “a prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança.” Na sua concepção o *ethos* não está ligado a um saber extralinguístico acerca do locutor, mas à própria enunciação.

Maingueneau³¹ citando o segundo livro da retórica de Aristóteles, elucida essa necessidade do orador de dar uma visão positiva de si mesmo da seguinte maneira:

a confiança suscitada pela disposição do orador provém de três causas, as quais nos induzem a crer em uma coisa independentemente de qualquer demonstração: a prudência, a virtude e a benevolência. As afirmações falsas e maus conselhos

³¹ Vale ressaltar aqui, que o *ethos* em Aristóteles não é o mesmo abordado por Maingueneau. Conforme a obra “Dicionário de análise do discurso”, desenvolvido por Charaudeau & Maingueneau (2012, p.220-221), o *ethos* em Aristóteles adquire um duplo sentido: por um lado, designa as virtudes morais que garantem credibilidade ao orador, tais quais a prudência, a virtude e a benevolência; por outro, comporta uma dimensão social, na medida em que o orador elabora um discurso de modo de modo adequado a seu caráter e a seu tipo social. Já em Maingueneau, o enunciador deve procurar legitimar o seu dizer – ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber. Contudo, ele não se manifesta apenas por meio de um papel e um estatuto, ele é apreendido também através de uma *voz* e de um *corpo*. O *ethos* se traduz também no tom, desenvolve-se em relação à noção de cena de enunciação. Ele é ancorado em estereótipos - um conjunto de representações coletivas que determinam, até um certo ponto, a apresentação de sua eficácia em uma dada cultura.

devem-se à falta de uma ou mais dessas três qualidades. Oradores formam opiniões carentes de veracidade dada a falta de prudência; ou formam opiniões verdadeiras, mas devido a sua falha moral, não dizem o que realmente pensam e que lhes parece bom; ou, finalmente, embora prudentes e honestos, falta-lhes prudência benevolência, esta má disposição para com os ouvintes podendo levá-los a não recomendar o que sabem ser o melhor curso de ação a ser adotado. (ARISTÓTELES, 2011, 1378a 6-13)

Ainda com base nessa citação, comentando Amossy (2011), pode-se dizer que a prudência (*phronesis*) - que faz parte da constituição do *logos* e a virtude (*areté*) - que é “a virtude” do *ethos*) exprimem as disposições ou *habitus* positivos, a eúnoia equivale a afeto, portanto, pertence ao *pathos*, ou seja, a eúnoia constitui com *charis* (obsequiosidade) *phília* (amabilidade), um campo semântico – que solicita do orador uma *disposição ativa* para prestar serviços ao outro e uma expressão de *simpatia* para com o outro. Com o intuito de precisar o sentido *phronesis* e *areté*, expõe a ideia de Aristóteles distinguindo duas espécies de *héxis* – os *habitus intelectuais ou dianoéticos* e os *habitus éticos*.

A *héxis* é a (*habitus/disposição*), que se divide em *dianoéticos* e *éticos*: o primeiro, reporta-se a noção de bom (sabedoria/inteligência) e mau (pobreza de espírito) constituído o *phronesis*; o segundo, referindo-se a noção de bom (coragem/justiça) e mau (covardia/injustiça) constituindo a *areté* (*éthique*).

Para Maingueneau (2011a), esse *ethos* discursivo vai ser conceituado por Ducrot³² através da distinção entre “locutor-L” (= locutor apreendido como enunciador) e “locutor-lambda” (= o locutor apreendido como ser do mundo), que atravessa a distinção do gramaticistas entre o mostrar e dizer, ou seja, é no ato de enunciação que o *ethos* se mostra, ele não é dito no enunciado. Afirma também que o *ethos* deve ser percebido, pois não se pode esquecer que, por sua natureza, ele permanece no segundo plano da enunciação. O *ethos* não age no primeiro plano, mas de maneira lateral; ele mobiliza a afetividade do destinatário e solicita uma experiência sensível do discurso.

O termo *ethos* recebe um tratamento diferente na *Política* e na *Retórica*. Pode-se observar que na *Ética a Nicômano* ou na *Política*, aborda-se o *ethos* característico de um grupo, suas disposições estáveis e seus traços de caráter. No campo da *Retórica*, o *ethos* não apresenta um sentido estável. Sem dúvida, a noção de *ethos* trás consigo algumas

³² Na perspectiva de Charaudeau & Maingueneau (2012), o conceito de *ethos* em Ducrot é desenvolvido no âmbito de uma teoria da polifonia. Segundo os autores, Ducrot insiste na centralidade da enunciação na elaboração de uma imagem de si, visto que as modalidades de seu dizer permitem conhecer muito melhor o locutor do que aquilo que ele pode afirmar sobre si mesmo.

dificuldades, “não se pode esquecer que o *ethos* está diretamente ligado ao ato de enunciação, assim como não se pode ignorar que o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale” (MAINGUENEAU, 2011a, p.15). Diante desse fato, o autor, elabora uma distinção entre *ethos discursivo e ethos pré-discursivo*.

Na elaboração do *ethos*, surge uma série de problemas, pois ele é atravessado por fenômenos de ordens muito diversas – “os índices sobre os quais se apoia o intérprete vão desde a escolha do registro da língua e das palavras até o planejamento textual, passando pelo ritmo e a modulação” (MAINGUENEAU, 2011a, p. 16). Para o autor, a problemática que envolve o *ethos*, sem dúvida, é muito delicada, visto que ele, por natureza, é um comportamento que, como tal, articula verbal e não verbal, estimulando nos destinatários efeitos multissensoriais. Também não se pode esquecer que o *ethos* visado nem sempre é o *ethos* produzido, visto que ele remete a coisas muito diferentes conforme seja considerado do ponto de vista do locutor ou do destinatário. Para Maingueneau (2011a, p. 17), “o *ethos* pode ser concebido como *mais ou menos fixo, convencional, vs. Ousado, singular*”; “o *ethos* é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala”; “o *ethos* é fundamentalmente um processo *iterativo* de influência sobre o outro”. Por isso, ele não deixa de ser

uma noção fundamentalmente *híbrida* (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora da situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica (MAINGUENEAU, 2011a, p.17).

Após expor todos esses pontos, autor passa a tratar a noção de *ethos* dentro do campo da análise do discurso. Sua perspectiva ultrapassa em muito domínio da argumentação. Para além da *persuasão* por meio de argumentos, sua noção de *ethos* possibilita refletir sobre o processo mais geral de *adesão* dos sujeitos a um certo discurso.

4.3 O QUE PODE O “FIADOR”?

Na perspectiva de Maingueneau (2011a), qualquer texto escrito, mesmo que o negue, apresenta uma “vocalidade” que pode se manifestar numa multiplicidade de “tons”, estando eles, certamente, ligados a uma caracterização do corpo do enunciador – vale explicitar que

não se trata do corpo do locutor extralinguístico, e sim de um ‘fiador’, construído pelo destinatário por meio de índices liberados na enunciação.

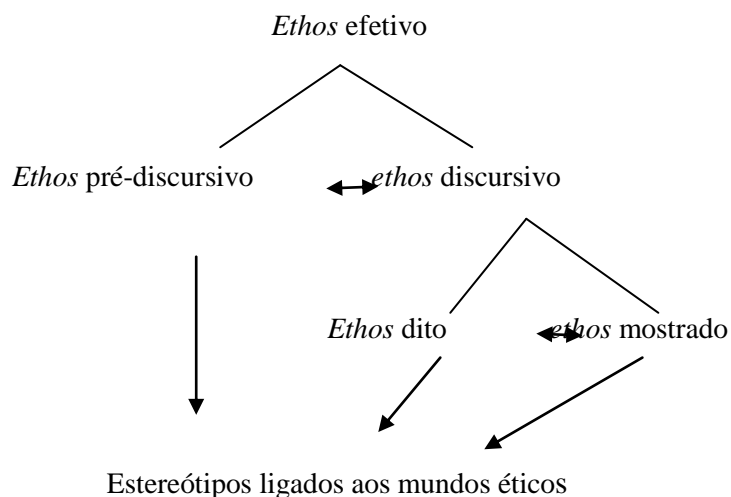
A concepção “encarnada” do *ethos* recobre não apenas a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas ligados ao “fiador” através das representações coletivas estereotípicas. Dessa forma, atribui-se ao “fiador” uma “corporalidade” e um “caráter”, cujos graus de precisão oscilam segundo os textos. Na verdade, o “caráter” equivale a um feixe de traços psicológicos. Referente à “corporalidade”, explicita que ela está ligada a uma compleição física e a uma maneira de vestir-se. Pode-se dizer ainda que o *ethos* está vinculado a uma maneira de se deslocar no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida por meio de um comportamento.

A ideia do termo “incorporação” deve ser pensada a partir da maneira como o destinatário se apropria desse *ethos*. Segundo a concepção de Maingueneau (2011a, p.18), três registros são necessários para compreender essa “incorporação”: “a enunciação da obra confere uma “corporalidade” ao fiador, ela lhe *dá corpo*”; “o destinatário *incorpora*, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se remeter ao mundo habitando seu próprio corpo; “essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um *corpo* da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso”.

A complexidade que envolve a noção e/ou a construção do *ethos* ainda não foi totalmente resolvida. Por isso, o autor tenta construir um modo de pensá-lo vinculado a uma teoria híbrida, até porque sua *Disciplina* dialoga com outras disciplinas para conseguir conceituar e analisar a noção de *ethos*. A construção do *ethos*, por sua própria natureza, é híbrida. O *ethos* de um discurso é produto da interação de diversos fatores:

ethos pré-discursivo, ethos discursivo (ethos mostrado), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (ethos dito) – diretamente (“é um amigo que lhes fala”) ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala, por exemplo. A distinção entre o ethos *dito* e *mostrado* se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito” sugerindo e o puramente “mostrado” pela enunciação. O *ethos efetivo*, construído por tal ou qual destinatário, resulta da interação dessas diversas instâncias (MAINGUENEAU, 2011a, p.18-19).

O esquema abaixo ilustra bem a interação dessas diversas instâncias, Maingueneau, (2011a, p.19)



A partir dessa ilustração, pode-se afirmar que o *ethos* efetivo ganha uma corporalidade a partir do que o orador enuncia, das modalidades de sua enunciação, da postura que adota e de seu estilo. Por essa característica, Amossy (2011) explicita que o peso da fala e sua força persuasão não dependem apenas do que o orador diz; a imagem que ele constrói de si e a impressão que ele produz em seu auditório também são partes essenciais para materializar o *ethos* efetivo. Outro ponto importante citado pela a autora, refere-se à noção de estereotipagem, definido por ela como

a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade, avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior e no interior da qual ela classifica (AMOSSY, 2011, P.125-126).

Por meio dessa citação, verifica-se que o conceito de estereótipo uma ligação direta com o *ethos*. Por isso, a autora esclarece que a noção prévia criada acerca do locutor e a imagem que ele constrói de si em seu discurso revelam que eles não podem ser concebidos como totalmente singulares. Daí a importância das noções da incorporação e da cenografia, defendidas por Maingueneau.

4.4 A INCORPORAÇÃO E A CENOGRAFIA

Para Maingueneau (2011b), todo discurso presume uma vocalidade específica, a qual permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa, através de um tom que indica quem o disse³³. Aceitar essa noção de *ethos* não significa conceber o escrito como traço de uma oralidade primeira. A identidade de um posicionamento discursivo está vinculado a um tom específico que torna possível a vocalidade. Além disso, deve-se perceber que o “texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um coenunciador que será necessário mobilizar para fazê-lo aderir “fisicamente” a um certo universo de sentidos” (MAINGUENEAU, 2011b, p. 73). Isto o leva a defender a ideia de que “o discurso é um acontecimento inscrito em uma configuração sócio-histórica e não se deve dissociar a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena enunciativa” (MAINGUENEAU, 2011b, p.74-75). Essa concepção é complexa, pois supõe um *ethos* marcado pela oposição entre o *ethos* oral / *ethos* escritural. Depois de uma longa reflexão acerca dessa problemática, o autor achou necessário fazer distinção de duas coisas:

Um postulado segundo o qual qualquer discurso, seja qual for seu modo de inscrição material, implica uma “vocalidade” e uma relação com um fiador associado a uma corporalidade e a um caráter, mesmo que sejam fantasmáticos; postulado válido mesmo para os discurso que pretendem eliminar qualquer traço de um tal fiador (MAINGUENEAU, 2011b, p.74).

Uma diversificação do *ethos* em razão das especificidades dos tipos e dos gêneros de discurso: é claro que o discurso filosófico atribui *a priori* um papel menor ao *ethos* do que o discurso literário, político ou publicitário. É por isso, por exemplo, que, ao evidenciar um *ethos* profético, um autor como Nietzsche estabelece uma distância em relação às formas de enunciação usuais em filosofia (MAINGUENEAU, 2011b, p.74).

A elaboração dessa distinção serve de base para a exposição da ideia de que na perspectiva da análise do discurso, não podemos fazer do *ethos* um meio de persuasão, uma vez que ele é parte constitutiva da cena de enunciação. Todo discurso pressupõe uma cena de enunciação para poder ser enunciado. Mas, ainda falta explicitá-la:

³³ Maingueneau (2011b), elucida que essa noção de vocalidade é tratada na poética de Henri Meschonnic, que distingue-a em três polos: “oralidade”, “escrita” e “fala”. A “oralidade” está para além da distinção entre escrita/fala. “O oral é da ordem do contínuo – ritmo, prosódia, enunciação. A fala e a escrita são da ordem do descontínuo, das unidades discretas da língua” (1993).

A “cena de enunciação” integra de fato três cenas, que proponho chamar de “cena englobante”, “cena genérica” e “cenografia”. A cena englobante corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático: literário, religioso, filosófico... A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma “instituição discursiva”: o editorial, o sermão, o guia turístico, a visita médica... Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo próprio texto: um sermão poder ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc (MAINGUENEAU, 2011b, p.75).

Para o autor, as cenas de enunciação podem ser reduzidas à cena englobante e à cena genérica, a depender do gênero do discurso. Há gêneros de discurso com maior possibilidade de apresentar cenografias distantes de um modelo preestabelecido. Tal característica mostra que os gêneros se apresentam por meio de dois polos extremos: há gêneros que não admitem cenografias variadas – eles se atêm a sua cena genérica; e há gêneros, como filosóficos, publicitários, literários, que por natureza, exigem a escolha de uma cenografia – esta deve ser compreendida uma cena onde o co-enunciador se depara com o que Maingueneau (2011) classifica de primeiro plano, uma vez que as cenas englobante e genérica são deslocadas para o segundo plano. Sendo assim, a cenografia para se desenvolver plenamente precisa, ela mesma, controlar seu próprio desenvolvimento, existe uma distância em relação a um coenunciador, o qual não tem como agir de imediato sobre o discurso.

A relação da cenografia com o *ethos* pressupõe um processo de enlaçamento paradoxal, uma vez que ela é “aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra” (MAINGUENEAU, 2011b, p.77) – tanto o *ethos* como a cenografia constitui-se em legitimação recíproca. Dessa relação, é possível dizer que ao mesmo tempo em que o discurso constrói seu *ethos*, percebe-se que, paralelamente, refuta o *anti-ethos* – uma construção a qual se contrapõe ao *ethos* construído pelo discurso. Na seção a seguir, essa característica será melhor compreendida a partir do desenvolvimento da análise do objeto de estudo em questão.

5 ANÁLISE DO *ETHOS* CORONELISTA NA ELEIÇÃO DE 2012

Fazer uma análise dos possíveis traços de um *ethos* coronelista não é uma tarefa fácil. Para realizá-la é necessário observar o contexto e as condições de produção em que o *corpus* passou a existir. O mesmo cuidado se teve com o aporte teórico, pois este norteou a elaboração das inferências acerca dos efeitos de sentido intrínsecos em cada termo e/ou enunciado proferido pelos candidatos.

O *corpus* em análise nasceu durante o processo eleitoral de 2012, na cidade de Esplanada. Durante o processo eleitoral a mídia local tentou realizar um debate, mas não houve consenso entre os candidatos. Por isso, foi realizada apenas a entrevista – um candidato por vez, com o tempo especificado para cada bloco. Assim, cada candidato proferiu seu discurso abordando os seguintes temas respectivamente:

- I – Fator que levou a entrar na política;
- II – Educação;
- III – Arrecadação e infraestrutura;
- IV – Segurança pública;
- V – Urbanização;
- VI – Saúde no município;
- VII – Alianças políticas;
- VIII – Últimas palavras.

Teoricamente o *corpus* era para ser constituído de quatro entrevistas, pois o atual prefeito Diolando Batista também tinha feito sua inscrição, pleiteando a re-eleição, mas no decorrer do processo eleitoral desistiu de fazer a campanha eleitoral. Não ficaram claros os motivos de sua desistência. No entanto, ele manteve sua inscrição no cartório eleitoral, por isso seu nome aparece na lista do TSE com 189 votos recebidos. Acredita-se que sua desistência se deu por conta de seu nome ter entrado na lista dos políticos que tiveram sua prestação de conta rejeitada, sendo barrado, portando, na Lei da Ficha Limpa.

Dos quatro candidatos a prefeito, apenas o candidato 1 não apareceu na lista da Lei Ficha Limpa. Essa situação interferiu na imagem pré-discursiva de cada candidato, pois havia muitas dúvidas sobre o que ela significava.

É mister esclarecer que o nome do candidato 2 não aparece na lista do resultado divulgado pelo TSE. O nome que aparece em seu lugar é de sua irmã. Essa substituição aconteceu depois dele já ter dado a entrevista ao *esplanadanews*.

Para fazer a análise do *corpus*, foi feita uma transcrição das entrevistas, em seguida uma edição e uma seleção dos fragmentos que permitissem identificar marcas do *ethos* coronelista. Vale ressaltar que o detalhamento de cada convenção empregada na transcrição das entrevistas dos candidatos 1, 2 e 3 encontra-se nos anexos.

5.1 ENTREVISTA NA REDE NEWS

De acordo com Charaudeau (2012), um dos aspectos mais importantes das mídias é que elas se apresentam como um organismo especializado voltado para responder a uma demanda social, visando à democracia. Sendo assim, o profissional dessa área deve buscar tornar público aquilo que seria passado despercebido, culto ou secreto. Agindo em conformidade com esse aspecto, a Rede News conseguiu promover um debate entre os candidatos à prefeitura. Antes de proferirem seus discursos, cada candidato era associado a um *ethos* pré-discursivo:

O candidato 1 tinha sua imagem ligada a um jovem, filho de uma família de prestígio na cidade. Teve uma boa formação – estava cursando administração, quando interrompeu os estudos para se lançar como candidato a vereador em 2004. Na sua re-eleição em 2008, fez sua declaração de bens no valor de R\$ 25.000,00; enquanto vereador, assumiu uma posição de oposição nas duas últimas gestões. Quando saiu candidato a prefeito em 2012, fez sua declaração de bens no valor de R\$ 400.000,00 – situação no cartório eleitoral: candidato ficha limpa.

O Candidato 2 tem sua imagem ligada à atividade de prestação de serviço no setor de transporte. Tem sua vida vinculada à política como vereador por quatro gestões. Chegou a atuar como presidente da câmara, quando foi preso por ser o principal suspeito de ter assassinado o oficial de justiça Expedito José de Santana, no ano de 2007. Ao sair candidato a

vereador em 2008 (indeferido), fez sua declaração de bens no valor de R\$ 402.000,00; quando saiu candidato a prefeito em 2012, declarou seus bens no valor de 65.000,00 – situação no cartório eleitoral: sua candidatura ficou com restrições por conta da Lei Ficha Limpa.

O candidato 3 tinha sua imagem ligada a um funcionário concursado do INSS. Foi eleito vereador, na época em que essa função ainda não era remunerada. Depois foi re-eleito por mais dois mandatos – estes já com remuneração. Atuou como prefeito por dois mandatos, construiu o monumento do Cristo no centro da cidade – hoje um dos principais cartões postais do município, criou a casa de apoio em Salvador para atender as pessoas com problemas de saúde. Elegeu seu sucesso em 2008. Quando saiu candidato em 2012, fez sua declaração de bens no valor de R\$ 190.000,00 - situação no cartório eleitoral: sua candidatura ficou com restrições por conta da Lei Ficha Limpa.

A partir dos temas a seguir, analisou-se a materialidade do *ethos* discursivo, procurando identificar as possíveis marcas de um *ethos* coronelista. Sendo assim, buscou-se identificar os efeitos de sentido com base na memória dos eleitores, ou seja, levando em consideração as questões sócio-históricas, uma vez que cada candidato, ao proferir seus discursos, utilizou a argumentação como um instrumento para conquistar a adesão dos votantes esplanadenses.

5.1.1- FATOR QUE LEVOU A ENTRAR NA POLÍTICA

Entrevista editada do candidato 1
eu acredito que política é uma filosofia de vida. Acho que para responder esta pergunta é necessário contar um pouco da minha história. E a minha história remonta a essa escola – o CNEC ³⁴ , quando aqui, na primeira série, a professora Jeannette ³⁵ me colocou como líder de classe. Com o passar do tempo, ainda aqui no CNEC, nós constituímos o primeiro grêmio estudantil. Quando fui estudar no Colégio Marista de Salvador, ingressei no grêmio estudantil por onde continuei minha vida; enquanto estudei nessa escola, permaneci no

³⁴ A escola mencionada é o Centro Educacional Cenescista de Esplanada, o qual funcionou de 2006 a 2011. Foi fechado por problemas financeiros, mas não encerrou suas atividades. Pois em 2012, ele passou a funcionar como CECE – Centro Educacional Comunitário de Esplanada.

³⁵ Jeannette de Souza Lima – além de ter sido professora, ela também exerceu a função de diretora do CNEC – a mesma auxiliou de forma significativa no processo de transição entre o encerramento das atividades do CNEC e o início das atividades do atual CECE.

grêmio sendo presidente desse grêmio por quatro vezes. Em dois mil, já trabalhando na Telemar foi aquela revolução na cidade querendo que houvesse a renovação da política e aí acabei me inserindo naquele movimento por renovação e acabei entrando na política.

Entrevista editada do candidato 2

Através do ex-prefeito, Evaldo Anjo dos Santos³⁶ - quando candidato a prefeito me convidou para ser candidato a vereador, e na época não tinha interesse. Mas, como ele é uma pessoa que eu já tinha visto o trabalho dele como secretário de administração na gestão do Doutor Antônio³⁷, deu para perceber que ele era realmente um político voltado totalmente para as pessoas mais carentes do nosso município. E aí consultei a minha família e decidi ser candidato para ajudá-lo na campanha dele para prefeito. Simplesmente para poder ajudá-lo, mas após a eleição tive uma boa votação. E aí já passei a ter o compromisso com aquelas pessoas que me deram um voto de confiança para ser vereador. E comecei a fazer um trabalho preparando os jovens para seu primeiro emprego, onde eu atendendo as pessoas aqui em minha residência uma vez por semana, dando-lhe toda a sua documentação. Também para melhor servir as pessoas que me deram seu voto de confiança, passei também a atender um dia na semana as pessoas dentro das suas reivindicações, principalmente a parte de exames, que é cuidar da saúde das pessoas mais carentes do município. E isso venho fazendo desde quando sou vereador, ver um dia na semana para atender o povo na marcação de exame. Dando continuidade desse trabalho, preocupado em servir mais e mais a população mais carente, procurei colocar um transporte para atender aquelas pessoas menos favorecidas, aquelas pessoas que saí da sua residência para sua feira, mas que não pode gastar um real.

Entrevista editada do candidato 3

Não houve um fator, houve um trabalho sem nenhuma pretensão visando política; há mais de quarenta anos - trabalhando com PS³⁸; trabalhando com os drogados; Naquela época, levando, conduzindo doentes para Salvador. Isso há mais de quarenta anos, quando eu

³⁶ Foi o 7º prefeito eleito de Esplanada – governou apenas por um mandato e foi secretário na gestão de Drº Antônio G. de Oliveira (1982 a 1988).

³⁷ Foi o 5º prefeito eleito de Esplanada – também governou apenas por um mandato.

³⁸ Exercendo a função de Funcionário Público Federal.

dormia na rodoviária com doentes; passava a noite nas filas dos hospitais para marcar exames do povo. Isso é o que eu sempre fiz - esse trabalho no INPS³⁹. Quando foi em setenta e seis me convidaram para sair como candidato a vereador. Naquela época, eu queria ajudar Doutor Kleber⁴⁰ - que era um grande homem dessa cidade; fui candidato, me elegi. Em setenta e seis, por seis anos eu fui vereador, depois fui à re-eleição de mais seis anos e mais quatro anos, no total de dezesseis anos de vereador. No primeiro mandato para vereador - bom salientar que não havia remuneração para vereador. Eu me reelegia porque trabalhava. eu não tinha nenhuma vocação política, não tinha família que participava de política; eu tenho certeza que foi Deus que me chamou pra isso. Depois há alguns anos toda essa caminhada e ser candidato a prefeito e ganhar. E fui reeleito pela primeira vez na história de Esplanada - não foi brincadeira. Então, eu tenho certeza que Deus me predestinou, me chamou para vida pública para trabalhar para o povo dele.

A primeira parte da entrevista do candidato 1 é uma pequena autobiografia. Sua fala inicial é marcada pelo uso de uma linguagem simples, buscando a adesão do auditório – os eleitores. É possível perceber também uma adequação verbal à situação. Seu discurso apoia-se num breve relato, destacando sua vida, quando ainda estava na primeira série, possibilitando identificar traços de liderança desde sua infância. Eis o primeiro fragmento da entrevista: “a minha história remonta a essa escola – o CNEC, quando aqui, na primeira série, a professora Jeannette me colocou como líder de classe. Com o passar do tempo, ainda aqui no CNEC, nós constituímos o primeiro grêmio estudantil”. Esse trecho da entrevista nos permite verificar o ponto inicial da construção do *ethos* do candidato 1 cujo objetivo é projetar a imagem de um líder, preocupado com as questões sociais. Percebe-se aí que ele recorre ao argumento voltado às Ligações que fundamentam a estrutura do real, fomentando, para si, um argumento por modelo, a partir do qual o indivíduo, aliado a sua trajetória de vida, passa a se qualificar enquanto político. Reforçando, portanto, a ideia de Perelman (2005), quando diz que este tipo de argumentação faz uso de um caso particular como exemplar e modelo a ser

³⁹ O Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) do Brasil foi um órgão público previdenciário federal brasileiro criado em 1966 a partir da fusão dos Institutos de Aposentadoria e Pensões existentes na época.

⁴⁰ Segundo a informação obtida, ele foi um Médico (dentista) que gozava de uma imagem respeitada no município.

copiado. Pois, se alguém serve de modelo é porque goza de certo prestígio. A estratégia discursiva do candidato 1 sugere que ele se preocupou em ganhar a adesão, principalmente, do eleitor jovem. Tal estratégia é ratificada em boa parte do seu dizer. Através da construção do *ethos* dito, ele evidencia uma imagem vinculada a uma figura altruísta, a um jovem revolucionário – orgulhoso de ser candidato em sua terra natal. O trecho “no Colégio Marista de Salvador, ingressei no grêmio estudantil por onde continuei minha vida; enquanto estudei nessa escola, permaneci no grêmio sendo presidente desse grêmio por quatro vezes”, confirma a inscrição de um *ethos* caracterizado por um espírito de liderança - engajado com as questões sociais. Isso reforça a ideia de que o *ethos* mostrado não é dito no enunciado, mas ele é percebido por meio do ato da enunciação, do implícito, do não dito. Pode-se observar também que o fragmento “Em dois mil, já trabalhando na Telemar foi aquela revolução na cidade querendo que houvesse a renovação da política e aí acabei me inserindo naquele movimento por renovação e acabei entrando na política”, reforça a ideia da construção da imagem do fiador como um produto da interação de diversos fatores: o *ethos* pré-discursivo, o *ethos* discursivo (*ethos* mostrado) e o (*ethos* dito).

A pequena narrativa autobiográfica construída pelo candidato 1 aponta para um *ethos* que ressignifica o *ethos* pré-discursivo – marcado pelo estereótipo “coronelista”, uma vez que sua a imagem ligada a um vereador, filho de uma família de prestígio na cidade e proprietária de fazenda. Porém, na sua breve autobiografia, identificam-se traços de um *ethos* preocupado com os vícios da política brasileira e comprometido com seus atos de cidadania.

Para Sobrinho (1949), a cultura coronelista, ao longo do tempo, vai metamorfoseando-se por conta da necessidade de se adequar às necessidades de cada tempo. Assim, o “coronelismo” da república velha, do período de 1949, de 1975, não é o mesmo dos dias atuais. A pequena autobiografia do candidato 1 mostra a imagem de um político que fala enquanto um cidadão comprometido com o desenvolvimento da sua comunidade, reforçando, portanto, a ideia de Ruth Amossy (2011), quando comenta que o peso da fala e sua força de persuasão não decorrem apenas do que o orador diz, uma vez que dependem também da imagem que ele dá de sua pessoa, da impressão que ele produz em seu auditório. Por isso, o candidato 1 construiu para si o *ethos* de sério, de virtuoso, de competente, comprometido com as questões sociais, opondo-se à imagem de um *ethos* coronelista ora por meio do *ethos* dito, ora por meio do *ethos* mostrado. Este tipo de estratégia produz vários efeitos de sentido e

serve como um instrumento para ressignificar os estereótipos que a população tem de sua pessoa.

O candidato 2 começa sua breve autobiografia tratando do período em que ele recebeu o convite para sair candidato a vereador pelo candidato a prefeito – Evaldo Anjo dos Santos. Observemos sua fala inicial: “o ex-prefeito Evaldo Anjo dos Santos, quando candidato a prefeito me convidou para ser candidato a vereador”. Este fragmento evidencia que, quando saiu candidato a vereador pela primeira vez, sua imagem estava vinculada a uma pessoa de prestígio, uma vez que Evaldo Anjos dos Santos antes de ser prefeito, trabalhou como secretário administrativo na gestão do 5º prefeito eleito – Antônio Gomes de Oliveira. Esse tipo de vínculo demonstra um dos traços da cultura coronelista, pois ter o apoio de um médico clínico geral, ou seja, de uma pessoa de prestígio – atuando no cargo de poder –, contribui para o candidato conquistar mais facilmente a adesão dos eleitores. Já em “/.../ E aí consulte a minha família e decidi ser candidato para ajudá-lo na campanha dele para prefeito. Simplesmente para poder ajudá-lo, mas após a eleição tive uma boa votação”, recorre-se a uma estratégia dos Argumentos quase-lógicos, a partir da apresentação do argumento por sacrifício, visando construir a imagem de um político que se preocupa com o interesse do coletivo. De acordo com Perelman (2005), esse tipo de argumento é usado para alegar um sacrifício que se está disposto a sujeitar-se cujo objetivo é obter certo resultado. Esse ato enunciativo também explicita a tese de que o *ethos* não pode ser compreendido apenas pelo que o locutor enuncia, mas pelos efeitos que cada discurso propõe (Maingueneau, 2011a).

No fragmento “E comecei a fazer um trabalho preparando os jovens para seu primeiro emprego, onde eu atendendo as pessoas aqui em minha residência uma vez por semana, dando lhe toda a sua documentação”, percebe-se evidencia de um dos traços do coronelismo – o personalismo. A prática de receber pessoas em sua casa e/ou visitar pessoas para prestar atendimento como o citado pelo candidato 2, materializa um *ethos* coronelista. No entanto, segundo Charaudeau (2011), a legitimação de um político acontece através do reconhecimento de seus eleitores, realizado através de uma crença que é aceita pela maioria.

As demandas sociais estão longe de ser atendidas pelas Leis que regem a nossa constituição. Assim, uma leitura por mais superficial que seja, identifica facilmente o não cumprimento dos princípios outorgados pela constituição de 1988. Observemos o artigo 3º:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I - construir uma sociedade livre, justa e solidária; II - garantir o desenvolvimento nacional; III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988, ARTIGO 3º).

Conforme a citação supracitada, a sociedade brasileira é livre e o Estado é democrático. No entanto, observa-se que a mesma constituição obriga o povo a votar, ficando o povo, portanto, refém dos mandos e desmandos da maioria dos políticos. Todos sabem que o desenvolvimento nacional depende muito da economia e da ação política. Todavia, a população, por conta da formação que recebe, não demonstra interesse pela política partidária, ficando refém dos agentes políticos. Assim, a desigualdade social, em vez de diminuir, aumenta junto com a corrupção, fazendo com que as ações do tipo - “passei também a atender um dia na semana as pessoas dentro das suas reivindicações, principalmente a parte de exames, que é cuidar da saúde das pessoas mais carentes do município”, sejam interpretadas por boa parte da população como um dos papéis do político. Dessa forma, as ações políticas acabam por subverter os valores da população, naturalizando ações do tipo: “/.../ procurei colocar um transporte para atender aquelas pessoas menos favorecidas, aquelas pessoas que sai da sua residência para sua feira, mas que não pode gastar um real”. A partir da breve autobiografia do candidato 2, percebe-se a materialidade do *ethos* coronelista marcado por uma cenografia personalista. Assim, a construção desse *ethos* põe em dúvida a credibilidade da imagem do fiador.

Já o candidato 3, na sua curta autobiografia, constrói uma imagem de um político simples, solidário, ratificando a imagem de um político de origem humilde que dedicou boa parte da sua vida às pessoas doentes. Segundo seu discurso, o principal motivo que o fez entrar para a política foi sua prestação de serviço às pessoas que apresentavam problemas de saúde. Observando o fragmento de sua fala inicial: “não houve um fator, houve um trabalho sem nenhuma pretensão visando política; há mais de quarenta anos - trabalhando com PS; trabalhando com os drogados; Naquela época, levando, conduzindo doentes para Salvador”, é possível observar que a sua imagem está ligada à prestação de serviço, na área da saúde. Essa cenografia visa aumentar a credibilidade da imagem do fiador.

No fragmento “/.../ quando eu dormia na rodoviária com doentes; passava a noite nas filas dos hospitais para marcar exames do povo. Isso é o que eu sempre fiz”, a fala do

candidato 3 possibilitar identificar um a construção do *ethos* coronelista, uma vez que nesse trecho uma marca do novo coronelismo – o personalismo, elemento que aparece com regularidade nos seus enunciados. Já o fragmento: “quando foi em setenta e seis, me convidaram para sair como candidato a vereador e, naquela época, eu queria ajudar Doutor Kleber - que era um grande homem dessa cidade; fui candidato, me elegi”, percebe-se que ele, ao sair candidato a vereador pela primeira vez, teve apoio de um médico da cidade, semelhante à situação do candidato 2 – que também recebeu um convite para sair candidato por um médico. Esse traço da cultura coronelista ainda continua presente na memória da cidade.

De acordo com Leal (1986), mesmo que o “coronel” tenha passado a doutor; mesmo que as fazendas tenham se transformado em fábricas; mesmo que seus auxiliares tenham assessores ou a técnicos, a realidade não altera. O fenômeno do coronelismo sobrevive, por exemplo, como reflexo do problema salarial, a partir do qual a renda não consegue garantir as necessidades básicas do trabalhador.

Ao dizer “eu me re-elegia porque trabalhava. eu não tinha nenhuma vocação política, não tinha família que participava de política; eu tenho certeza que foi Deus que me chamou pra isso”. O candidato recorre a uma cenografia que o liga a um *ethos* religioso. Como diz Leal (1986), nem sempre o coronelismo está ligando aos autênticos “coronéis”. Outro ponto que merece destaque, refere-se ao fato de que o candidato 3 usa, nesse fragmento, duas estratégias argumentativas baseadas na estrutura do real: a primeira, apoia-se por ligações de sucessão, explorando a ideia de causa efeito para justificar sua re-eleição. Para Perelman (2005), dentre as ligações de sucessão, o vínculo causal desempenha um papel essencial, e ele deve permitir argumentações de três tipos: “/.../ as que tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos dados entre eles, por meio de um vínculo causal”; “/.../ as que, sendo, dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma que pode determiná-lo”; e “/.../ as que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que ele deve resultar”. A segunda, recorre à argumentação de autoridade, quando comenta - foi *Deus* que o chamou para a vida política. De acordo com Perelman (2005), este tipo de estratégia corresponde a um argumento de prestígio, o qual recorre a atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova com o intuito de favorecer a uma tese. Esse *ethos*

serve para resgatar a credibilidade do fiador, o qual ele está vinculado, pois na eleição de 2012, seu nome apareceu com restrições por conta da Lei de Ficha Limpa.

5.1.2 – EDUCAÇÃO

Entrevista editada do candidato 1
<p>A educação do nosso município é um celeiro de bons professores, de pessoas inteligentes; a cidade que sempre foi conhecida como a cidade dos doutores, apesar desse patrimônio pessoal que Esplanada tem, nós não temos vivido bons tempo na educação do nosso município de Esplanada. Esplanada tem amargado os piores índices do Ideb da região e um dos piores do Estado. Esplanada vive com uma estrutura precária. Nós precisamos fazer da educação a mola mestra da revolução desse município. E isso passa por um projeto fundamental é a educação de tempo integral. Nós precisamos criar escolas modernas, capazes de atender as necessidades atuais da educação. Veja, por exemplo, os programas de inclusão digital do governo federal, as escolas têm o computador, mas não tem o laboratório de informática montado, e nem quem use esses computadores. Nós não podemos falar em educação sem pensar no profissional da educação. O profissional da educação, ele tem que sentir vontade de ser um profissional de educação. Nós precisamos remunerar melhor esses professores. Hoje o aluno termina ensino médio, e aí? O que é que esse aluno vai fazer? Simplesmente nós cumprimos nossa missão? Não. É por isso que nós estamos tentando trazer para Esplanada, o que já é um compromisso da reitora Aurina Santana⁴¹ - o IFBA para o município de Esplanada, ou seja, será a oportunidade dos nossos jovens ao concluírem o ensino médio - já terem uma profissão. Então, Esplanada será, sem sombra de dúvida, a cidade da educação. E digo isso com a autoridade de quem tem um dos melhores professores do Brasil, que é o secretário municipal de educação de Salvador – Deputado João Carlos Bacelar – considerado por todas as correntes políticas como o maior secretário de educação da história de Salvador. Então, é esse o exemplo que quero trazer para</p>

⁴¹ Desde 2006, a professora Aurina Oliveira Santana atua como reitora do Instituto Federal da Bahia (IFBA) onde estudou, sendo a primeira mulher negra a assumir essa função. Reconhecida pela comunidade do Instituto Federal da Bahia, foi reeleita para o cargo pelo período de 2010-2014 com mais de 70% dos votos.

Esplanada. É o exemplo de Mata de São João que tem feito uma educação de qualidade, que em oito anos entrega à população trinta novas escolas completamente adequadas à nova realidade da educação. Esses são os exemplos que faremos para a educação de Esplanada, para que essa seja a educação que meu filho vai ter quando vir estudar em uma escola pública, porque o filho de prefeito não pode estudar em escola particular, tem que estudar em escola pública.

Entrevista editada do candidato 2

A nossa educação com certeza precisa melhorar muito. É interessante fazermos juntamente com nossos profissionais uma formação continuada, ou seja, uma reunião com esses profissionais uma vez ou duas por mês para debater sobre os assuntos do ensino do município e com isso fazer com que os profissionais desenvolvam o seu ensino no município todos de uma só maneira. E que no final do ano seja feita uma avaliação, e nessa avaliação o professor que mais se destacar, que tiver sua nota melhor, seja realmente premiado financeiramente. Nós precisamos é capacitar mais os nossos professores, trazendo cursos de capacitação. Nós precisamos ainda dentro da educação, é investir mais nos distritos e povoados do município. Nós não podemos pensar só em sede e bairro do Timbó. Nós precisamos pensar nos distritos da região do Palame, no distrito da região São José, nos assentamentos. Já existe uma coordenação, mas é necessário que tenha um investimento melhor, é necessário que essas pessoas tenham uma condição melhor para visitar as escolas - as que chamamos de escolas isoladas. com isso, com certeza a educação do nosso município vai melhorar muito mais.

Entrevista editada do candidato 3

Quando eu fui prefeito em dois mil e um, encontrei a defasagem de espaço físico para abrigar as crianças. Na época, tive que alugar nos primeiros meses de administração oito salas de aulas para que nós tivéssemos condições de receber as crianças. Com dois anos, eu já tinha construído no TIMBÓ um grande colégio com dez salas de aulas. Encontramos em todos os assentamentos as crianças estudando debaixo dos galpões dos TRATORES. Não tinha um colégio sequer em todos os assentamentos - UM COLÉGIO. E no término do meu

primeiro mandato, já tinha trinta e cinco salas de aula construída. Lutei para que nós conseguíssemos a instalação de uma faculdade; quando veio Maria da Paz⁴² - com um grande sonho aqui montar um polo da Unopar. E naquela época – particularmente e pela prefeitura - nós conseguimos ajudar a montar, a instalar aqui a Unopar - que foi o primeiro núcleo da Unopar em Esplanada e na região; nós também conseguimos com o Governo Federal daquela época - a instalação da universidade federal. E conseguimos naquela época também trazer setecentos e cinquenta mil reais para implantar a universidade federal de Esplanada. Hoje, graça a Deus, é uma realidade com tantos cursos aí, atendendo a nossa juventude com uma instituição federal não só de Esplanada, mas de toda a região. Eu deixei o município já com um salário bem acima do que o governo federal determinava para valorizar o professor. Precisamos também de cursos profissionalizantes - é uma necessidade de hoje. Não podemos mais ignorar essas necessidades para que os nossos jovens se profissionalizem pra melhor, se prepararem para enfrentar a vida.

Para tratar da educação, o candidato 1 preferiu começar falando a partir dos dados sócio-históricos com o objetivo de fundamentar o seu dizer. Assim, ao afirmar que “a educação do nosso município é um celeiro de bons professores, de pessoas inteligentes; a cidade que sempre foi conhecida como a cidade dos doutores /.../”, ele ativa na memória dos eleitores para defender a ideia de que a cidade deve continuar sendo vista como a terra dos doutores, isto é, a terra dos “coronéis”. De acordo com Leal (1986), o termo “*Doutores*” é uma das formas camufladas do antigo coronelismo, agora camuflado sob uma nova roupagem.

Relacionando o fragmento anterior com o que será exposto a seguir, verifica-se que o candidato recorreu a um argumento quase-lógico, caracterizado como contradição. Conforme Perelman (2005), este tipo de estratégia ocorre quando alguém defende uma proposição e sua

⁴² Mestranda em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Especialista nas áreas de História e Educação; Graduada em História. Educadora há 23 anos, com experiência na Rede Pública e Privada de Ensino na Educação Básica (nos níveis de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio). No percurso profissional além de educadora já atuou como Gestora Escolar (vice-direção), Coordenadora (Pedagógica, Geral e da EJA) e Tutora em cursos de Graduação e Pos-Graduação na Modalidade EAD. Coordenou cursos de atualização profissional e Eventos Educacionais. Em 2014, começou a atuar como educadora e gestora escolar (vice-direção) na Rede Pública Estadual.

negação ao mesmo tempo. O uso desse argumento fica evidenciado quando o candidato declara que a cidade é um celeiro de bons professores, de pessoas inteligentes, sendo conhecida como a cidade dos doutores. Mas, o mesmo afirma que “Esplanada tem amargado os piores índices do Ideb da região e um dos piores do Estado”. Essa contradição ocorre em virtude do candidato 1 está buscando utilizar argumentos que mobilize as paixões de seu auditório.

Depois de explicitar que a falta de infraestrutura na área da educação tem prejudicado a qualidade do ensino, o candidato 1 sugere resolver o problema da seguinte forma: “nós precisamos fazer da educação a mola mestra da revolução desse município, e isso passa por um projeto fundamental é a educação de tempo integral”. Essa declaração passa a imagem de que seu programa de governo está indo em consonância com a meta do governo federal - que é implantar gradualmente uma educação de tempo integral em todas as escolas. Por isso, afirma Leal (1986), sempre que possível, os prefeitos vão preferir estar na base aliada do governo do estado e do governo federal com o objetivo de conseguir recursos e programas.

Já no fragmento “veja, por exemplo, os programas de inclusão digital do governo federal, as escolas têm o computador, mas não tem o laboratório de informática montado, e nem quem use esses computadores”, o candidato 1 constrói o seu dizer alicerçado no argumento do desperdício, pois os computadores ficaram sem utilização. Na concepção de Perelman (2005), a argumentação baseada na estrutura do real, utilizando o argumento do desperdício defende a ideia de que iniciado um trabalho, deve prosseguir na mesma direção. Assim, observa-se que ele está atento aos interesses e às paixões dos eleitores.

Antes de prosseguir, é necessário sinalizar que o termo “nós” aparece várias vezes no discurso do candidato 1, o qual gera um duplo sentido – uma aproximação com o eleitor e, ao mesmo tempo, um deslocamento do peso da responsabilidade do poder executivo.

Por meio do seu dizer, o candidato 1 constrói uma cena de enunciação onde demonstra um comprometimento com a educação. Por isso, explicita que, antes mesmo de ser eleito, já estava tentando garantir a implantação o IFBA na cidade. Eis a sua fala: “/.../ nós estamos tentando trazer para Esplanada, o que já é um compromisso da reitora Aurina Santana - o IFBA para o município de Esplanada, ou seja, será a oportunidade dos nossos jovens ao concluírem o ensino médio - já terem uma profissão.” Essa fala é muito pertinente, pois o

IFBA, além de ser uma instituição que é sinônimo de ensino de qualidade, se implantado, vai gerar emprego em diversos setores - direta ou indiretamente na região.

Para reforçar a construção do seu *ethos* preocupado com a educação, ele recorre também a um argumento de autoridade: “/.../ digo isso com a autoridade de quem tem um dos melhores professores do Brasil, que é o secretário municipal de educação de Salvador – Deputado João Carlos Bacelar”. Essa defesa ocorre, principalmente, em virtude do Deputado Federal pertencer ao mesmo partido do candidato 1.

O candidato 2, ao falar sobre a educação, revela traços de um político que não tem um projeto voltado para os problemas da educação. No entanto, ele demonstra uma preocupação com os problemas que envolvem a educação. No sua fala inicial – “a nossa educação com certeza precisa melhorar muito. É interessante fazermos juntamente com nossos profissionais uma formação continuada /.../” – verifica-se que seu enunciado não revela nada de novo para os profissionais da educação. o *ethos* construído nesse fragmento revela um candidato que não possui conhecimento sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Nº 9.394, de dezembro de 1996), onde ficam estabelecidos, no artigo 67, os seguintes termos:

Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público - (...) ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos; (...) aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim; (...) piso salarial profissional; (...) progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho; (...) período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho; (...) condições adequadas de trabalho. (BRASIL. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL - Nº 9.394, ARTIGO 67)

O artigo citado deixa claro que a formação continuada faz parte do programa do governo federal desde 2006 – gradualmente ela vem sendo implementada em todo o território brasileiro.

Ao falar que “nós não podemos pensar só em sede e bairro do Timbó. Nós precisamos pensar nos distritos da região do Palame, no distrito da região São José, nos assentamentos.”, o *ethos* dito sugere um candidato preocupado com o tratamento que a prefeitura vem dando às escolas nucleadas, pois o poder executivo acaba quase sempre dando maior atenção às escolas da sede. Esse ponto é importante, pois revela que os prefeitos se preocupam mais com as

escolas onde os números de eleitores são mais expressivos, não dando, portanto, o mesmo tratamento aos distritos e povoados. Outro aspecto acerca desse fragmento é que o candidato 2 elaborou seu enunciado baseado na argumentação quase-lógica – por meio de um argumento de regra de justiça, confirmando a ideia defendida por Perelman (2005), que tal argumento é constituído quando aplicado o mesmo tratamento idêntico a seres ou à situações integrados em uma mesma categoria. Pode-se inferir que o candidato 2 usou essa estratégia para afirmar que os alunos dos distritos e assentamentos não estão tendo seus direitos assistidos. O seu modo de dizer, nos possibilita inferir que a falta de investimento na educação dificultar emergir um novo paradigma que rompa com os estereótipos já cristalizados da cultura coronelista nas cidades do interior.

Para falar da diferença de tratamento, o candidato 2 comenta que “Já existe uma coordenação, mas é necessário que tenha um investimento melhor, é necessário que essas pessoas tenham uma condição melhor para visitar as escolas - as que chamamos de escolas isoladas”. Esse comentário produz um duplo efeito de sentido: o primeiro sinaliza um político preocupado em resolver os problemas comentados; o outro deixa margem para pensar que ele está vendo, no problema citado, a oportunidade para fazer com que a empresa de sua família ganhe mais uma prestação de serviço no setor de transporte. As trocas de favores ainda continuam sendo uma das marcas que evidenciam a existência da cultura coronelista no interior.

Para falar da educação no município, o candidato 3 começa abordando o período do seu primeiro mandato: “quando eu fui prefeito em dois mil e um, encontrei a defasagem de espaço físico para abrigar as crianças. Na época, tive que alugar nos primeiros meses de administração oito salas de aulas para que nós tivéssemos condições de receber as crianças”. Essa fala demonstra que até 2001, a cidade conhecida como a terra dos “doutores” ainda não tinha uma infraestrutura que garantisse um simples espaço físico para os estudantes. Observemos o enunciado seguinte: “com dois anos, eu já tinha construído no TIMBÓ um grande colégio com dez salas de aulas. Encontramos em todos os assentamentos as crianças estudando debaixo dos galpões dos TRATORES. Não tinha um colégio sequer em todos os assentamentos - UM COLÉGIO”. Nesse fragmento, o candidato evidencia o descaso dos prefeitos para com a educação das crianças e dos jovens que dependem do ensino municipal.

Todo educador sabe que, uma vez usurpados os direitos desses estudantes, dificilmente alguns deles terão a chance de conquistar o *status* de doutor, na terra de “doutores”.

Analisando os termos destacados pelo candidato 3, é possível inferir que o primeiro recorre aos estereótipos enraizados pelos moradores do Timbó – bairro marcado pela pobreza e falta de infraestrutura, conhecido como um dos locais mais violentos da cidade. O segundo termo destacado nos remete aos assentados, porque, apesar de serem donos de terras, os moradores dessas localidades carecem de recursos para investir no plantio e na educação de seus filhos. Já a expressão “um colégio” é utilizada para enfatizar que até a sua primeira gestão não havia uma escola sequer nos assentamentos.

5.1.3 - ARRECADAÇÃO E INFRAESTRUTURA

Entrevista editada do candidato 1
Eu estive em uma das comunidades da região da praia onde, das as quatro escolas existentes, apenas duas ainda existem, e os alunos têm que andar catorze, quinze quilômetros por dia para terem acesso à sala de aula. Não temos sequer três por cento de esgotamento sanitário na sede do município, ou seja, a infraestrutura do município não existe. Ela precisa ser reformulada. Então, é principal problema da cidade é a sua infraestrutura nas mais diversas áreas: saúde, educação, estradas, esportes e tudo mais. Nós Precisamos melhorar as estradas da região do São José, dos assentamentos pra que a gente possa escoar a nossa produção, dar socorro de qualidade, os transportes escolares possam circular com mais eficiência. E agora vamos falar da sede: quantas ruas importantes do nosso município, comunidades inteiras ainda sem calçamento? Fala-se em asfaltar as principais avenidas da cidade, e loteamento Renato Sampaio? E os Quinze? Baixa da Santa Cruz? Diversas ruas transversais do timbó, das Malvinas, da rua do Cheiro, do próprio Mucambinho – que já tem hoje um número considerados de casas sem pavimentação, e as redes de esgotamento sanitário? E a iluminação, gente? Com relação às pessoas mais carentes, nós precisamos criar um plano de amparo para essas pessoas, particularmente nós temos a ideia de criar o Bolsa Família Municipal.
Entrevista editada do candidato 2
A infraestrutura do nosso município precisa melhorar bastante. Precisamos preparar os

nossos munícipes, nosso povo para essa geração de emprego. Nós precisamos trazer para a nossa cidade o SENAI para prepararmos o nosso povo para mão de obra que venha aparecer em nosso município. Mas é muito importante que uma cidade tenha um povo preparado para receber investimento. Então, nós temos que preparar a nossa infraestrutura para que os empresários vejam e analise a possibilidade de vim investir no nosso município. É claro que investir no nosso município, nós estamos investindo diretamente no nosso povo, naquelas pessoas que mais precisam.

Entrevista editada do candidato 3

Quem mais investiu para que o dinheiro do município circulasse em Esplanada fui eu. Quando nós criamos a casa de apoio em Salvador, nós saíamos daqui com um caminhão de alimento todo mês para manter aquela infraestrutura em Salvador – na casa de apoio; nem o pão nós não comprávamos em Salvador. Isso fez com que o comércio crescesse, se desenvolvesse, gerasse o dinheiro aqui. E eu tive grande sonho na época - abrir um mini polo industrial - que se encontra lá no entroncamento, esse foi um grande sonho e que hoje tem setenta e três hectares de terra para dar infraestrutura e trazer fábricas. E é por isso que nós gastamos naquela época para construir o primeiro galpão - pra trazer a fábrica. Ali, foi obra nossa - aquele galpão, porque sem os galpões nenhuma fábrica vinha; a contrapartida são os galpões. O recurso do município não dá para construir tantos galpões. Então, nós temos que buscar junto ao governo do estado e federal apoio para ajudar implementar - trazer essas fábricas - porque é o que se resolve o problema de uma comunidade, de um município - é gerar emprego; Então, você tem que ter parcerias com governos do estado e federal para trazer empresas para se instalar no nosso município.

Para falar da arrecadação e infraestrutura, **o candidato 1** faz a seguinte afirmação: “eu estive em uma das comunidades da região da praia onde, das as quatro escolas existentes, apenas duas ainda existem, e os alunos têm que andar catorze, quinze quilômetros por dia para terem acesso à sala de aula”. Essa fala sugere que houve um retrocesso na educação da cidade, sinalizado pelo fechamento de duas escolas e pela falta de transporte para os alunos dessa localidade. Sendo assim, o candidato 1 denuncia o descaso com a falta de infraestrutura na região da praia. Ao abordar esse problema, ele desqualifica a administração dos últimos anos e sugere que, caso seja eleito, a sua terá um melhor administrador.

Quando o candidato 1 comenta que “não temos sequer três por cento de esgotamento sanitário na sede do município, ou seja, a infraestrutura do município não existe. Ela precisa ser reformulada”, ele passa a imagem de que a cidade está abandonada. Novamente ele desqualifica os últimos gestores – o candidato 3 e o seu sucessor Diolando Bastista - prefeito eleito em 2008.

Para Faria (1998), desde sua fundação, Esplanada carece de infraestrutura. Essa situação produz muito sofrimento para a população, fazendo com que se torne vítima do sistema econômico e político da cidade. Pode-se dizer que essa precariedade favorece a continuidade da cultura coronelista no município. Consciente disso, o candidato 1 afirma: “nós Precisamos melhorar as estradas da região do São José, dos assentamentos pra que a gente possa escoar a nossa produção, dar socorro de qualidade, os transportes escolares possam circular com mais eficiência”. A cena construída nesse trecho revela *ethos* combativo, preocupado em dar uma atenção aos distritos e aos povoados – alimentando a expectativa de tempos melhores para os moradores e os pequenos agricultores dessas localidades.

Para finalizar a sua fala, o candidato 1 diz que “com relação às pessoas mais carentes, nós precisamos criar um plano de amparo para essas pessoas, particularmente nós temos a ideia de criar o Bolsa Família Municipal”. a cenografia construída nesse fragmento, materializa um *ethos* de um político que visa implementar no município um programa similar ao desenvolvido pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Essa estratégia demonstra que o candidato 1 segue mobilizando os interesses e as paixões de seu auditório.

Para o candidato 2, “a infraestrutura do nosso município precisa melhorar bastante”. Esse tipo de estratégia discursiva é simples, mas interessante – pois se parte de um ponto bastante relevante para população local. Dessa forma, o seu enunciado dificilmente será rejeitado pelos eleitores, mesmo que ele seja apresentado de uma forma mais genérica. Observemos o fragmento seguinte: “precisamos preparar os nossos munícipes, nosso povo para essa geração de emprego”. Mesmo não sendo claro sobre sua sugestão, essa declaração certamente também é outorgada pelos eleitores, pois todos concordam que a cidade carece de mão de obra qualificada.

Ao dizer “nós precisamos trazer para a nossa cidade o SENAI para prepararmos o nosso povo para mão de obra que venha aparecer em nosso município. Mas é muito importante que uma cidade tenha um povo preparado para receber investimento”. Percebe-se

a utilização do termo “SENAI”, sem explicitar como seria parceria com essa instituição. Dessa maneira, o seu enunciado poder ser interpretado como uma tentativa de produzir mais uma frase de efeito, objetivando ganhar a adesão do eleitor.

Por conta dele não ser visto como uma pessoa bem instruída, não ser visto como um “doutor”, e suas ações não estarem ligadas à educação, o efeito de sentido produzido pelo candidato 2, na fala anterior, pode projetar um *ethos* não desejado por ele, já que a cenografia e os estereótipos culturais da região interferem na materialização do *ethos* efetivo.

Para finalizar sua fala, o candidato 2 acrescenta: “então, nós temos que preparar a nossa infraestrutura para que os empresários vejam e analise a possibilidade de vim investir no nosso município. É claro que investir no nosso município, nós estamos investindo diretamente no nosso povo /.../”. A estratégia argumentativa utilizada nesse enunciado é baseada na estrutura do real, mediante o argumento de direção, o qual na visão de Perelman (2005) equivale alertar contra o uso do procedimento das etapas que se deve seguir. Percebe-se que seu objetivo é sinalizar as etapas que ele acredita serem necessárias para gerar emprego na cidade. Dessa forma, a cenografia utilizada possibilita a materialidade de um *ethos* político empreendedor - ratificando o *ethos* pré-discursivo do candidato como empresário.

De acordo com o **candidato 3**, quando gestor, ele foi responsável circulação de dinheiro na cidade. Observemos sua afirmação: “quem mais investiu para que o dinheiro do município circulasse em Esplanada fui eu”. O *ethos* construído por meio desse enunciado agrada aos eleitores, pois teoricamente isso significa desenvolvimento econômico. Segundo relatos da população, alguns comerciantes ganharam muito dinheiro no período da sua gestão. Talvez isso tenha acontecido de fato em função de ações descritas por ele – “quando nós criamos a casa de apoio em Salvador, nós saíamos daqui com um caminhão de alimento todo mês para manter aquela infraestrutura em Salvador – na casa de apoio; nem o pão nós não comprávamos em Salvador”. Por meio desses dois fragmentos citados, observa que a cena construída revela um enunciar que buscou materializar um *ethos* adaptado aos esquemas coletivos que ele julga estar interiorizados e valorizados por seu auditório. Através do seu modo de dizer é possível que se reconheça uma relação com a cultura coronelista, uma vez que como diz Leal (1886), o poder privado ainda é muito visível, principalmente, nas cidades mais pobres do interior, onde as trocas de proveitos são gradualmente fortalecidas; não se

pode esquecer que o *ethos* coronelista é benfeitor dos trabalhadores, dos pobres – cujo estereótipo está ligado à incapacidade de governar o seu próprio voto.

Por conta dos diversos elementos que constituem o *ethos*, Maingueneau (2011a) diz que ele é constituído por um processo de hibridismo, pois trata-se de uma construção sócio-discursiva. A consequência disso são os múltiplos efeitos de sentido que cada palavra, cada enunciado, cada discurso pode gerar. Em suma, é por meio da interação e das cenas de enunciação que os sentidos ganham um corpo, possibilitando distinguir o *ethos* pré-discursivo do *ethos* discursivo (o *ethos* dito e o *ethos* mostrado). Através do enunciado seguinte, por exemplo, “e eu tive grande sonho na época - abrir um mine polo industrial - que se encontra lá no entroncamento, esse foi um grande sonho e que hoje tem setenta e três hectares de terra para dar infraestrutura e trazer fábricas”, observa-se nessa cena a construção do *ethos* de um político que, quando prefeito, tentou gerar emprego na cidade por meio da implantação de um pequeno polo industrial.

De acordo com Leal (1986), no Brasil a lista dos favores não se esgota com os de ordem pessoal. Basta verificar que os serviços públicos do interior são deficientes. Basta verificar que os municípios não dispõem de recursos suficientes para atender todas as suas necessidades, dependendo, portando, do auxílio financeiro do Estado, para desenvolver as obras mais básicas, como estradas, pontes, escolas, hospitais, água, esgotos, energia elétrica. Dessa forma, pode-se inferir que ainda nos dias atuais, as cidades mais pobres do interior carecem de ações combativas à cultura coronelista.

Observemos se enunciado seguinte do candidato 3: “então, você tem que ter parcerias com governos do estado e federal para trazer empresas para se instalar no nosso município”. Esse fragmento reforça a ideia de que os prefeitos não têm muitas alternativas, a não ser, mesmo quando opositor, buscar fazer alianças na expectativa de conseguir benefícios para o município, reforçando a ideia de que poder público, em nosso país, é o principal protagonista para preservação do coronelismo (LEAL, 1986). Portanto, o *ethos* desse enunciado se apoia no termo “parceria” com o objetivo de aumentar a chance de obter a adesão do eleitor.

5.1.4 - SEGURANÇA PÚBLICA

Entrevista editada do candidato 1

A segurança pública, alguns governantes têm a mentalidade pequena de atribuir ao governo do estado ou governo federal. É bem verdade que constitucionalmente essa é uma responsabilidades dos Estados e da União. Mas, a própria União como fez com a educação que foi municipalizada, como fez com a saúde que municipalizada, também tem criado, tem reconhecido a sua incapacidade de dar assistência igual aos municípios brasileiros e tem criado mecanismos federais para financiar uma segurança municipal – através da Secretaria Nacional de Segurança Pública e dos Conselhos de Segurança Pública. Eu, particularmente, sou IDEALIZADOR e presidente da comissão da Câmara Municipal da Segurança Pública. Trouxe pra esse município a comissão de direitos humanos e segurança pública da assembleia legislativa para discutir Segurança Pública. Nós podemos melhorar nossa Segurança Pública CRIANDO de verdade nossa Guarda Municipal, fazendo com que ela se capacite através de um treinamento específico. Todos os comandantes da Polícia Militar e delegados da Polícia Civil se queixam do efetivo. Hoje o Policial Civil fica sozinho na delegacia à noite mais com medo do ladrão invadir do que propriamente pronto para prestar segurança a nossa comunidade. Então, agir nesse ponto é uma questão política que nós podemos lutar, mas os prefeitos podem e devem monitorar as suas ruas através de programa de monitoramento ligado à Secretaria de Segurança Pública, financiados pelo Programa Nacional de Segurança Pública.

Entrevista editada do candidato 2

Nós sabemos que a segurança do município - a gente fala em Polícia Militar, Polícia Civil, nós temos também a (CIPE) - que é antiga CAEL; o pessoal mais conhece como CAEL, nós sabemos que é dever do Estado. Mas, nós precisamos que o nosso povo tenha mais segurança. é necessário que o município invista mais na estrutura da nossa Polícia Militar, juntamente ao governo do estado; nós precisamos também investir na nossa Polícia Civil - dar o apoio financeiro, mas também um apoio de transporte com carros particulares para que os policiais possam fazer as suas investigações sem serem observados. Também é importante pensarmos e montarmos Guardas Municipais; tem que ser realmente um trabalho de segurança voltado para todo o município.

Entrevista editada do candidato 3

Deve haver uma parceria do governo federal, do governo estadual, do governo municipal para que juntos possamos trabalhar nessa parceria dando a condição da segurança a vida das

pessoas, e quando trata, se falar de drogas - as drogas significa o desemprego - é exclusão, que existe na nossa sociedade. Nós temos que ter uma parceria forte, não só na segurança, não só no combate; porque você combate hoje, mas das raízes tão surgindo dezenas todos os dias - não só em Esplanada, mas em todo lugar. Então, não se resolve só com o combate da polícia, mas no combate da raiz que está surgindo. E o que é? Juntando a sociedade e o poder público para tentar dar aos nossos jovens e as nossas crianças uma perspectiva de vida melhor - e só dá, se você investir.

Para falar de segurança pública, **o candidato 1** comenta que “/.../ alguns governantes têm a mentalidade pequena de atribuir ao governo do estado ou governo federal. É bem verdade que constitucionalmente essa é uma responsabilidades dos Estados e da União”. Verifica-se que ele continua desqualificando as últimas gestões, apesar de não especificar qual gestor está se referindo. Na sua visão, constitucionalmente a Segurança Pública é uma responsabilidade do Governo do Estado e do Governo Federal. Para não deixar dúvidas sobre sua afirmação, diz que “/.../ a própria União como fez com a educação que foi municipalizada, como fez com a saúde que municipalizada, também tem criado, tem reconhecido a sua incapacidade de dar assistência igual aos municípios brasileiros e tem criado mecanismos federais para financiar uma segurança municipal”. Essa explanação serve para demonstrar que ele tem autoridade/conhecimento sobre o que está falando, aumentando, assim, a credibilidade do fiador. O peso dessa autoridade fica ainda mais evidente no fragmento seguinte: “Eu, particularmente, sou IDEALIZADOR e presidente da comissão da Câmara Municipal da Segurança Pública. Trouxe pra esse município a comissão de direitos humanos e segurança pública da assembleia legislativa para discutir segurança pública”. Ao dar destaque ao termo “idealizador”, o candidato 1 produz um efeito de sentido que materializa um *ethos* político vem realizando ações voltadas para a Segurança Pública, desde outrora. Isso reforça a ideia de que os candidatos, visando obter os votos dos eleitores, elaboram suas falas ancoradas nos estereótipos culturais da cidade, uma que estes garantem uma aproximação com seus coenunciadores.

Desde sua fundação, a cidade de Esplanada carece de Segurança Pública. Fazendo um mergulho na memória da cidade, verifica-se que Faria (1998) apresenta um caso de falta de segurança pública, ao comentar sobre a casa grande da baixinha, retratando o período em que

surgiram as pseudo-guerrilhas, momento em que os moradores do Timbó se rebelaram contra os trabalhadores da linha férrea, explicitando que, por conta da intervenção do Coronel Benício, fez intervenção com o objetivo de sanar a violência. Por isso, os ataques violentos só aconteciam nas proximidades do comércio.

O candidato 1 sabe que o problema da Segurança Pública não é de agora, assim como sabe que a resolução do problema não é simples. No entanto, com o objetivo de amenizar parte do problema da segurança, faz o seguinte comentário: “Nós podemos melhorar nossa segurança pública CRIANDO de verdade nossa Guarda Municipal, fazendo com que ela se capacite através de um treinamento específico. Todos os comandantes da Polícia Militar e delegados da Polícia Civil se queixam do efetivo”. Nesse trecho, o candidato 1 apresenta um tom enfático para o termo “criando” objetivando criticar os prefeitos das três últimas gestões, por realizarem concursos para o cargo de Guarda Municipal, mas depois dos candidatos tomarem posse, acabavam trabalhando em outros setores. Trata-se de uma característica típica, não apenas da cidade de Esplanada, mas de boa parte das prefeituras das cidades do interior – interpretada por muitos como desvio de função. O desvio de função também poder ser concebido como uma prática da cultura coronelista, uma vez que os prefeitos podem de valer dessa prática como uma troca de favor ou como “compra de voto”. Por isso, o candidato 1, segue desqualificando as gestões passadas e, paralelamente, ele cria um *ethos* de um político virtuoso, de um político sério.

O candidato 2 iniciou sua fala sobre Segurança Pública da seguinte forma: “nós sabemos que a segurança do município - a gente fala em Polícia Militar, Polícia Civil, nós temos também a (CIPE) - que é antiga CAEL; o pessoal mais conhece como CAEL, nós sabemos que é dever do Estado. Mas, nós precisamos que o nosso povo tenha mais segurança”. Ao mencionar a Polícia Civil, a Polícia Militar, a CIPE – antiga CAEL, o candidato afirma ser responsabilidade do Estado essas guardas – cada uma com uma função específica. Nesse trecho, o candidato 2 fez uso de uma argumentação quase – lógica, tipo divisão do todos em suas partes. De acordo com Perelman (2005), no argumento por divisão, as partes devem ser enumeradas de uma maneira exaustiva, no entanto, podem ser selecionadas segundo sua vontade e de maneira muito variada. Nessa passagem, a cena construída revela um *ethos* de um político que sabe que a violência na cidade tem crescido.

Na finalização da sua fala, o candidato 2 faz a seguinte afirmação “também é importante pensarmos e montarmos guardas municipais; tem que ser realmente um trabalho de segurança voltado para todo o município”. A cenografia adotada nessa passagem possibilitar materializar um *ethos* de um político que no seu modo de dizer, afirma não existir uma guarda municipal, mesmo depois da prefeitura realizar concurso para esse cargo. Vale ressaltar que o desvio de função, praticado pelas prefeituras de um modo geral, pode ser caracterizado como abuso de poder, proveniente de uma estereotipam coronelista.

Para falar de Segurança Pública, o **candidato 3** comenta sobre a necessidade da prefeitura trabalhar em parceria com o governo estadual e com o governo federal na tentativa de garantir a segurança da população da seguinte forma: “ /.../deve haver uma parceria do governo federal, do governo estadual, do governo municipal para que juntos possamos trabalhar nessa parceria/.../”. Neste fragmento, observa-se que ele não deseja exercer seu mandato sem buscar o apoio do governo estadual e federal. Conforme Leal (1986, p.49), “o maior mal que pode acontecer a um chefe político municipal é ter o governo do Estado como adversário. Por isso, busca seu apoio arduamente”. Mesmo não estando ligado ao Governo – PT; mesmo na posição de oposição, ele conseguiu vários recursos e programas durante o período em que foi gestor. Seu sucessor também foi beneficiado por diversos programas do governo federal. No entanto, os gestores não conseguiram melhorar a expectativa de vida dos jovens – o que levou muitos ao mundo das drogas. Na concepção de Leal (1986), o principal problema municipal no Brasil é a falta de autonomia para desenvolver um espaço democrático, conforme os princípios da nossa constituição. A consequência disso é a proliferação de cidades “doentes”. Por isso, a materialidade do *ethos* analisada nesse enunciado nos leva a pensar que relação entre o governo municipal, estadual e federal tem direta ou indiretamente contribuído para a manutenção da cultura coronelista, uma vez que a o termo “parceria”, comentado pelo candidato 3, não significa necessariamente a existência de um espaço democrático.

5.1.5 - URBANIZAÇÃO

Entrevista editada do candidato 1
Eu acho que cada prefeito, cada administração que passou por essa cidade teve a sua

característica. Eu acho que Esplanada até dois mil, ela era uma cidade do ponto de vista urbanístico, bem organizada. Faltava a questão social, faltava o emprego, faltava a renda, faltava melhores estrutura de saúde, faltava uma educação melhor, e infelizmente continua faltando. Então, percebiam que há doze anos se investe quase nada ou muito pouco na urbanização. Se gasta muito dinheiro em poda de árvores, em limpeza de lixo, se gasta fortunas, mas se esquecem de se fazer espaços para que a nossa comunidade TENHA locais adequados para práticas das mais diversas - da cultura, do esporte, do lazer, do entretenimento. Enfim, Esplanada precisa de estruturas que participem da vida do cidadão. Esplanada precisa de suas praças, que seus logradouros sirvam para que as pessoas possam se encontrar e conviver harmoniosamente em sociedade. Então, nós precisamos realmente melhorar a situação urbanística da cidade, que há doze anos atrás não era nossa preocupação, que nós tínhamos avançado nesse sentido, mas hoje já passou a ser. Ou seja, hoje nós não resolvemos o problema do emprego, não resolvemos o problema da educação, nós não resolvemos o problema da saúde, nós não resolvemos o problema da agricultura, nós não resolvemos o problema do turismo, ainda criamos o problema do urbanismo. Então, Infelizmente essa é mais uma questão que precisa ser revolucionada no nosso município.

Entrevista editada do candidato 2

Hoje na cidade, nós temos uma base mais ou menos de um milhão e duzentos mil reais de royalty mensal e que diga de passagem esse royalty, já na gestão anterior, já chegou até mais de dois milhões de reais. Então, é uma verba que pode ser aplicado praticamente em todos os seguimentos do município. Com Royalty do nosso município já era para a nossa cidade não ter mais ruas sem calçamento. Como eu acabei de falar é uma verba, é um valor bem equivalente, é um valor onde a nossa cidade é diferenciada de outras cidades circunvizinhas - em termo de Royalties. Hoje, já na gestão do vereador André também têm ruas calçadas, inclusive asfaltada; por exemplo, nós temos a rua da rodagem

Entrevista editada do candidato 3

Com relação à pavimentação, paralelepípedo nas ruas de Esplanada, se eu fizer um levantamento, ninguém construiu, calçou rua, mais do que eu nos meus oito anos. Mas, como as ruas, como o município está se desenvolvendo - crescendo a cidade - e os distritos e os povoados, precisamos também que haja uma parceria também fazer uma infraestrutura, porque o problema não é só o calçamento - a pavimentação; mas a infraestrutura -

saneamento básico é mais importante, às vezes, do que se pavimentar a rua. Agora se houve uma contra partida - projeto do governo estadual e federal para pavimentar junto com a Petrobrás, para dá a camada asfáltica na cidade, aí sim, que eu concordo. Mas, tudo isso, primeiro tem que fazer saneamento básico.

Para falar da urbanização, **o candidato 1** faz o seguinte comentário: “Eu acho que cada prefeito, cada administração que passou por essa cidade teve a sua característica. Eu acho que Esplanada até dois mil, ela era uma cidade do ponto de vista urbanístico, bem organizada”. Através desse enunciado, ele afirma que até o ano de 2000 a cidade não tinha problemas com o urbanismo. Dessa forma, a imagem sugerida é de que a cidade só passou a ter problemas de urbanização a partir de 2001. Na memória do esplanadense de 2001 a 2008, quem governava era o candidato 3; de 2009 a 2012 o seu sucessor. Então, mesmo não citando o nome, fica evidente que o candidato 1 está desqualificando a imagem do candidato 3. Isso fica mais evidente quando ele diz que “Faltava a questão social, faltava o emprego, faltava a renda, faltava melhores estrutura de saúde, faltava uma educação melhor, e infelizmente continua faltando. Então, percebam que há doze anos se investe quase nada ou muito pouco na urbanização”. Essa enunciado sugere que o candidato 3 não foi capaz de resolver os problemas da questão social, do emprego, da renda, da saúde, da educação, e ainda acabou gerando mais um problema, ou seja, o candidato 3 e seu sucessor foram um atraso para o desenvolvimento da cidade. Ao mesmo tempo o candidato 1 passa a imagem de que, se eleito, será um melhor administrador.

Para ratificar sua afirmação, o candidato 1 diz que “se gasta muito dinheiro em poda de árvores, em limpeza de lixo, se gasta fortunas, mas se esquecem de se fazer espaços para que a nossa comunidade TENHA locais adequados para práticas das mais diversas - da cultura, do esporte, do lazer, do entretenimento”. O termo destacado “tenha” serve de base, de ponto de partida para sinalizar sua proposta de mudança: de que “tudo vai ser diferente” – principal slogan de sua campanha; e ao mesmo tempo, ele segue desqualificando a gestão do candidato 3 e a gestão do prefeito Diolando Batista.

Essa desqualificação é novamente percebida no próximo fragmento: “/.../ nós precisamos realmente melhorar a situação urbanística da cidade, que há doze anos não era nossa preocupação, que nós tínhamos avançado nesse sentido, mas hoje já passou a ser”.

Tem-se, no trecho citado, um *ethos* de um político defensor da ideia de que cidade tem sido usurpada no setor urbanístico pelos os últimos gestores. Verifica-se, aí, um *ethos* de um político que tem como meta denunciar os atos apolíticos dos políticos do município.

Desde seu nascimento a cidade tem problemas estruturais na educação, na saúde, na segurança, na urbanização, entre outros. Na expectativa de resolver tais problemas o povo esplanadense aposta nas ações das lideranças locais na expectativa de ter uma melhor qualidade de vida. Depois da construção da ferrovia Esplanada passou a ser centro da Região por onde transitavam mercadorias de municípios vizinhos (FARIA, 1998, p. 47). Portanto, a cidade deveria ter se transformando numa cidade mais desenvolvida, mas por conta das marcas do contexto cultural, a população sofre com as crenças que norteiam a ação política.

Observa-se, no final da sua fala o uso do termo “nós”. Esse termo é usado em todo seu discurso. Pode-se inferir que proporciona, ao candidato 1, uma aproximação com o eleitor, com aqueles que fazem parte do seu grupo político, e ainda serve para diminuir a responsabilidade do poder executivo. Observemos o fragmento a seguir: “hoje nós não resolvemos o problema do emprego, não resolvemos o problema da educação, nós não resolvemos o problema da saúde, nós não resolvemos o problema da agricultura, nós não resolvemos o problema do turismo, ainda criamos o problema do urbanismo”. Apesar de se colocar como corresponsável do problema, essa enumeração dos problemas não resolvidos atinge a imagem do candidato 3; valoriza a imagem do candidato 1; e ainda coloca os eleitores como parte responsável do problema. Observa-se que nesse fragmento, ele recorreu a uma argumentação do tipo divisão do todo em suas partes. Tal estratégia serviu para enumerar o problema estrutural do município - este tem servido de “alimento” do *ethos* coronelista.

Para falar da urbanização, o **candidato 2** abordou o tema da seguinte forma: “hoje na cidade, nós temos uma base mais ou menos de um milhão e duzentos mil reais de royalty mensal e que diga de passagem esse royalty, já na gestão anterior, já chegou até mais de dois milhões de reais”. De acordo sua afirmação, por conta da quantia que Esplanada recebe o problema da urbanização já era para ter sido resolvido. Como sua imagem está ligada à solicitação de calçamento, esse fragmento sugere que, se eleito, o candidato 2 vai utilizar parte dessa quantia para investir na urbanização.

No próximo enunciado, o candidato 2 explicita como pode ser usado o recurso proveniente do royalty. Segundo ele, “/.../ é uma verba que pode ser aplicado praticamente em

todos os seguimentos do município. Com Royalty do nosso município já era para a nossa cidade não ter mais ruas sem calçamento”. Assim, ele constrói a imagem de um político preocupado com a urbanização da cidade. Já no fragmento “hoje, já na gestão do vereador André também têm ruas calçadas, inclusive asfaltadas; por exemplo, nós temos a rua da rodagem”, o *ethos* construído nesse enunciado apresenta um traço da cultura coronelista, pois ao mencionar que o vereador André também tem ruas calçadas, ele revela que seu filho também é um político - prática concebida como algo comum na memória dos eleitores, já que o estereótipo coronelista é uma visão pré-construída que está relacionado aos valores e julgamentos cristalizado na sociedade por meio dos comportamentos vinculados à cultura coronelista a qual foi construída e constituída ao longo do tempo.

Para abordar o tema da urbanização, o **candidato 3** elabora seu comentário da seguinte forma: “Com relação à pavimentação, paralelepípedo nas ruas de Esplanada, se eu fizer um levantamento, ninguém construiu, calçou rua, mais do que eu nos meus oito anos”. O *ethos* dito nesse enunciado opõe-se ao *ethos* dito da fala candidato 1, pois o candidato 3 declara que nenhum gestor fez mais calçamento do que ele. Sendo assim, é contraditório afirmar que o mesmo não se preocupou com a urbanização da cidade, ou seja, o candidato 1 utilizou um argumento do tipo contradição, na tentativa de desqualificar a gestão passada do candidato 3. É mister explicitar que a colocação de calçamentos nas ruas não é sinônimo de resolução do problema urbanístico, mas só a promessa de colocá-los garante ao político uma boa quantidade de voto.

Ciente de que há muitas ruas sem calçamento, o candidato 3 declara que a falta de pavimentação em alguns locais é por causa do crescimento da cidade. Depois argumenta que, para resolver o problema, será necessário fazer uma parceria com o Governo. Eis o fragmento “/.../ como o município está se desenvolvendo - crescendo a cidade - e os distritos e os povoados, precisamos também que haja uma parceria para fazer uma infraestrutura, porque o problema não é só o calçamento - a pavimentação”. Analisando termo “parceria”, é possível afirmar que ele está ligado à estereotipia do coronelismo, compreendendo dessa forma, pode-se dizer que ao citá-lo, o candidato 3 visa obter a adesão do auditório por meio de um processo de identificação com os seus coenunciadores. Por conta dessa peculiaridade, o *ethos* constituído nesse enunciado potencializa o poder argumentativo do orador.

5.1.6 - SAÚDE

Entrevista editada do candidato 1

É importante que a gente analise saúde e educação de dois prismas completamente diferentes - até o ano dois mil e de dois mil e um pra cá. Isso não se refere à questão de que até dois mil era um determinado prefeito, e que de dois mil pra cá, foram muitos, não. Mas, isso se refere às chamadas políticas de mu-ni-ci-pa-li-za-ção da saúde e da educação. A partir de dois mil e um os municípios PASSARAM a receber pelos serviços prestados, pela população que tem, pelos números de ocorrências e pela demanda de saúde. E daí pra cá, observem que muitos municípios do Brasil afora AMPLIARAM e desenvolveram seu parque de saúde; exames que antes do ano dois mil eram considerados exames complexos, difíceis, só feitos na rede particular, passaram a está à disposição da população em diversos municípios. Cirurgia das mais diversas - antes era coisa do outro mundo se fazer pequenas cirurgias - sobretudo nas ligadas à saúde da mulher, às ligadas às vesículas, enfim - coisas desse tipo. Hoje grande parte dos municípios fazem isso. Municípios de Sátiro Dias - tô falando de municípios pequenos - para não falar dos grandes. Nós temos em Alagoinhas o Hospital Dantas Bião, hospital regional que tem uma gama imensa de serviços a ser prestados. Infelizmente em Esplanada se caminhou exatamente no caminho CONTRÁRIO. Os prefeitos de Esplanada, os últimos prefeitos de Esplanada não enxergaram que com os recursos destinados à saúde, das verbas carimbadas, das dotações orçamentárias prefixadas para serem investidas na saúde, preferem comprar serviços em outras cidades. A nossa saúde se resume a TENTAR fazer com que cada vez mais se consolide a situação política de determinada figura apenas transportamos nossos doentes para os grandes centros. Nós precisamos aprender e reconhecer que Esplanada precisa fazer saúde pública de verdade. Nós precisamos desenvolver o nosso parque de saúde do município, porque se assim não fizermos, automaticamente seremos obrigados a cada dor, a cada problema de saúde, entrarmos no carro REZANDO para chegar aos grandes centros de saúde. Esplanada tem condição de ser o CENTRO da região Nós precisamos reformular a casa de apoio, que tem um serviço extraordinário prestado às pessoas do município de Esplanada, mas precisa ser remodelada. Quem tem que ir para casa de apoio são as pessoas que nós não temos condições de tratar. nós temos que ampliar a quantidade de pessoas que podemos tratar no município de Esplanada, porque temos

dinheiro, temos condição, só precisamos desenvolver um plano sério, competente e obstinado de trazer para Esplanada esses serviços de saúde pública.

Entrevista editada do candidato 2

A saúde do nosso município precisa sim, que seja feito investimento, que seja feito parcerias para melhorar. Eu disse inicialmente aqui, que como vereador, já faço a minha parte, onde eu tenho um dia no mês para marcação de exames, para diminuir, é claro, o sofrimento das pessoas mais carente. Isso é um trabalho que o vereador Djalma vem fazendo como político e que o vereador André continua fazendo. Não é mais cabível o que vem acontecendo, para quase todos os tipos de exames, nós temos que levarmos o nosso povo para Salvador, para capital, por quê? Porque não faz aqui. Precisamos investir não só na sede, mas também nos distritos e povoados; nos povoados colocarmos transporte para na alta emergencial, ter transporte para servir às pessoas carentes.

Entrevista editada do candidato 3

A saúde sempre foi minha grande prioridade nesse município; eu encontrei o município que não tinha uma ambulância para conduzir um paciente daqui para Salvador. Então, primeiro nós tivemos que abrir a casa de apoio para receber os doentes com exames mais complexos - que aqui não fazia em Esplanada. Então, eu tive a coragem de não esperar pelo SUS, eu nunca esperei pelo SUS, porque a doença não espera. Nós fazíamos cinco, seis tomografias magnéticas toda semana na melhor clínica Bahia – que é Delfin. Então, na saúde nós nunca questionamos quanto se custava um exame, nem uma cirurgia; até de cinquenta mil reais – fizemos não foi nem uma, nem duas vezes para salvar vidas. Então, a saúde tem que ser prioridade, porque o dom precioso que Deus nos deu é a vida. Você pode brincar com a vida né. Então, graças a Deus, o comércio cresceu também por quê? Porque () em todas as farmácias desse município, a prefeitura daquela época que comprava. O que é que eu sugiro as irmãs capuchinhas: uma parceria como que está acontecendo em todo o estado da Bahia – uma empresa, qualificada para administrar o hospital. É uma empresa particular para administrar o hospital; as irmãs administram a parte religiosa delas e a parte administrativa sim, e vai a empresa - é isso que está dando certo em todo lugar. E eu tenho certeza que se amanhã chegarmos lá; se papai do céu quiser.

De acordo o dizer do **candidato 1**, a saúde em Esplanada poderia ter melhorado a partir de 2001. Para esclarecer sua fala, diz: “é importante que a gente analise saúde e educação de dois prismas completamente diferentes - até o ano dois mil e de dois mil e um pra cá. Isso não se refere à questão de que até dois mil era um determinado prefeito, e que de dois mil pra cá, foram muitos, não”. Ao citar a expressão de “de dois mil e um pra cá”, mesmo dizendo que não se trata de apontar prefeito “A” ou prefeito “B”, ela serve de alicerce para criticar as gestões de 2001 a 2012. Essa crítica indireta pode ser identificada quando ele aborda as políticas de municipalização. Analisemos o fragmento a seguir: “/.../ isso se refere às chamadas políticas de mu-ni-ci-pa-li-za-ção da saúde e da educação. A partir de dois mil e um os municípios PASSARAM a receber pelos serviços prestados, pela população que tem, pelos números de ocorrências e pela demanda de saúde”. O termo destacado “municipalização” serve para explicitar a sua crítica. Ao falar sobre o processo de municipalização, através da construção dessa cena o *ethos* que se materializa passa uma imagem positiva do candidato 1, pois ele demonstra saber algo que poucos eleitores tinham conhecimento. Mas o *tom* dado ao enunciado também é utilizado para diminuir a credibilidade da imagem do fiador do candidato 3. Por isso, ele destacou o termo “passaram”, sinalizando que o problema da saúde no município é um produto decorrente de uma má administração municipal, a qual ainda não conseguiu se libertar dos comportamentos oriundos da cultura coronelista.

No fragmento “e daí pra cá, observem que muitos municípios do Brasil afora AMPLIARAM e desenvolveram seu parque de saúde”, o termo destacado “ampliaram” reforça a ideia anterior – o problema da saúde está ligada à má administração das gestões de 2001 a 2012. Sendo assim, a imagem do fiador do candidato 3 fica em “xeque” novamente. Para potencializar sua crítica, acrescenta: “exames que antes do ano dois mil eram considerados exames complexos, difíceis, só feitos na rede particular, passaram a estar à disposição da população em diversos municípios”. Ao afirmar que a partir de 2001, vários exames passaram a estar disponíveis nas redes municipais, o candidato 1 comenta que se não ocorreu em Esplanada, foi por conta da ação política dos gestores desse período. Dessa forma, ao analisar os enunciados do candidato 1, nota-se que ao criticar essas três gestões que precederam a eleição de 2012, ele cria um *ethos* político para dizer - *eu sou isso*, mas, paralelamente, rejeita um *anti-ethos* para dizer - *não sou aquilo*.

Para reforçar sua crítica aos prefeitos de 2001 a 2012, ele afirma que esses gestores não fizeram a lição de casa, ou seja, não se preocuparam em desenvolver o parque de saúde na cidade. Por isso, faz a seguinte inferência: “infelizmente em Esplanada se caminhou exatamente no caminho CONTRÁRIO”. O termo destacado – “Contrário” – é utilizado para construir a imagem de que a saúde não melhorou, ela piorou ao longo dos doze anos. Por meio dessa expressão, o candidato 1 demonstra sua oposição ao *anti-ethos* – descrito pelo mesmo, ao seguir tecendo suas críticas a seus adversários. Essa estratégia é interessante por ela permitir que ele, paralelamente, construa um *ethos* de um político que, caso seja eleito, estará preparado para fazer uma boa administração.

No próximo enunciado, o candidato 1 é identificado um traço da cultura coronelista marcante na cidade. Eis a sua fala: “a nossa saúde se resume a TENTAR fazer com que cada vez mais se consolide a situação política de determinada figura apenas transportamos nossos doentes para os grandes centros”. O termo em destaque – “tentar” – produz como efeito de sentido uma imagem que desqualifica as ações realizadas nas gestões referentes ao período mencionado. Segundo ele, durante esse período, a política local, nas realizações de suas ações relacionadas à saúde, ficou limitada mais a consolidar a imagem de uma determinada figura por meio da prestação de um socorro aos doentes do que resolver o problema da saúde de fato, como, por exemplo, implantar um parque de saúde. Observemos agora o próximo fragmento: “os prefeitos de Esplanada, os últimos prefeitos de Esplanada não enxergaram que com os recursos destinados à saúde, das verbas carimbadas, das dotações orçamentárias prefixadas para serem investidas na saúde, preferem comprar serviços em outras cidades”. O *ethos* construído desse enunciado passagem constrói a imagem de um político que é contra a aquisição dos serviços de saúde em outras cidades. Pode-se dizer que tal posição denuncia indiretamente o personalismo ligado a saúde nas cidades do interior, uma vez que é comum um político prestar socorro, pagar transporte para fazer exames em Salvador e/ou em alagoinhas, pagar a compra de remédio e, às vezes, pagar a cirurgia.

Ratificando sua aversão ao *anti-ethos*, o candidato 1 afirma que é fundamental investir na saúde de Esplanada “/.../ porque se assim não fizermos, automaticamente seremos obrigados a cada dor, a cada problema de saúde, entrarmos no carro REZANDO para chegar aos grandes centros de saúde. Esplanada tem condição de ser o CENTRO da região”. Os dois termos destacados – “rezando” e “centro” – pelo candidato geram efeitos de sentidos

distintos: o primeiro ativa a memória dos eleitores, ligando-o à falta de infraestrutura do hospital – quase sempre os pacientes precisam ser levados para Alagoinhas e/ou Salvador e, ao mesmo tempo, percebe-se um traço da cultura cristã – familiares e amigos dos pacientes rezam durante o percurso para o hospital solicitando de Deus a proteção e/ou a cura. Já o segundo serve para relembrar a posição geográfica da cidade em relação às cidades vizinhas, possibilitando defender a ideia mesma funcionar como centro da região. Nesse fragmento, nota-se um argumento do tipo causal, utilizado na tentativa de fundamentar melhor sua crítica. Por meio dessa cenografia, o candidato 1 elabora a construção de um *ethos* cuja imagem defende a proposta de modernizar a cidade e de criar as condições necessárias para que ela passe a funcionar como centro da região.

De acordo com o dizer do **candidato 2**, para resolver o problema da saúde é necessário fazer uma parceria. Eis o seu comentário inicial: “a saúde do nosso município precisa sim, que seja feito investimento, que seja feito parcerias para melhorar”. Esse fragmento serve como ponto de partida para defender a ideia de que, se o problema não for resolvido, ou seja, enquanto continuar funcionando dessa forma, ele continuará prestando serviços da seguinte forma: “eu disse inicialmente aqui que como vereador já faço a minha parte, onde eu tenho um dia no mês para marcação de exames, para diminuir, é claro, o sofrimento das pessoas mais carente”. Esse tipo de serviço prestado representa um tipo de prática que ocorre em quase todo o território brasileiro, trata-se de um traço da cultura coronelista – o pessoalismo. Essa prática representa, para muitos, “compra de voto”; também pode ser interpretada por muitos eleitores como um ato de humanidade. A cultura coronelista tem esse poder de subverter os valores dos cidadãos, naturalizando muitos atos ilícitos, praticados por nossos governantes.

Para Faria (1994) a miséria do nosso povo é muito expressiva, principalmente, no que se refere à sobrevivência e ao campo da saúde. Por conta dessa situação, boa parte dos pobres não dispõe de recursos para comprar um simples remédio para dor de cabeça, recorrendo, muitas vezes aos políticos. Dessa forma, o *ethos* coronelista que se materializa, quando o candidato 2 afirma que a marcação de exames “/.../ é um trabalho que o vereador Djalma vem fazendo como político e que o vereador André continua fazendo”, possibilita observar dois traços já identificados anteriormente da cultura coronelista: o primeiro refere-se a esses serviços prestados aos eleitores, os quais teoricamente não deveriam ser praticados pelos

políticos; o segundo, à continuidade desses serviços realizados por seus familiares. Nesse fragmento, o candidato 2, valeu-se do argumento de direção, uma vez que tal estratégia foi utilizada para sinalizar a maneira como ele e seu filho estão atuando como político.

Relendo as ideias defendidas por Leal (1986), constata-se que a práxis realizada pelos governos estaduais contribuem para que a cultura coronelista continue viva, pois é “normal” fazer “vista-grossa” sobre as ações da administração municipal cujo objetivo são as trocas de favores – as ditas “parcerias”.

Para falar sobre saúde, **o candidato 3** começa esclarecendo que ela sempre foi sua prioridade. Eis o primeiro fragmento: “a saúde sempre foi minha grande prioridade nesse município; eu encontrei o município que não tinha uma ambulância para conduzir um paciente daqui para Salvador”. Descrevendo essa situação precária da saúde no município, o *ethos* discursivo possibilita constituir uma imagem que dialoga sem tensão com a imagem que o eleitor tem do candidato. Sendo assim, ao ativar a memória dos eleitores, afirmando que “/.../ primeiro nós tivemos que abrir a casa de apoio para receber os doentes com exames mais complexos - que aqui não fazia em Esplanada”, o *ethos* construído por esse enunciado exerce a função de aumentar a credibilidade da imagem do fiador.

Mas, no fragmento “/.../ eu tive a coragem de não esperar pelo SUS, eu nunca esperei pelo SUS, porque a doença não espera. Nós fazíamos cinco, seis tomografias magnéticas toda semana na melhor clínica Bahia – que é Delfin”, tem-se a materialidade de um *ethos* polissêmico, ora ressaltando o *ethos* pré-discursivo do candidato – prestador de serviço na área da saúde; ora diminuindo a credibilidade da imagem do fiador – já que não é comum um gestor trocar os serviços do SUS pelos serviços de uma empresa privada – a Delfin. Essa ação é interpretada por muitos como compra de voto – direta ou indiretamente, sendo vinculada, portanto, a um estereótipo coronelista.

Esse *ethos* polissêmico se repete no fragmento “/.../ na saúde nós nunca questionamos quanto se custava um exame, nem uma cirurgia; até de cinquenta mil reais – fizemos não foi nem uma, nem duas vezes para salvar vidas”. Para muitos, essa prática é interpretada como um ato de humanidade; para outros, como uma práxis que o possibilitou chegar ao “poder” e, ao mesmo tempo, manter-se nele. Nessa passagem, verifica-se uma argumentação baseada na estrutura do real - causal, ela foi usada para apontar sua prioridade na área da saúde.

Quando o candidato 3 comenta que “/.../ a saúde tem que ser prioridade, porque o dom precioso que Deus nos deu é a vida. Você não pode brincar com a vida. Então, graças a Deus, o comércio cresceu também por quê? Porque em todas as farmácias desse município, a prefeitura daquela época que comprava”, o *ethos* que se materializa nesse fragmento pode ser interpretado como um dos traços da cultura coronelista, descrito por Leal (1986). Segundo o autor, devido ao estado de pobreza da maioria das pessoas nas cidades do interior, é comum o político comprar remédio, pagar uma conta de água ou luz, entre outros serviços. Nesse enunciado também é materializado o *ethos* de político religioso, já que candidato também recorre a uma cenografia pastoral.

Já no fragmento “o que é que eu sugiro as irmãs capuchinhas: uma parceria como que está acontecendo em todo o estado da Bahia – uma empresa, qualificada para administrar o hospital”, evidencia-se que o hospital ainda continua sendo administrado pelas irmãs capuchinhas. Para sugerir que o hospital passe a funcionar por meio de uma parceria entre o setor privado e as irmãs capuchinhas, o candidato 3 recorreu um argumento quase-lógico – de transição. Conforme Perelman (2005), este tipo de argumento deve ser compreendido como uma propriedade formal em que certas relações passam a ideia de que existe a mesma relação entre os termos “A” e “B” e entre os termos “B” e “C”, possibilitando inferir que ela existe entre os termos “A” e “C” – devem-se tomar as relações de inclusão, ascendência, de igualdade e superioridade como relações de transitividade. Dessa forma, pode-se inferir que o candidato 3 recorreu a tal estratégia com o objetivo de estabelecer a mesma relação com que vem acontecendo na administração de hospitais em outros municípios. A sugestão de uma parceria entre o setor privado e as irmãs capuchinhas também serve para constatar que a ideologia neoliberal tem conseguido garantir a manutenção da cultura coronelista nas cidades do interior.

5.1.7 - ALIANÇAS POLÍTICAS

Entrevista editada do candidato 1
Esse é o grande desafio na realidade. É você ampliar o seu leque de aliança. É você costurar uma gama de alianças muito grande onde seja preservada a ideologia central do projeto. E nós iniciamos esse projeto com um foco voltado para revolucionar e para mudar de vez a

realidade do município de Esplanada. Nós estamos fazendo alianças das mais diversas. Nós temos mais de dez partidos aliados na construção desse sonho. Nós vamos do PSDB ao PT; e não simplesmente por varejo político ou por simples negociação. Nós vamos do PSDB ao PT porque entendemos que cada ideologia, cada filosofia política, cada liderança política dessa cidade tem uma contribuição substancial para fazer ao processo. Até AQUI Esplanada viveu um período, daqui pra frente Esplanada tem obrigação de ter governantes cada vez mais comprometidos com o desenvolvimento, porque nós vamos fazer os deveres de casa, que os outros não fizeram. Nós vamos governar para desenvolver essa cidade, e TODOS aqueles que venham compor com a gente, tenham certeza de que tem que comungar dessa ideia, que tem que comungar desse objetivo, seja ele de que ideologia política for. Nós estamos dispostos a dividir, não o governo, mas a responsabilidade de transformar Esplanada. Então dizia o ex-presidenciável, grande figura brasileira, Leonel Brizola – que o Brasil era um carro atolado onde muitos poderiam desatolar, mas o que importava era quem estava no comando. E tenham certeza que no comando desse processo vai estar uma pessoa que não abrirá mão da condição de transformar essa cidade.

Entrevista editada do candidato 2

Nós temos aliança do PSD e o PR. Até dia trinta, antes da convecção, vamos ver se realmente há possibilidade de fazermos parcerias com mais outros partidos que aí têm. Mas, eu quero dizer que a minha política, é uma política séria, é uma política compromissada com o crescimento e com o desenvolvimento do município de Esplanada. Então, eu quero parceiros que tenham ideologias, mas pensando em melhorar a vida das pessoas, do nosso povo, principalmente das pessoas mais carentes.

Entrevista editada do candidato 3

Primeiro - a aliança eu fiz, quando pedi a papai do céu que ele me orientasse. Eu nunca disse que eu sou candidato – disse Deus proverá; não diga mais não que é candidato; se Deus quiser, assim será. Então, parece que Deus está querendo mais uma vez que eu retorne - pelo menos através de pesquisas que nós temos. Então, com relação às alianças, primeiro nós estamos tendo é a essência do todo poderoso; depois temos a população confirmando efetivamente através de pesquisas; e as alianças estão vindo naturalmente. Eu preguei a vida toda a DEMOCRACIA - acima de tudo a DEMOCRACIA. Vamos deixar o povo livre; e o povo na sua liberdade; no seu livre arbítrio para escolherem os candidatos. Estamos com

boas alianças graças a Deus.

De acordo a fala do **candidato 1**, a aliança política é um grande desafio para qualquer candidato. Por isso, afirma: “esse é o grande desafio na realidade. É você ampliar o seu leque de aliança. É você costurar uma gama de alianças muito grande onde seja preservada a ideologia central do projeto”. Observa-se nessa fala que o termo “alianças” aparece associado à expressão “preservada ideologia central do projeto”. Isso demonstra que o candidato 1 está aberto a fazer alianças, mas quem vai reger os rumos do governo será ele.

Continuando a sua fala, o candidato afirma: “/.../ nós iniciamos esse projeto com um foco voltado para revolucionar e para mudar de vez a realidade do município de Esplanada”. O *ethos* deste enunciado evidencia um político bastante confiante naquilo que pretende fazer. Sua inscrição é ousada, pois ele se compromete fazer uma administração, respeitando os interesses de cada partido e, ao mesmo tempo, manter preservada a ideologia do seu projeto político – revolucionar de vez a realidade do município de Esplanada, o que significa romper com as práticas ligadas à cultura coronelista.

Para reforçar essa imagem, comenta: “nós vamos governar para desenvolver essa cidade, e TODOS aqueles que venham compor com a gente, tenham certeza de que tem que comungar dessa ideia, que tem que comungar desse objetivo, seja ele de que ideologia política for”. Nesse fragmento, o orador enfatiza o termo “todos”. Este possibilita reforçar a imagem de que não vai governar apenas para os que voltaram nele, mas para todos. Essa promessa é interessante, porque ele revela que a cultura coronelista continua viva na cidade, pois, na ação política, marcada pelo coronelismo, quem voltou contra não tem terá o seu “pão” de cada dia. Em virtude dessa realidade, muitos acabam não ficando na cidade. A construção do *ethos* nesse fragmento sinaliza a imagem de um político que se compromete em romper com os vícios da cultura coronelista. No entanto, ao verificar a composição da sua coligação, observa-se que seu irmão Gilsinho de Dedé saiu candidato representando o partido PSC – segundo Leal (1986), uma ação como essa pode ser caracterizada como um comportamento típico do “coronelismo”.

Já no fragmento “nós estamos dispostos a dividir, não o governo, mas a responsabilidade de transformar Esplanada”, percebe-se aí o motivo do termo “nós” ser usado

constantemente em todo seu discurso. O candidato 1, por meio do seu discurso, vai gradualmente construindo a imagem de um líder preparado para transformar a história da cidade. Mas, paralelamente, constrói uma ideia de que todos os cidadãos esplanadenses são corresponsáveis por essa transformação. Isso fica mais evidente quando parafraseia um fala de Leonel Brizola: “/.../ dizia o ex-presidenciável, grande figura brasileira, Leonel Brizola – que o Brasil era um carro atolado onde muitos poderiam desatolar, mas o que importava era quem estava no comando”. Nesse momento o candidato 1 recorreu a um argumento baseado nas ligações que fundamentam a estrutura do real – de ilustração. Na concepção de Perelman (2005), esse tipo de argumento objetiva reforçar a adesão a uma regra já outorgada. Por isso, fornece casos particulares com a intenção de explicitar o enunciado geral. Ao recorrer à essa estratégia o candidato 1 materializa a imagem dele como o político que vai colocar a cidade no caminho certo. Dessa forma, o *ethos* materializado sinaliza a imagem de um político que deseja romper com o atraso da cultura coronelista, desde que ele seja consagrado como o protagonista do desenvolvimento da cidade de Esplanada.

De acordo com o **candidato 2**, ele não conseguiu fazer grandes alianças. Eis o início do seu discurso: “nós temos aliança do PSD e o PR. Até dia trinta, antes da convecção, vamos ver se realmente há possibilidade de fazermos parcerias com mais outros partidos que aí têm”. O *ethos* construído neste fragmento possibilita inferir que o candidato do PSD conseguiu fazer uma aliança apenas com o partido do PR – o qual seu filho saiu candidato como vereador. Sendo assim, seu enunciado ratifica um dos traços do coronelismo, já identificado na sua fala anterior.

Para falar das alianças políticas, o **candidato 3** diz que “primeiro - a aliança eu fiz, quando pedi a papai do céu que ele me orientasse. Eu nunca disse que eu sou candidato – disse Deus proverá; não diga mais não que é candidato; se Deus quiser, assim será”. O que se observa nesse fragmento é uma formação discursiva pertencente à cultura cristã, que o próprio é devoto. Por criar uma cenografia religiosa, percebe-se em seu enunciado a construção de um *ethos* pastoral, o qual aumenta o poder da credibilidade do político fiador. Ao afirmar que sua candidatura, primeiramente, perpassa pela vontade de Deus, o poder de persuasão do orador se amplifica, aumentando a sua chance de ganhar a adesão dos eleitores.

No fragmento seguinte acrescenta: “depois temos a população confirmando efetivamente através de pesquisas; e as alianças estão vindo naturalmente. Eu preguei a vida

toda a DEMOCRACIA - acima de tudo a DEMOCRACIA”. Depois de ter firmado sua aliança com Deus, o candidato 3 recorre a um argumento quase-lógico – de probabilidade. Para Perelman (2005), em geral, esse tipo de argumento terá o efeito, seja qual for o fundamento teórico que se atribuir às probabilidades, de dar aos problemas um caráter empírico. Por isso, o candidato 3 fez uso dele para demonstrar tranquilidade referente ao resultado da eleição. Ao destacar termo “democracia” duas vezes – observa-se a construção de *ethos* político que refuta o *anti-ethos* - imagem de um coronelista. Por isso, na fala seguinte afirma: “vamos deixar o povo livre; e o povo na sua liberdade; no seu livre arbítrio para escolherem os candidatos. Estamos com boas alianças graças a Deus”. Os termos destacados “livre” e “liberdade” são associados à expressão “livre arbítrio”. Essa relação serve para refutar a ideia dele ser visto como o ditador, para reforçar sua imagem como um servo de Deus, todavia, os termos destacados também servem para desqualificar indiretamente o candidato 1 – adjetivado por tais expressões com um político vinculado a uma cultura coronelista.

5.1.8 – ÚLTIMAS PALAVRAS

Entrevista do candidato 1
Em primeiro lugar, eu quero parabenizar a rede News pela iniciativa. Eu acho que nós precisamos começar a fazer política - já um pouco atrasada; nós precisamos fazer política dessa forma - defendendo as ideias; mostrando a população o que cada candidato tem a apresentar; os seus pensamentos; a maneira como enxergam o município. Então, vocês enquanto meio de imprensa estão de parabéns. Pode acreditar que vocês fazem parte do projeto que eu falo - não do projeto político, mas do projeto de transformar Esplanada, porque a partir do momento que nós damos a nossa população a condição de ter acesso à informação, a condição de ANALISAR qual candidato deva merecer seu voto. E isso não indo no patamar do assistencialismo - do levei seu pai, seu avô, te levei pra um médico, paguei a cirurgia dentro da sua família - mas levando isso para quem tem condição de fazer com que, no futuro, você não precise desses favores do serviço público. Isso é que deve ser levados às pessoas; as pessoas precisam ter no seu representante futuro, a pessoa que vai resolver os problemas, para que os direitos ditos na constituição federal sejam respeitados na

prática.

Entrevista do candidato 2

Eu espero que o nosso povo esplanadense, nossos internautas analisem com muito carinho, com muita cautela, tudo isso que falei - desse trabalho que venho desenvolvendo como político, como vereador. Como gosto de uma política séria, quando cheguei na presidência da casa legislativa, a maioria das votações eram fechadas, e imediatamente como presidente, juntamente com mesa diretora procuramos colocarmos todas as votações da câmara em aberto, porque é muito fácil na tribuna da legislativa o vereador falar sobre um determinado assunto e na hora da votação, quem está ali presente não sabe se ele votou a favor ou contra. Era assim, mas a partir da administração do vereador Djalma como presidente da câmara legislativa, passou as votações a serem abertas.

Entrevista do candidato 3

eu quero agradecer ao povo querido de Esplanada, tão solícito, tão amigo desse humilde administrador. Mas não me considero nem um administrador – me considero amigo de Esplanada. E foi isso que me levou a trabalhar em Esplanada - sem ser filho Esplanada. Eu sou muito gratíssimo ao povo querido de Esplanada por ter me acolhido em mil novecentos e sessenta e sete - quando cheguei aqui de Altamira com minha família simples e humilde. E hoje graça a Deus - eu me sinto um esplanadense. O povo de Esplanada nunca me faltou. Eu fui vereador dezesseis anos; eu fui prefeito oito anos; fiz sucessor; estou com as pesquisas aí, que me colocam lá em cima - a frente dos demais candidatos. Então, não tenho mais do que pedir - só agradecer. E eu sempre digo que se eu vivesse duzentos anos de vida, era só pra agradecer a papai do céu e ao querido povo de Esplanada - E dizer ao povo de Esplanada, acima de tudo - que devemos ser LIVRES; não sermos coagidos; votar com independência, como Deus nos criou independentes, livres. Ele que é o DONO da nossa vida - deixa a gente viver livre. Imaginemos a gente TULIR a liberdade daquele que maior o todo criador - tirar a liberdade - isso é impossível. Eu quero dizer aos meus amigos queridos de Esplanada que eu vou continuar pregando essa LIBERDADE de EXPRESSÃO: votem com consciência - e não sob pressão - porque essa é a liberdade; essa é a vontade de Deus - que nós sejamos livres, porque assim ele nos criou. Então, um forte abraço a todos os esplanadenses e Deus que lhe faça conduzir e que a luzes do alto possa, assim, aurir cada esplanadense, cada família - por dias melhores. Que Deus abençoe a todos.

Para o candidato 1, a iniciativa da mídia local em realizar uma entrevista com os candidatos a prefeito possibilitou criar um espaço onde cada candidato pudesse expor suas propostas, suas ideias, respeitando os princípios de um regime democrático. Observemos suas palavras nas considerações finais: “em primeiro lugar, eu quero parabenizar a rede News pela iniciativa. Eu acho que nós precisamos começar a fazer política - já um pouco atrasada”. A expressão “nos precisamos começar a fazer política – já um pouco atrasada” sugere que, até 2012, a política local não estava funcionando como deveria, ou seja, ela continuava sendo regida sob a influência da cultura coronelista. Por isso, o candidato 1 vai dizer: “nós precisamos fazer política dessa forma - defendendo as ideias; mostrando a população o que cada candidato tem a apresentar; os seus pensamentos; a maneira como enxergam o município”. Neste trecho, o candidato utilizou uma argumentação baseada na estrutura do real, recorrendo a um argumento de superação, o qual segundo Perelman (2005), defende a ação que vise ir sempre mais longe num certo sentido. Percebe-se nessa passagem que o candidato 1 reforça seu elogio à Rede News, sinalizando os benefícios dessa iniciativa. Segundo Charaudeau (2012), o discurso de informação deveria servir de base para o exercício da democracia, contribuindo, dessa forma, na consolidação dos vínculos sociais sem os quais não haveria sentimento de compartilhamento de identidades.

O candidato apoia seu discurso na defesa de uma política democrática. Por isso, tece o seguinte comentário: “a partir do momento que nós damos a nossa população a condição de ter acesso à informação, a condição de ANALISAR qual candidato deva merecer seu voto”. Observa-se nesse fragmento que o candidato aborda o papel que cabe às mídias. Logo, o termo em destaque “analisar” é utilizado associado ao sentido do termo “escolha”, o qual não é possível num regime coronelista. Para defender a imagem do candidato que merece o voto dos eleitores, o candidato 1 explicita que o voto deve ser dado ao candidato que siga os princípios da democracia e que faça uma política voltada para o desenvolvimento da cidade, onde seja possível romper com os vícios da política de favores e do assistencialismo. Por isso, acrescenta que a política não deve se restringir “/.../ no patamar do assistencialismo - do levei seu pai, seu avô, te levei pra um médico, paguei a cirurgia dentro da sua família - mas levando isso para quem tem condição de fazer com que, no futuro, você não precise desses favores do

serviço público”. Esse enunciado a cenografia adotada permite construir um *ethos* político que nega o *anti-ethos* – o pessoalismo e assistencialismo.

Para finalizar o seu dizer, comenta que “/.../ as pessoas precisam ter no seu representante futuro, a pessoa que vai resolver os problemas, para que os direitos ditos na constituição federal sejam respeitados na prática”. O *ethos* materializado nesse fragmento nos permite afirmar que a política realizada em Esplanada não respeita os princípios da constituição federal, evidenciando, portanto, que a cultura coronelista continua viva no município.

Depois de analisar os enunciados do candidato 1, nota-se que ele cria uma cenografia onde é possível identificar um *ethos* político que evidencia traços da cultura coronelista apesar de, paralelamente, refutar o *anti-ethos* – ações antidemocrática, assistencialista, pessoalista – que atestam uma estereotipia coronelista.

Para finalizar a sua fala, do **candidato 2** diz que “é muito fácil na tribuna da legislativa o vereador falar sobre um determinado assunto e na hora da votação, quem está ali presente não sabe se ele votou a favor ou contra”. A cenografia criada nesse fragmento é utilizada para construir um *ethos* político que se opõe à cultura coronelista. Essa estratégia melhora parcialmente a imagem do político fiador – que foi pego na Lei Ficha Limpa.

Ao analisar os enunciados deste, identificou-se, principalmente, que ele entrou na política por conta de sua amizade com alguns dos “doutores” da cidade. Depois de eleito a vereador, observa-se que seu filho passa a participar da política em virtude da relação de parentesco. Outra característica do coronelismo presente na sua fala é o pessoalismo, praticado por ele e seu filho.

O candidato 3, no fragmento “/.../ eu sempre digo que se eu vivesse duzentos anos de vida, era só pra agradecer a papai do céu e ao querido povo de Esplanada - E dizer ao povo de Esplanada, acima de tudo - que devemos ser LIVRES; não sermos coagidos”, materializa-se a imagem de um político temente a Deus e saudoso ao povo de Esplanada que o acolheu. Além disso, nota-se que o termo destacado – “livres” – possibilita inferir que o povo não pode viver submetido a uma cultura opressora, escravocrata. A expressão “não sermos coagidos” funciona de forma semelhante, apontando para uma das características da cultura coronelista – que ainda presente na memória da população esplanadense.

Para reafirmar a imagem constituída pelo fragmento anterior, o candidato 1 defende a ideia de que o povo deve “votar com independência, como Deus nos criou independentes, livres. Ele que é o DONO da nossa vida - deixa a gente viver livre. Imaginemos a gente TULIR a liberdade daquele que maior o todo criador - tirar a liberdade - isso é impossível”. Essa estratégia discursiva alicerça-se nas ligações que fundamentam a estrutura do real – de analogia. De acordo com Perelman (2005), o valor argumentativo desse tipo de argumento será posto em evidência com maior clareza se encararmos a analogia como uma similitude de estruturas, cuja fórmula mais genérica seria – A está para B assim como C está para D. O efeito de sentido produzido por esse tipo de estratégia deixa o auditório inclinado a aderir à questão apresentada. Além disso, o candidato 3 deu um destaque para dois termos, “dono” e “tulir”: o primeiro apresenta a ideia de que nenhum político é dono de seu eleitor; o segundo ratifica a imagem de que o poder do homem não está acima do poder de Deus. Dessa forma, percebe-se que a cenografia escolhida reforça o poder do discurso político do candidato 3.

Por conta da cenografia adotada para proferir seu discurso, ele recorre a enunciados que ativam a memória dos eleitores a uma fala marcada pela formação discursiva cristã. Observemos o próximo enunciado: “/.../ eu vou continuar pregando essa LIBERDADE de EXPRESSÃO: votem com consciência - e não sob pressão - porque essa é a liberdade; essa é a vontade de Deus - que nós sejamos livres, porque assim ele nos criou”. Como se pode perceber a cenografia escolhida pelo candidato 3 constrói um *ethos* pastoral, visando desvincular a sua imagem política de um estereótipo coronelista.

Nos enunciados analisados do candidato 3, observou-se que a sua entrada na política ocorreu em virtude de um convite feito por um “doutor” que gozava de uma imagem de prestígio na cidade. Apesar de construir um *ethos* pastoral, percebe-se que suas ações são marcadas por um *ethos* pessoalista – traço da cultura coronelista. Isso confirma a ideia de Maingueneau (2011a), quando diz que o *ethos* é marcado por uma hibridez.

6. CONCLUSÃO

A partir da abordagem realizada sobre o *ethos* em Maingueneau, buscou-se observar como os traços do *ethos* coronelista aparecem marcados no discurso dos candidatos a prefeito no município de Esplanada-Ba, na eleição de 2012. Uma vez que esse *ethos* não é constituído apenas por aquilo que o enunciador enuncia, foi feita uma incursão na história da cidade, desde sua fundação, com o objetivo de verificar como a ideia de coronelismo se apresenta no imaginário da população local. Isso significa que a construção da imagem coronelista perpassa pelos estereótipos sociais. Por esse motivo, o autor afirma que o *ethos* pré-discursivo exerce um papel importante na constituição do *ethos* efetivo, pois este se efetiva na interação entre o enunciador e o coenunciador.

Para o desenvolvimento do estudo, abordou-se, primeiramente, a noção de discurso político em Charaudeau, por este defender a ideia de discurso político como um jogo de máscaras, sinalizando que o discurso político é repleto de artifícios utilizados para convencer seus interlocutores. Por isso, o autor defende a ideia de que o político vai recorrer às estratégias discursivas de persuasão visando conquistar o “poder”, aproximando-o da legitimidade do discurso político, das imagens construídas para parecer fidedigno e dos imaginários de verdade que servem de alicerce dos seus propósitos. Dessa forma, as estratégias discursivas foram abordadas a partir do reconhecimento de técnicas argumentativas mobilizadas pelos oradores, no desenvolvimento dos dizeres. Assim, o contexto é apresentado como um elemento essencial para fazer as inferências sobre o dizer político.

Analisando a história de Esplanada, constatou-se que a cidade foi fundada sob a influência dos coronéis da época e pela forte presença da igreja católica. Tais influências continuam vivas não apenas no imaginário da população, mas em muitas práticas sociais, mesmo que seus agentes não tenham consciência disso. Sendo assim, a memória da cidade nos possibilita identificar os traços da cultura coronelista no interior do estado da Bahia. Fazendo uma pesquisa sobre o fenômeno do coronelismo no Brasil, percebeu-se que ele não é um caso isolado e/ou regional, mas um fenômeno que, ao longo do tempo, na tentativa de sobreviver, reinventou-se, para continuar vivo nas cidades do interior.

Por meio do estudo sobre a noção de argumentação desenvolvida por Perelman e Tyteca foi possível verificar como um argumento se transforma num instrumento do discurso político, uma vez que, nesse plano, com o discurso político se objetiva ganhar a adesão de seus eleitores. Assim, em cada enunciado, percebeu-se que os candidatos estruturaram seus discursos com base na memória, nas paixões e nos interesses do auditório (seus eleitores) para aumentar a chance de ganhar a eleição.

Dentro dessa perspectiva, Maingueneau nos apresenta a noção de *ethos* associado às cenas de enunciação. Estas se tornaram adequadas para compreender a materialidade do *ethos* coronelista em Esplanada. Como o *corpus* foi o discurso político na eleição de 2012, a cena englobante é o discurso político, a cena genérica é a entrevista realizada pelo esplanadanews, a cenografia é diversificada, uma vez que cada candidato utilizou cenografias distintas. O candidato 1 usou as cenografias de administrador e de político revolucionário; o candidato 2, de empresário e de político sério; o candidato 3, de pastoral e de político da saúde.

Nesse sentido, observou-se que essas cenografias estão ligadas ao *ethos* pré-discursivo de cada candidato. Através do discurso do candidato 1, verificaram-se termos, expressões e a ação política que revelam um *ethos* coronelista ligado à formação educacional, à religiosidade e à política paternalista. Já o discurso do candidato 2, também verificaram-se termos, expressões e ação política, evidenciando o *ethos* coronelista ligado à prestação de serviços. Como os demais, o candidato 3 usou termos, expressões e ação política, materializando um *ethos* coronelista vinculado aos fazendeiros, às famílias de prestígio, à prestação de serviços e à religiosidade.

Essas evidências ocorrem principalmente por cada um ter buscado desqualificar a ação política do seu opositor. Por isso, nenhum deles reconhece ou percebe sua ação política presa à cultura coronelista. Esse traço é identificado ora por conta da maneira como proferem seus discursos, ora da maneira como atuam politicamente na cidade, ora por conta da estrutura fundiária agrária - que até os dias atuais ainda não passou por uma reforma -, ora pela estrutura política que força a subalternização das prefeituras ao governo estadual.

É por essas questões suscitadas que, ao fazer uma breve leitura das obras “História de Esplanada desde o início, no fim do século XIX” e “Oitenta anos de vida: reminiscência” de Hildeth Farias e o manuscrito de M. G. D, encontram-se indícios da existência da cultura coronelista na cidade, ratificadas nos discursos proferidos pelos candidatos. Isso confirma a

ideia de que o teor persuasivo do qual se revestem os discursos dos candidatos, revelam marcas da reinscrição do *ethos* coronelista.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. **A Arte de Argumentar: gerenciando razão e emoção**. 9. Ed. – Cotia: Atelier Editorial, 2006.
- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. – 2. ed. – São Paulo, Contexto, 2011.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- ARENDDT, Hannan. **O Que é Política?** Trad. Reinaldo Guarany. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- _____. **Du mensonge à la violence**, traduction française. Gallimard, Paris, 1972.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. – São Paulo: EDIPRO, 2011.
- _____. **A Política**. 1. ed. (Coleção Folha: livros que mudaram o mundo). v. 11. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010.
- AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia dos mundos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BADIOU, A. **Abrégé de métapolitique**. Le Seuil, Paris, 1998.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/constituicaoofederal1988.pdf>. Acessado em: 10/11/2016.
- BRASIL. LDB (1996). **Leis de Diretrizes e base da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acessado em: 10/11/2016.
- BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Eleições no Brasil : uma história de 500 anos / Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles, Amanda Camylla Pereira**. – Brasília : Tribunal Superior Eleitoral, 2014. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/hotsites/catalogo-publicacoes/pdf/tse-eleicoes-no-brasil-uma-historia-de-500-anos-2014.pdf>. Acessado em 11/08/2016.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela M. S. Correa. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **O discurso político.** Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____ & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso.** Coordenação de tradução: Fabiana Komesu. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ENTREVISA COM JOSÉ ALDEMIR DA CRUZ. Direção: portal Esplanada News. Esplanada-Ba, 25:22 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fazQFU KI58E>. Acessado em 01/11/2012.

ENTREVISTA COM DJALMA BRITO. Direção: portal Esplanada News. Esplanada-Ba, 25:47 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VvG889Af6Cs>. Acessando em: 01/11/2012.

ENTREVISTA COM RODRIGO DE DEDÉ. Direção: portal Esplanada News. Esplanada-Ba, 27:24 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gO6sN0y2Z2U>. Acessado em 01/11/2012.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder:** formação do patronato político brasileiro. 12 ed. – V.2, São Paulo, Globo, 1997.

FARIA, Hildeth Cardoso. **História de Esplanada, desde o seu início, no final do século XIX.** Art-Contemp / Movicc. Salvador – Ba, 1998.

_____. **Oitenta anos de vida** – reminiscências -, edição especial – arte-Contemp, Salvador-BA, 1994.

FERTIG, André Atila. **Valentes vingadores:** os guardas nacionais riograndenses como símbolos do império do Brasil. Disponível em: <http://www.uft.edu.br/revistaescritas/sistema/uploads/valentes-vingadores-os-guardas-nacionais-riograndenses-como-sicc81mbolos-do-impecc81rio-do-brasil.pdf>. Acessando em: 07/08/ 2016.

FOULCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal. 1979.

FRANCHI, Carlos. **Linguagem: atividade constitutiva:** teoria e poesia / Carlos Franchi; (org) Eglê Franchi, José Luiz Fiorin. – São Paulo: Parábolas Editorial, 2011.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.1109.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Tradução de Denilson Werle. São Paulo: Unesp, 2014, “Prefácio de 1990”.

_____. Soberania popular como procedimento: um conceito normativo de esfera pública. IN: **Revista Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.º 26, mar. 1990, p. 100-113.

JÚNIOR, Álvaro Pinto Dantas de Carvalho. **Trajetória política de um líder conservador na Bahia - 1838-1903**. 2000, f. 378. Dissertação (mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000. Disponível em: <http://www.ppgh.ufba.br/wp-content/uploads/2013/12/Cicero-Dantas-Martins-de-Bar%C3%A3o-a-Coronel-Caps-4-e-5.pdf>.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e voto: o município e o regime representativo, no Brasil por Victor Nunes Leal, com nota do prof. Basílio de Magalhães; prefácio de Barbosa Lima Sobrinho**. 2. Ed. São Paulo – Alfa-Omega, 1975.

LIMA, Marcos Aurélio de. **A retórica em Aristóteles : da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia / Marcos Aurélio de Lima**. – Natal: IFRN, 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/Elias/Downloads/A%20retorica%20em%20Aristoteles-%20da%20orientacao%20das%20paixoes%20ao%20aprimoramento%20da%20upraxia%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Elias/Downloads/A%20retorica%20em%20Aristoteles-%20da%20orientacao%20das%20paixoes%20ao%20aprimoramento%20da%20upraxia%20(4).pdf). Acessado em: 10/05/2016.

MACHADO, Beatriz dos Santos Clemente. **Análise comparativa da argumentação no discurso prévio à campanha eleitoral de Aécio Neves e Dilma Rousseff / Viçosa, MG, 2015, f.140**. Dissertação (Mestrado) em Letras - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa, MG, 2015. Disponível em: <http://locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/6562/texto%20completo.pdf?sequen%20ce=1&isAllowed=y>. Acessado em: 03/06/2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza – e – Silva, Decio Rocha. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011c.

_____, Dominique. **Cenas da enunciação**. Tradução Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza e Silva – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____, Dominique. A Propósito do ethos. In: Ana Raquel Mota e Luciana Salgado (Organizadoras). **Ethos discursivo**. – 2. ed. – São Paulo. Contexto, 2011a, p.11-32.

_____, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: Ruth Amossy (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. – 2. ed. – São Paulo, Contexto, 2011b, p.69-92.

_____, Dominique. **Gêneses do discurso**. Tradução Sírio Possenti. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. In: ,MAQUIAVEL, N. [trad. Livio Xavier]. O Príncipe e Escritos Políticos. (Coleção Folha: livros que mudaram o mundo) 1.ed., v. 2. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010., p. 11-62.

MARX, Karl, e, ENGELS, Friedrich. Obras escolhidas I, II e III. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1983.

MEYER, Michel. **A retórica**. revisão técnica de Lineide Salvador Mosca; tradução São Paulo: Ática, 2007.

MORAES, Érica de. Paixão Pagu – o ethos em uma autobiografia. In: Ana Raquel Mota e Luciana Salgado (Organizadoras). **Ethos discursivo**. – 2. ed. – São Paulo. Contexto, 2011, p. 107-117.

PEREIRA, Égina Glauce Santos. **Retórica e argumentação [manuscrito]**: os mecanismos que regem a prática do discurso jurídico, 2006, f.110. Dissertação (Mestrado em Linguística) - programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos, da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-6SJQ89/ dissertao_egina.pdf?sequence=1. Acessado em: 06/06/2016.

PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Chaïm. **Retóricas**. Tradução Maria Ermantina Almeida Prado Galvão. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REALE, Giovanni ; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: filosofia pagã antiga. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2007.

RIBEIRO, R. M. **A construção da argumentação oral no contexto de ensino**. São Paulo: Cortez, 2009.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro**. Campinas, SP: Papirus, 1991

ROUSSEAU, J. Jacques. **Do contrato social**. Edição: Ridendo Castigat Mores. Fonte digital: www.jahr.org, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/contratosocial.pdf>. Acessado em 10/06/2016.

SAMPAIO, Tiago Santos. **ACM e a Bahia**: a construção do discurso político-afetivo de Antônio Carlos Magalhães e a narrativa da baianidade /.Salvador, 2010. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2010, f.192.

Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9042/1/Tiago%20Santos%20Sampaio.pdf>. Acessado em: 03/05/2016.

SANTOS, Aretuza Pereira dos; SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles. **Pontos de Interrogação**, v. 4, n. 1, jan./jun. 2014 Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II — Alagoinhas — BA. Disponível em: http://www.poscritica.uneb.br/wp-content/uploads/2015/06/Gilberto_Nazareno_Telles_Sobral_e_Aretuza_Pereira_dos_Santos.pdf. Acessado em: 01/07/2016.

SENA, Geane C. A.; FIGUEIREDO, Maria F.. **Um estudo da Teoria da Argumentação da Retórica Aristotélica à Teoria dos Blocos Semânticos**. Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 02, n. 01, p. 4 – 23, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/viewFile/539/279>. Acessado em: 10/04/2016.

SENO, Ana regina. **Ethos no discurso político de Dilma Rousseff: a imagem da mulher na política**. Vitória 2014. Dissertação (mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2014, f.188. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1443/1/O%20ethos%20no%20discurso%20pol%C3%ADtico%20de%20dilma%20rousseff.pdf>

ANEXOS

Segue abaixo o detalhamento de cada convenção empregada na transcrição e na edição das entrevistas dos candidatos 1, 2 e 3:

Situação	Convenção
Pausa prolongada	...
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que ouviu	(hipótese)
Termo ou fragmento seguido de comentário do transcritor	((termo solto/construção frasal incompleta))
Alongamento de vogal ou consoante	da:
Entonação enfática	Maiúscula (ex: a casa é BOA)
Silabação	Ca-sa
Repetições	Ex: ca cada pessoa ...
Hesitação ou sinais de atenção	Ah, éh, ih, ahã, né
Corte de fragmento realizado pelo transcritor	/.../

ENTREVISTA DO CANDIDATO 1

PRINCIPAL FATOR QUE TE LEVOU ENTRAR NA POLÍTICA

Olha, eu, eu acredito que política é uma filosofia de vida, não é! Eu acho que pra eu te responder essa pergunta é necessário que eu conte um pouco da minha história, não é! E a minha história remonta a essa escola – o CNEC, não é! quando aqui, né, na primeira série, quando aluno da professora Jeannete, eu era um aluno muito danado. E naquele momento a professora Jeannete me colocou como líder de classe para (poder) ter, porque se eu tivesse uma responsabilidade, e assim assumisse ali, aquela postura e pudesse ser, éh, ficar mais tranquilo na sala de aula. Com o passar do tempo, ainda aqui no CNEC, nós constituímos o primeiro grêmio estudantil dessa escola e fizemos na época – um grande pleito dos alunos era exatamente a reforma da quadra poliesportiva, e nos fizemos cinema, fizemos coleta nas ruas para que nós pudéssemos arrecadar recursos para consertar a quadra e fizemos isso através de um mutirão. Quando fui estudar pra Salvador, infelizmente a sina de boa parte dos filhos de Esplanada, não é, que tem que sair de sua terra porque nós não conseguimos completar aqui os nossos estudos. Eu lá, já no Colégio Marista de Salvador, ingressei no grêmio estudantil por onde continuei a minha vida, éh, enquanto estudei nessa escola, permaneci no grêmio sendo presidente deste grêmio por quatro vezes. Em dois mil, já trabalhando na Telemar, não é, foi aquela revolução na cidade querendo, não é, que houvesse uma renovação da política e aí acabei me inserindo naquele movimento por renovação e acabei entrando na política. Então, a política meio que aconteceu na minha vida, por uma questão de afinidade, por uma questão de jeito, por uma questão de vocação. Então, essa foi a maneira que eu entrei na política, e essa é a maneira que eu quero continuar na política, sempre contribuindo, sempre no intuito de estar presente nos principais acontecimentos (é) na van guarda dos acontecimentos políticos hoje da minha cidade, do meio onde eu vivo, acredito que o cidadão, ele tem que estar sempre à disposição de melhorar e de contribuir para o meio social em que vive né; na comunidade que vive para que possa, a partir das suas próprias ações, cobrar ou participar ativamente da vida social.

A EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO

Olhe, a educação do nosso município a despeito dos profissionais que nós temos e que digno de passagem Esplanada é um celeiro de bons professores, de pessoas inteligentes, não éh, a cidade que sempre foi conhecida como a cidade dos doutores, a despeito desse patrimônio pessoal que Esplanada tem, nós não temos vivido bons tempos na educação do município de Esplanada, não éh, Esplanada tem amargado os piores índices do I.D.E.B da região e um dos piores do Estado. Esplanada vive com uma estrutura precária, uma infraestrutura precária das suas escolas (que) não contemplam mais uma educação moderna, não éh. Esplanada vive espremida entre prestar serviço de ensino fundamental, de ensino médio e das universidades a distâncias que passaram a:: serem democratizadas pelo país afora, não éh. Então a realidade que Esplanada vive hoje, para a realidade (qui) a situação que Esplanada precisa viver é completamente diferente. E nós precisamos fazer da educação a mola mestra da revolução desse município, não éh. E isso passa por (u u u) um projeto fundamental (qui) é a educação de tempo integral. O aluno precisa ser assistido, não éh, pela educação todo o período do dia. Enquanto dia estiver, esse aluno precisa está sendo assistido pelos profissionais da educação. Nós precisamos entender (qui) esporte, cultura, lazer, oficinas de aptidões especiais, artesanatos, enfim, tudo isso é educação. Nós precisamos desenvolver o ser humano como um todo. Nós não podemos apenas formar um profissional, nós precisamos formar um cidadão. E é esse o conceito que precisamos ter na educação de Esplanada. Nós precisamos melhorar (a) nossa infraestrutura de escolas. Nós precisamos criar escolas modernas, capazes de atender as necessidades atuais da educação. Vejam, por exemplo, os programas de inclusão digital do governo federal, as escolas têm o computador, mas não tem o laboratório de informática montado, e nem quem use esses computadores. Quer dizer, é: um gargalo muito claro que Esplanada vive hoje. Não éh, Nós não podemos também falar em educação sem pensar no profissional em educação. O profissional de educação, ele tem que sentir vontade de ser um profissional de educação. (Aquele) sujeito que tá lá na escola, que tá pensando o que ele vai ser, ele precisa além de ter vocação, sentir atrativo, não éh, ou seja, se eu for professor, se eu for um profissional ligado à educação, eu terei condição de sustentar a minha família e de fazer uma carreira promissora. Então, nós precisamos remunerar melhor esses professores. Criar uma perspectiva de futuro para essas pessoas. Nós não podemos esquecer (qui) falta um

elo. Hoje o aluno concluiu o ensino médio, e aí? O que é que esse aluno vai fazer? Simplesmente nós cumprimos a nossa missão? Não. E é por isso que nós estamos tentando trazer para Esplanada, o que já é um compromisso da reitora Aurina, professora Aurina Santana, o IFBA (pro) município de Esplanada, ou seja, será a oportunidade dos nossos jovens ao concluírem o ensino médio - já terem uma profissão, não éh. Nós temos aí, dois mil e quinhentos empregos gerados só na fase de implantação do complexo do Baixios. Nós temos entorno de setecentos empregos na área da Petrobrás, nós temos uma agricultura, uma agropecuária que precisa de profissionais capacitados nas suas áreas, e a nossa educação não pensa nessas pessoas. Então, gente, a educação será, sem sombra de dúvida, um dos pilares fundamentais da futura administração, nossa. Nós não podemos pensar no desenvolvimento da cidade, nós não podemos pensar no futuro, se nós não temos a educação de qualidade. Esplanada será, sem sombra de dúvida, a cidade da educação. E digo isso com a autoridade, de quem tem, um dos melhores professores do Brasil, (qui) é o secretário municipal de educação de Salvador – Deputado João Carlos Bacelar – considerado por todas as correntes políticas como o maior secretário de educação da história de Salvador. Então, é esse o exemplo que quero trazer para Esplanada. É o exemplo de Mata de São João, não éh, (qui) tem feito uma educação de qualidade, que em oito anos entrega à população trinta novas escolas completamente adequadas à nova realidade da educação. Esses são os exemplos que faremos para a educação de Esplanada, para que essa seja a educação que meu filho vai ter quando vem estudar em uma escola pública, porque o filho de prefeito não pode estudar em escola particular, tem que estudar em escola pública, porque aí sim, nós teremos a certeza de que a escola pública é uma escola de qualidade para todos e não para quem não tem oportunidade de estudar na rede particular.

ARRECADAÇÃO E INFRAESTRUTURA

olha, a infraestrutura do município, ela está completamente destruída, não éh! Recentemente nós tivemos a região da praia quase quarenta e cinco dias sem aula em determinadas comunidades porque estradas simplesmente os ônibus, e o transporte escolar não conseguiam passar. Eu estive em uma das comunidades da região da praia, onde das quatro escolas existentes, apenas duas ainda existem, e os alunos têm que andar catorze, quinze quilômetros

por dia para terem acesso à sala de aula. Tem comunidades como Falcão e Gauribas que ficam sem atendimento médico, por falta de estradas, por falta de pontes, e coisas desse tipo. Recentemente vimos no próprio EsplanadaneWS, não éh, uma comunidade inteira, como São José Operário, praticamente ilhada por causa das possas de água, não éh, não temos sequer três por cento de esgotamento sanitário na sede do município, ou seja, a infraestrutura do município não existe. Ela precisa ser reformulada. E não se pode falar em desenvolvimento, não se pode falar em respeito ao cidadão, não se pode falar numa cidade melhor, mais próspera, mais justa, se nós não desenvolvemos a infraestrutura dessa cidade. Então, é principal problema dessa cidade é a sua infraestrutura nas mais diversas áreas: saúde, educação, estradas, esportes e tudo mais. Nós passamos o tempo inteiro brincando de administrar Esplanada, mas muito pouco fizemos para desenvolver. Então, nós precisamos de estrada, nós precisamos, por exemplo, ligar Esplanada - a sede do município - a sua região da praia por uma estrada nova, mais próxima, que passe pelas áreas da Petrobrás fazendo com que Esplanada seja um município referência para essas pessoas poderem se hospedar – e não o município de Entre Rios. Nós precisamos integrar a sede do município à região da praia. Nós precisamos melhorar as estradas da região do São José, dos assentamentos pra que a gente possa escoar a nossa produção, dá socorro de qualidade, o:: transportes escolar possa circular com mais eficiência. Então, a infraestrutura do município. E agora vamos falar da sede: quantas ruas importantes do nosso município, comunidades inteira ainda sem calçamento? Não éh. Fala-se em asfaltar as principais avenidas da cidade, e o loteamento Renato Sampaio? E os Quinze? Não é, e: a Baixa da Santa Cruz? Diversas ruas transversais do timbó, das Malvinas, da rua do Cheiro, não éh, do próprio Mucambinho – que já hoje um número considerados de casas sem pavimentação, e a rede de esgotamento sanitário? E a iluminação, gente? Nós não estamos conseguindo sequer manter a cidade iluminada. Então, a infraestrutura de Esplanada precisa ser reformulada, e isso só é possível, racionando dinheiro público, e: aplicando ele com correção, com honestidade, com seriedade, valorizando cada centavo. Com relação às pessoas mais carentes, nós precisamos criar um plano de amparo a essas pessoas, particularmente nós temos a ideia de criar o Bolsa Família Municipal, isso não é falácia, não é demagogia, não. É um projeto sério que já existe em São Francisco do Conde, já existe em outras cidades, não éh, da Bahia, e que, nada mais é do que uma amparo temporário para que o cidadão possa ser recolocado no mercado de trabalho, ou seja, aquela

família, aquela pessoa (qui) está sem condição de sustentar e sustentar a sua família, ela terá um auxílio momentâneo do poder público para que ele seja requalificado através de um curso profissionalizante, através de uma intermediação de mão de obra, através de projetos de desenvolvimento de aptidões. Quantos artistas nós temos em Esplanada e tivemos ao longo da história de esplanada, que por total falta de oportunidade, se entregaram ao abandono, ((se entregaram aí – construção frasal incompleta)), porque não tiveram oportunidade? Então, eu acho que esse acompanhamento dessas pessoas é fundamental. A prefeitura não pode sustentar por toda a vida as pessoas (que) não tem emprego, mas ela pode sustentar pelo período necessário, para que ela possa ser recolocada no mercado de trabalho e ter dignidade. Essa é a nossa proposta com relação a isso.

SEGURANÇA PÚBLICA

Olha, a segurança pública, alguns governantes têm a: mentalidade pequena de atribuir ao governo do estado ou governo federal. É bem verdade que constitucionalmente essa é uma responsabilidades dos Estados e da União. Mas, () a própria União como fez com a educação que foi municipalizada, como fez com a saúde que municipalizada, também tem criado, tem reconhecido a: sua incapacidade de dar assistência igual aos municípios brasileiros e tem criado mecanismos federais para financiar uma segurança municipal – através () da Secretaria Nacional de Segurança Pública e dos Conselhos de Segurança Pública. Essas cidades têm por esse prisma a oportunidade de criar projetos de segurança pública, criando guardas municipais que trabalhem, criando estruturas municipais de monitoramento, de desenvolvimento, de obras e de ações (que) visem minimizar os efeitos da violência. Eu, particularmente, sou IDEALIZADOR e presidente da comissão da Câmara Municipal da Segurança Pública. Trouxe pra esse município a comissão de direitos humanos e segurança pública da assembleia legislativa para discutir segurança pública ((e para melhorar – construção frasal incompleta)). Naquela época se roubava um carro por final de semana e diversas motos por semana em Esplanada. Nós conseguimos fazer com que a C.A.E.L voltasse a fazer ronda na nossa cidade. Mas nós podemos melhorar nossa segurança pública CRIANDO de verdade nossa guarda municipal, fazendo com que ela se capacite através de

um treinamento específico. Aqui nós temos um centro de treinamento que está ali, na Cipe litoral norte, ou seja, os policiais do Estado, (das) das guarnições especializadas, são treinadas em Esplanada, e porque é que essa estrutura não pode servir para treinar nossa guarda municipal? Eu visitei o município de Novo Hamburgo, de Campo Bom, no Rio Grande do Sul, um município que tem duzentos e cinquenta mil habitantes e outro que tem trinta mil habitantes, e pude ver guardas municipais que funcionam, (qui) fazem blitz, (qui) auxiliam as polícias Cível e Militar, (qui) cuidam do trânsito, (qui) cuidam do patrimônio público e (qui) ajudam efetivamente a resolver os problemas de segurança pública daquelas cidades. Pelo efetivo da Polícia Militar que nós temos hoje, da Polícia Civil que tem passado por grandes problemas do Estado, seria até uma incongruência a gente dizer (que) vai melhorar a atuação dessas guardas, dessas polícias aqui no município, até porque nós não temos gerência sobre isso. Todos os comandantes da Policia Civil, os delegados ((da poli da da – expressão solta)) todos os comandantes da Policia Militar, perdão, e os delegados da Policia Civil se queixam do efetivo. Hoje um Policial Civil fica sozinho na delegacia a noite mais com medo do ladrão invadir do que propriamente pronto para prestar segurança a nossa comunidade. Então, agir nesse ponto é uma questão política que nós podemos lutar, mas os prefeitos podem e devem monitorar as suas ruas através de programa de monitoramento ligados à Secretaria de Segurança Pública, financiados ((pela – termo solto)) pelo Programa Nacional de Segurança Pública. Nós pudemos equipar a nossa guarda municipal com veículos, a exemplo de Mata de São João (qui) tem uma guarda municipal extremamente bem aparelhada e nós pudemos criar módulos da guarda municipal nas ruas, nos bairros e nas comunidades, para que nós possamos, assim, melhor estar presente, o Estado estar presente nessas comunidades para facilitar as ações da polícia, ou seja, a polícia só será chamada, quando de fato ocorrer alguma coisa.

URBANIZAÇÃO

Olha, Eu acho (qui) Esplanada, exemplo, cada prefeito, cada administração que passou por essa cidade teve a sua característica, né. Eu acho (qui) Esplanada até dois mil, ela era uma cidade do ponto de vista urbanístico, bem organizada. Faltava a questão social, faltava o emprego, faltava a renda, faltava melhores estruturas de saúde, faltava uma educação melhor,

infelizmente continua faltando. Não éh, de lá pra cá muito pouco foi feito pela urbanização da cidade. É bem verdade, não éh! Perceba (qui) hoje nós temos grandes gargalos urbanos que precisão ser preenchidos de forma emergencial - a praça Nossa Senhora da Pompéia, a praça da rua do Malombê, a praça do Timbó. Criar, éh, espaços de lazer e de esporte para as comunidades do timbó, da rua do cheiro, do Mucambinho, () enfim, nós estamos falando da sede do município especificamente, não éh, – a pergunta foi direcionada pra isso. Então, percebam que há doze anos se investe, quase nada ou muito pouco na urbanização. Se gasta muito dinheiro em poda de árvores, em limpeza de lixo, se gasta fortunas, mas se esquece de se fazer espaços para (que) a nossa comunidade TENHA locais adequados para práticas das mais diversas - da cultura, do esporte, do lazer, do entretenimento, não éh. Vejam que as praças de Esplanada, elas além de poucas, elas não contemplam estruturas e equipamentos, por exemplo, para melhor idade, para os jovens. Recentemente, na internet, (foi) foi tema recorrente a criação de uma pista de skate. Nós não temos um ginásio coberto ainda nesse município. Nós temos pouquíssimas quadras poliesportivas ou quase nenhuma. Se formos analisar dentro dos critérios, podemos dizer que não temos nenhuma. Onde é (que) estão nossos espaços pra cultura? Não temos um teatro no município. Não temos um espaço para que as bandas, para que os grupos de teatro possam se apresentar, não éh! Então, Esplanada carece muito da urbanização, mas não só do calçamento, não só do asfalto. O asfalto, eu enxergo como algo extremamente desnecessário. Me permitam, aqui, ser muito franco não éh! Mas é desnecessário. Nós temos aqui outras prioridades, Esplanada precisa de mais ruas calçadas, de mais praças, de locais, como eu disse aqui anteriormente, de lazer, de prática de esporte, de entretenimento, para (qui) as pessoas da melhor idade possam se encontrar, se confraternizar, fazer suas ginásticas, andar. Enfim, Esplanada precisa de estruturas que participem da vida do cidadão. Esplanada precisa de suas praças, que seus logradouros sirvam para que as pessoas possam se encontrar e conviver () harmoniosamente em sociedade, né. Então, nós precisamos realmente melhorar a situação urbanística da cidade, que há doze anos atrás não era nossa preocupação, que nós tínhamos avançado nesse sentido, mas hoje já passou a ser. Ou seja, hoje nós não resolvemos o problema do emprego, não resolvemos o problema da educação, nós não resolvemos o problema da saúde, nós não resolvemos o problema da agricultura, nós não resolvemos o problema do turismo, ainda criamos o

problema do urbanismo. Então, infelizmente essa é mais uma questão que precisa ser revolucionada no nosso município.

SAÚDE NO MUNICÍPIO

Olha, é importante (qui) a gente analise saúde e educação de dois prismas completamente diferentes - até o ano dois mil e de dois mil e um pra cá. Isso não se refere à questão de (que) até dois mil era um determinado prefeito, e (que) de dois mil pra cá, foram muitos, não. Mas, isso se refere às chamadas políticas de mu-ni-ci-pa-li-za-ção da saúde e da educação, né. A partir de dois mil e um os municípios PASSARAM a receber pelos serviços prestados pela população (qui) tem, pelos números ocorrências e pela demanda de saúde. E daí pra cá, observem que muitos municípios Brasil afora AMPLIARAM e desenvolveram seu parque de saúde; exames (qu) antes do ano dois mil eram considerados exames complexos, difíceis, né, só feitos na rede particular, PASSARAM a está à disposição da população e em diversos municípios. Cirurgias das mais diversas - antes era coisa do outro mundo se fazer pequenas cirurgias - sobretudo nas ligadas à saúde da mulher, às ligadas a: às vesículas, enfim - coisas desse tipo. Hoje grande parte dos municípios fazem isso. Municípios de Sátiro Dias - tô falando de municípios pequenos - para não falar nos grandes, não é! Nós temos em Alagoinhas o Hospital Dantas Bião, hospital regional que tem uma gama imensa de serviços a ser prestados. Infelizmente em Esplanada se caminhou exatamente no caminho CONTRÁRIO, não é! Os prefeitos de Esplanada, os últimos prefeitos de Esplanadas não enxergaram (qui) com os recursos destinados à saúde, das verbas carimbadas, das dotações orçamentárias prefixadas para ser investidas na saúde, preferem comprar serviços em outras cidades. A nossa saúde se resume a TENTAR, não é, fazer com que cada vez mais se consolide a situação política de determinada figura apenas transportando os nossos doentes para os grandes centros. Nós precisamos aprender e reconhecer que Esplanada precisa fazer saúde pública de verdade. Precisa desenvolver a sua estrutura de exames, do parque de imagens, das cirurgias, do atendimento a saúde da mulher, não é! Nós precisamos desenvolver () o nosso parque de saúde dentro do município, porque se assim não fizermos, automaticamente seremos obrigados a cada dor, a cada problema de saúde, entrarmos no carro REZANDO para chegar-nos aos grandes centros de saúde. Esplanada tem condição de ser o

CENTRO da região - na questão de saúde; ((podemos sediar – construção frasal solta)), por exemplo, vocês assistiram recentemente no meu programa de rádio, o prefeito Roberto Leite dizer que compra a saúde de Rio Real porque Esplanada não consegue vender saúde a ele. Então, se nós não desenvolvermos nosso parque de saúde, se nós regionalizarmos a nossa saúde, evitando que as pessoas saiam daqui, para fazer os mais simples procedimentos fora, nós teremos aí, com certeza, um desenvolvimento muito grande, não só na saúde, mas também na parte econômica, porque vamos estar trazendo visitantes, vamos estar trazendo pessoas para consumir serviços dentro do nosso município. Nós precisamos reformular a casa de apoio, não éh, que tem um serviço extraordinário prestado a: às pessoas do município de Esplanada, mas que precisa ser remodelada. Quem tem (qui) ir para casa de apoio são as pessoas que nós não temos condição de tratar. E nós temos que ampliar a quantidade de pessoas nos que podemos tratar no município de Esplanada, porque temos dinheiro, temos condição, só precisamos desenvolver um plano sério, competente e obstinado de trazer, éh, pra Esplanada esses serviços de saúde pública, de qualidade e sempre ampliando o rol de serviços a serem prestados. Então, esse é o nosso principal desafio. É prestar serviço de saúde dentro do município e não fora.

ALIANÇAS POLÍTICAS

Esse é o grande desafio na realidade, né. É você ampliar o seu leque de alianças. É você costurar () uma gama de alianças muito grande onde seja preservada a ideologia central do projeto, não éh. E nós iniciamos esse projeto com um foco voltado para revolucionar e para mudar de vez a realidade do município de Esplanada. Nós estamos fazendo alianças das mais diversas, não éh! Nós temos mais de dez partidos aliados na construção desse sonho. Nós vamos do PSDB ao PT; e não simplesmente por varejo político ou por simples negociação. Nós vamos do PSDB ao PT porque entendemos (qui) cada ideologia, cada filosofia política, cada liderança política dessa cidade tem uma contribuição substancial a fazer ao processo - mas sem perder o objetivo principal. Nós não abriremos MÃO de fazer um governo em (que) Esplanada olhe para trás e diga: esse governo foi um divisor de águas. Até AQUI Esplanada viveu um período, daqui pra frente Esplanada tem obrigação de ter governantes cada vez mais comprometidos com o desenvolvimento, porque nós vamos fazer os deveres de casa, (qui) os

outros não fizeram. Nós vamos governar para desenvolver essa cidade, e TODOS aqueles que venham compor com a gente, tenham certeza de (qui) tem que comungar dessa ideia, (qui) tem que comungar desse objetivo, seja ele de (qui) ideologia política for. Nós estamos aberto; nós estamos de braços abertos para costurar ((o maior – expressão frasal solta)), a maior aliança política jamais vista na história desse município. Nós estamos dispostos a dividir (), não o governo, mas a responsabilidade de transformar Esplanada. E todos aqueles (que) queiram fazer parte desse projeto estão convidados. Eu convido você - inclusive que está me ouvindo neste momento a vim fazer parte desse projeto, independente das cores partidárias, o que menos nos interessa nesse momento são as legendas, são as SIGLAS que compõe esse partido, o que mais nos interessa é o compromisso, não éh, é a responsabilidade que temos com essa cidade, é a cidade que escolhemos pra viver e (qui) escolhemos para constituir nossas famílias e criar nossos filhos. Isso é fundamental. Eu não tenho preocupação e não tenho problema algum em compor, em trazer (pra) esse projeto seja quem for, desde (qui) a pessoa que esteja disposta a (vim) - venha desarmada - venha sabendo que vai fazer parte de um projeto inovador, (qui) terá critérios, (qui) terá regras, (qui) terá espaços respeitados, mas que acima tudo, tem um único compromisso - transformar essa cidade numa cidade cada vez melhor, diferente do que foi feito até aqui. Então dizia o ex-presidenciável, grande figura brasileira, Leonel Brizola – (qui) o Brasil era um carro atolado onde muitos poderiam desatola-lo, mas o (qui) importava era quem estivesse no comando. E tenha certeza que no comando de tudo esse processo vai estar uma pessoa que não abrirá mão da condição de transformar essa cidade. Então, as alianças, elas estão sendo das mais diversas, estão sendo satisfatórias, mas ela tem um único compromisso – desenvolver a nossa cidade, melhorar a qualidade de vida das pessoas.

ÚLTIMAS PALAVRAS⁴³

Olha, (Em) primeiro lugar, eu quero parabenizar a rede news (não éh) pela iniciativa. Eu acho que nós precisamos a começar a fazer política - já um pouco atrasada; nós precisamos fazer política dessa forma - defendendo as ideias; mostrando a população o que cada candidato tem

⁴³ A expressão “Considerações finais” – termo usado na entrevista, foi substituída por “últimas palavras” com o objetivo de evitar confusão na conclusão do trabalho.

a apresentar; os seus pensamentos; a maneira como enxerga o município. Então, vocês enquanto meio de imprensa estão de parabéns. Pode acreditar que vocês fazem parte do projeto que eu falo - não do projeto político, mas do projeto de transformar Esplanada, porque a partir do momento (qui) nós damos a nossa população a condição de ter acesso à informação, a condição de ANALISAR qual candidato deva merecer seu voto. () E isso não indo no patamar do assistencialismo - do ah, levei seu pai, seu avô, (ti) leve pra um médico, paguei a cirurgia dentro da sua família - mas levando isso para quem tem condição de fazer com que, no futuro, você não precise desses favores do serviço público. Isso é que deve ser levado às pessoas; as pessoas precisam ter no seu representante futuro, a pessoa que vai resolver os problemas, para (qui) os direitos ditos na constituição federal sejam respeitados na prática, não éh. E o meu sonho – e essa é a mensagem que quero deixar para vocês – é que todo e qualquer cidadão, independente de religião, independente de partido político, independente de posição social, ele tenha direito aos serviços essenciais prestados pela prefeitura, (qui) precise de uma saúde, tenha saúde, sem precisar favor a ninguém, (qui) o seu filho vá para uma escola pública com qualidade, porque lá vão estar os melhores profissionais e a melhor estrutura para atendê-lo. Que trafegue pelas () nossas estradas com tranquilidade e segurança. Que possa investir o seu dinheiro aqui, porque aqui será uma cidade próspera, qui terá pessoas empregadas, não éh, e qui terão condição de consumir os produtos desses empreendimentos. Enfim, eu quero dizer a vocês (que) vou lutar e lutar muito para que nós possamos juntos, construir uma Esplanada que caiba de verdade todos os esplanadenses e todos os aqueles que queiram ser esplanadense, porque aqui, não tenho dúvida - será a cidade das oportunidades. Muito obrigado pela oportunidade e: nos veremos, com certeza, em novas oportunidades; discutindo sempre de forma desassombrada e comprometida, o futuro da nossa cidade. Forte abraço a todos.

ENTREVISTA DO CANDIDATO 2

PRINCIPAL FATOR QUE LEVOU ENTRAR NA POLÍTICA

Através () do ex-prefeito, Evaldo Anjo dos Santos, e quando candidato a prefeito me convidou para ser candidato a vereador, e na época não tinha interesse. Mas, como ele é uma pessoa que eu já tinha visto o trabalho dele como secretário de administração na gestão do Doutor Antônio, éh, deu para perceber que ele era realmente um político voltado totalmente para as pessoas mais carentes do nosso município. E aí consultei a minha família e decidi ser candidato para ajudá-lo na campanha dele para prefeito. Simplesmente para poder ajudá-lo, mas após a eleição tive uma boa votação. E aí já passei a ter o compromisso com aquelas pessoas que me deram um voto de confiança para ser vereador. Passei, então, a éh procurar de alguma maneira servir a essas pessoas. E comecei a fazer um trabalho onde, éh, preparando os jovem para seu primeiro emprego, onde eu atendo as pessoas aqui em minha residência uma vez por semana, onde dando lhe toda a sua documentação, né, para que ele possa na primeira oportunidade que ele tenha, ele, éh, conseguir seu emprego, porque o cidadão com emprego está conseguindo sua dignidade própria, né, para sobreviver. E (isso), éh, não é fácil porque sabemos que não tira toda a documentação dos (jovem) aqui na cidade, vamos uma vez por mês para o SAC, em Alagoinhas, para ((complementar – não tenho certeza se é esse o termo)) essa documentação que é retirando a carteira de trabalho. Também, éh, para melhor servir as pessoas que me deram seu voto de confiança, passei também a atender um dia na semana, para atender as pessoas dentro das suas reivindicações, principalmente a parte de exames, que é cuidar da saúde das pessoas mais carente do município. E isso venho fazendo desde quando sou vereador, ver um dia na semana para atender o povo na marcação de exame. Dando continuidade nesse trabalho, preocupado em servir mais e mais, éh, a população mais carente, procurei colocar um transporte para atender aquelas pessoas menos favorecida, aquelas pessoas que sai da sua residência para sua feira, mas que não pode gastar um real. Se tirar um real do seu orçamento, do seu dinheiro, vai fazer falta no feijão, na farinha, no arroz, e isso conseguimos, eu através de parceiros, conseguimos, éh, colocar o transporte para essas pessoas não está aí com a sacola na cabeça, na mão, na época do verão - no sol, no inverno -

na chuva. Então, estou procuramos de alguma maneira amenizar os sofrimentos das pessoas mais carente do nosso município. E dentre esses tem muito mais trabalho éh feito pelo vereador Djalma né, para tentando de alguma maneira atender a sua população.

EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO

A nossa educação com certeza precisa melhorar muito. Nós, éh, é interessante fazermos, éh, ((dentro do nosso – não conclui a construção frasal)), juntamente com nossos profissionais, com os professores uma formação continuada, ou seja, éh, reunir esses profissionais uma vez ou duas por mês para debater sobre os assuntos, éh, ((do nosso – não conclui a construção frasal)), do ensino do município e com isso fazer com que todos os profissionais desenvolva, éh, (), o seu ensino no município todo de uma só maneira. E que esse encontro seja duas vezes uma, duas vezes por mês durante ano todo e no final do ano, éh, seja feita uma avaliação, é muito interessante que seja feita uma avaliação entre os professores e, nessa avaliação, o professor que mais se destacar, que tiver sua nota melhor, éh, que mais se destacar seja realmente premiado, seja premiado, éh, financeiramente porque nós sabemos que essa é a maneira também deles mesmos, éh, éh, melhorar, éh, a capacitação deles, investindo neles mesmos, éh. ((Nós precisamos é capacitar mais – expressão solta)), é interessante que sejam capacitado mais os nossos professores, né, trazendo cursos de capacitação. Eu tenho certeza que todos os profissionais querem sempre estar melhorando, né, a sua maneira de de transmitir o seu ensino para os seus alunos, e nós, éh, éh, é interessante para todos nós, do nosso município, que tenhamos uma educação a nível, éh, éh, (nível e) uma educação nivelada e que venha, éh, trazer, é claro, que venha trazer benefícios para nosso povo. Nós precisamos ainda dentro da da educação, éh, o interessante é investir mais ((na – termo solto)) também nos distritos e povoados do município. Nós não podemos pensar só em sede e bairro do Timbó. Nós precisamos de pensar nos distritos da região do Palame, distrito, éh de, da região do São José, éh, assentamentos. Então, tem que ser um trabalho globalizado ((de do – termos soltos)) de dentro do município. ((Éh, de alguma maneira é necessário, éh – expressão frasal solta)), já existe uma coordenação, mas é necessário que tenha um investimento melhor, é necessário, éh, que essa pessoas tenha, éh, uma condição melhor de visitar a as escolas, éh, as escolas que nós chamamos de escolas isoladas. A parte da

coordenação nossa equipe, éh, tenham um apoio para que possa visitar cada escola, éh, semanalmente. Éh, no final do mês ter uma base realmente do trabalho que foi feito durante aquele mês. E com isso, com certeza a educação do nosso município vai melhorar muito mais.

ARRECADAÇÃO E INFRAESTRUTURA

Bom, a infraestrutura do nosso município, éh, precisa melhorar bastante, né, nós temos, éh, por exemplo, uma maneira de de de atender as pessoas mais carentes do nosso município é fazer uma investimento rápido no centro industrial do nosso município para que possamos de alguma maneira atrairmos, éh, investimentos, né, os empresários para a nossa cidade e com isso trazer o emprego para aquelas pessoas que realmente precisam e que são muitas no nosso município. Precisamos dentro, ((de éh, éh- termos soltos)), desse contexto, éh, prepararmos, né, preparar os nossos munícipes, nosso povo para essa geração de emprego. Nós precisamos trazer, éh, para a nossa cidade, éh, () parceria com o SENAI para prepararmos ((os nossos – expressão solta)) o nosso povo para, éh, a mão de obra que venha aparecer em nosso município. Mas é claro, éh, é muito importante, é muito importante que uma cidade tenha um povo preparado, a cidade esteja preparado para receber, éh, éh, investimento. Então, nós precisamos preparar primeiro a nossa infraestrutura para que os empresário tenham (a), vejam e analise a possibilidade de vir investir no nosso município. É claro que investir em no nosso município, nós estamos, éh, investindo diretamente no nosso povo, naquelas pessoas que mais precisam.

SEGURANÇA PÚBLICA

Olha, Nós sabemos que, éh, éh, a segurança do do município, a gente falas em Polícia Militar, Polícia Civil, éh, nós temos também a (CIPE) - que é antiga CAEL, éh. O pessoal mais conhece como CAEL, a população, éh, nós sabemos que é dever do Estado. Mas, nós precisamos, (nós que precisamos que queremos) que o nosso povo tenham mais segurança, ((nós precisamos – expressão solta)), éh, éh, é necessário que o município invista, éh, mais na na estrutura da nossa Polícia Militar, né, ((junto – termo solto)) juntamente ao governo do Estado, éh, uma maneira de () se a gente consegue, éh, trazer mais policiamento, né, para a

nossa cidade, éh. Nós precisamos também investir na nossa Polícia Civil, éh, de uma maneira que, éh, onde não só, éh, dá o apoio financeiro, mas também um apoio, éh, de transporte com carros particulares para que os policiais possam fazer as suas investigações sem serem, éh, éh, observados, não é, sem ser com carros padronizados para que possam desenvolver um bom trabalho. Nós também, éh, éh, importante (pensarmos) e (montarmos) guardas, éh, municipais, éh, não só de bairros, mas de ruas para () estar de alguma maneira orientando e a os jovens, éh, a não entrarem, éh, no mundo do crime, né, a não entrarem no mundo da droga, éh, precisamos ((de de de – termos soltos)) de palestras ((no – termo solto)) no, não só nos bairros, nas ruas, ((mas – termo subtraído)) também nas escolas do nosso município (para) que falem sobre a: droga, que fale os malefício que isso trás. (pa), isso tem que passar para os jovens para que eles não ((co para que eles não, para que eles não – termos soltos)) comecem, né, ((para que eles não comecem- expressão repetida)), porque o que se diz - que quem quando começa, é difícil sair. Então, é necessário que se faça a prevenção, não éh, éh, éh, com a nossa juventude. E de alguma maneira, é claro que quando se fala em segurança éh, eh, é muito importante para, éh, éh, que seja dividido não só na nossa sede, mas no bairro do Timbó, éh, no bairro das Malvina, no bairro da rua do Cheiro, no distrito de Palame e povoados, éh, no distrito de São José e povoado, nos assentamentos. Então, tem que ser realmente ((uma – termo trocado)) um trabalho de segurança voltado para todo o município, para se falar a mesma linguagem. Passar para os ((para os – termos soltos)) jovens realmente qual é a realidade, éh éh éh, da droga, o que é o malefício que pode trazer. Nós não podemos mais, éh, éh, éh, deixar que isso venha acontecendo, que nós estamos vendo, falta realmente, éh, éh, éh de comunicação com os nossos jovens para que eles não entrem no mundo do crime, para que eles não entrem no mundo da droga, e que sim, eles sejam valorizados. E é por isso que éh, é preciso fazer investimentos rápidos para trazer, éh, emprego para que a gente possa dar a esses jovens, para não entrar no mundo da droga, nem no mundo do crime.

URBANIZAÇÃO

Hoje na cidade, nós temos hoje é uma base mais ou menos de, éh, um milhão e duzentos mil reais de royalty mensal e que diga de passagem esse royalty, já na gestão anterior, já chegou até mais de dois milhões de reais. Então, é uma verba né que pode ser aplicado praticamente

em todos os segmentos do município, né. Nós só não podemos apicar ela, na parte, (da éh, pagamento de) em folha de pagamento - na mão de obra. Mas (nós, éh), é uma verba que poder ser muito bem, éh, aplicada (nos) nas pavimentação, ou seja, calçamentos de ruas, onde eu tenho, éh, assim o prazer e a satisfação de dizer ((que tenho muitas ruas)) que tem muitas ruas no município de Esplanada, éh, na sede no bairro do Timbó, onde foi indicação do vereador Djalma, éh, para que fosse calçada aquela rua, mostrando a necessidade para que fosse calçado, pelas dificuldades dos moradores e que o povo precisava sair da lama. Eu ainda, éh, eu acho que tá faltando, éh, mais éh vontade de fazer, éh, determinação, ou seja, hum que os gestores sejam muito mais bem assessorados, (porque) para que eles venham, éh, distribuir a renda, éh, do município realmente nas áreas mais necessárias. O Royalty (do) do nosso município (da) já era pra a nossa cidade não ter mais ruas, éh, sem calçamento, não é?. Pois, éh, como eu acabei de falar é uma verba, é um valor bem equivalente, né, é () um valor onde a nossa cidade é diferenciada de outras cidades circunvizinhas, né, em termo de Royalties. (essa) esse valor ((pode ser, éh – dúvida dessa expressão)) investido em calçamentos, pode ser investidos em manutenção de estradas, que nós precisamos melhorar muito as estradas do nosso município, né, () dentro do que eu sempre falo nos distritos e povoados da região de São José, no distrito e povoados da região da praia, precisamos melhorar muito as estradas () do nosso município e o Royalty poder ser () uma verba específica realmente que pode ser usada, né, () nesses serviços e com certeza, éh, () a nossa cidade não era mais para ter ruas sem calçar. Éh, então, () eu falei de de várias ruas sendo indicação do vereador Djalma., ruas que já estão , éh, calçadas. Hoje, já na gestão do do vereador André, também, éh, ruas também, éh, calçadas foi indicação do vereador André, éh, inclusive asfaltada, né, éh, como por exemplo, nós temos a: rua da rodagem, né, e sobre o asfaltamento da rua Mário Andreazza, éh, eu nós sabemos que é muito importante, muito importante pra cidade o asfalto porque fica parecendo uma cidade () éh, nova, uma cidade que demonstra ser uma cidade grande, éh, ((mostra ser uma cidade - expressão frasal solta)), claro que fica mais bonita, mas é bom, fica mais bonita. Mas, só que tem o seguinte que foi feito, éh, foi tirado o canteiro da avenida Mário Andreazza, éh, a avenida está esburacada e com certeza todos os moradores, não só moradores residências, mas todo o comercio, não é éh, estão realmente chateados e é claro que não pode ser desse jeito

SAÚDE NO MUNICÍPIO

A saúde do nosso município precisa sim, com certeza, éh, que seja feito investimento, que seja feito parcerias para éh, éh, melhorar, né. Eu disse () inicialmente aqui, éh, já, eu como vereador, já faço (tenho) a minha parte, né, onde eu tenho um dia no mês para marcação de exames para, éh, diminuir, éh, é claro, o sofrimento das pessoas mais carente. Isso nós estamos prevenindo, é a prevenção para que elas não venham ficar doentes, (ela está se prevenindo), isso, éh, é um trabalho, éh, que o vereador Djalma vem fazendo, éh, () como político e que o vereador André continua fazendo. Nós precisamos de imediato, é claro, para melhorar () a saúde do nosso município, ((é a construção de um – construção frasal incompleta)), é trazer para a nossa cidade um hospital regional. É necessário, éh, o gestor... o próximo gestor, é necessário que ele venha fazer parcerias com os gestores das cidades circunvizinhas porque a nossa cidade tenha o privilégio de ser a cidade centro, né centro da região. Nós temos aqui Conde, Jandaíra, Rio Real, éh, Crisópolis, Acajutiba, Aporá, Entre Rios, éh, Cardeal da Silva, (cidade) éh circunvizinhas, éh, e que Esplanada está centralizada e com certeza depois de ((de de – termos soltos)) ser analisada não só pelo governo estadual, ou governo federal, os órgãos competentes vão realmente verem que, analisar que Esplanada é a cidade que hoje, mais, éh, éh, bem mais centralizada e que pode comportar um hospital regional para melhorar, éh, com certeza a saúde do nosso município. Não é mais, éh, éh, cabível o que vem acontecendo para quase todos os tipos de exames, nós temos vários tipos de exames, aí que nós temos que levarmos o nosso povo para Salvador, para capital, por quê? Porque não faz aqui. Olha bem, éh, éh, éh, como o povo sofre? Sai daqui uma, duas horas da manhã, para chegar em Salvador sete horas, quando retorna, chega aqui cinco, seis, sete horas da noite, então praticamente o ser humano, o cidadão, a cidadã perde a noite e o dia para fazer um exame, para poder se precaver de doenças, para está se prevenindo, para não (ver), éh, éh, éh, para tá cuidando da sua saúde. Então, a saúde do nosso município precisa se melhorar, éh, com urgência. Precisamos investir não só na sede, mas também nos distritos e povoados () onde temos que construirmos posto médicos avançados, né, nos distritos; nos povoados colocarmos condição, transporte, para na (alta) emergencial, ter transporte para servir as pessoas carente. porque isso é que nunca acontece () nos nossos povoados, não só na região

da praia, mas também na região de São José, quando falo em região da praia - de Boa Vista a Baixios; quando falo em região São José - de Mulumgu as Malhadas. Então, éh, tô mostrando a vocês que realmente tenho conhecimento () da necessidade no município na saúde e que conhece todo o município.

ALIANÇAS POLÍTICAS

Olha, éh, os meus par, os meus partidos, nós temos aliança, éh, do PSD, né, e o PR. Estamos aqui até dia trinta (antes) da da convecção, vamos ver se realmente, éh, há possibilidade, né, de fazermos parcerias com (os com) mais outros partidos que aí tem, éh. Mas, eu quero, éh, dizer que a minha, ah, minha política, é uma política séria, é uma política compromissada com o crescimento e desenvolvimento do município de Esplanada. Então, eu quero parceiros que tenham, éh, ideologias, mas pensando em melhorar a vida das pessoas, do nosso povo, principalmente das pessoas mais carente. Então, os (presidente) de partidos, não éh, que queiram, éh, que pensem dessa maneira, que queiram (faze), fazerem política séria, compromissada com o nosso povo, compromissada com o crescimento e desenvolvimento do município de Esplanada, com certeza vão ser bem vindos, éh. Pretendo, éh, éh, conversar (com durante daqui) até o dia trinta com os presidentes dos partidos que ainda não fizeram, éh, alianças, para vim, éh, éh, é uma maneira de de somar. Mas, o que eu quero mesmo é que Deus, éh, me dê a:: permissão de dar continuidade a esse trabalho que venho fazendo como político, com um cargo político bem simples que é ser um vereador, todo esses trabalho que venho desenvolvido no município de Esplanada, onde nós atuamos em todas as áreas, na saúde, na educação, éh, no esporte, no lazer... na agricultura, éh. Então, esse, éh, nós temos o trabalho individual do político Djalma. e tenho também os trabalhos em parceria com os gestores que passaram pelo, éh, éh, (como) que passaram pelo nosso município, os prefeitos, né, os políticos que foram prefeito, enquanto Djalma vereador. Então, temos as nossas parcerias, éh, nós temos nosso trabalho individuais, trabalho individual, e temos também um trabalho em parceria com os prefeito. Tudo, o importante é que nós procuramos de alguma maneira, éh, trazer dias melhores para nossas pessoas, para nosso povo, principalmente as pessoas menos favorecidas.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Eu espero (o) que o nosso povo esplanadense, né, nossos internautas éh, analisem com muito carinho, éh, com muita cautela, não éh, éh, tudo isso que falei, éh, desse trabalho que eu venho desenvolvendo, né, como político, como vereador, não éh! () Como já fui presidente da câmara, onde, éh, eu como gosto de uma política (séria e clara), eu quero fazer, que nem quando presidente, quando cheguei na presidência da casa legislativa, a maioria das das votações eram fechadas, ou seja, éh, os vereadores votavam e ((quem- termo solto)) o público que estava alí presente não sabiam, éh, qual o vereador que estava votando naquela matéria, o que votava, o que não votava, e imediatamente eu como presidente, éh, () juntamente com a mesa diretora, éh, procuramos, éh, colocarmos todas as votações da câmaras em aberto. Isso uma maneira de fazer política aberta e (clara) , () uma política séria, uma política compromissada com com o crescimento do nosso município, é uma política compromissada com com o cidadão, com a cidadã que está ali presenciando (nas) nas seções, as votações da casa, porque éh, é muito fácil na tribuna da da da legislativa o vereador falar falar sobre um determinado assunto e na hora da votação, quem está alí presente não sabe se ele votou a favor ou contra. Era assim, mas a partir da administração do da do vereador Djalma como presidente da câmara legislativa, passou as votações a serem abertas. E, éh, pedir a Deus, né, que ilumine a mente de cada um cidadão e cidadã do nosso município para que eles () nas próximas eleições, né, nas eleições vindouras, que eles possam ((escolheres – termo solto)), escolherem, éh, seus vereadores, éh, analisando o trabalho de cada um dele, analisano o trabalho, éh, não só como cidadão, o trabalho também como vereador, (já os que) estão eleitos, os que querem ser, ((porque a política, éh, nós precisamos – expressões frasais soltas)), eu a minha política, é uma política que eu faço mostrando ao povo que eu faço. Eu não faço política, éh, éh, desfazendo de ninguém, não éh! Então, eu faço minha política mostrando ao povo o que eu faço e o que eu quero fazer. Nós sabemos que, éh, não é fácil fazer, é muito difícil, mas o político que tem compromisso com seu povo - com certeza, dá sim pra fazer um trabalho, éh, BOM. E, (e na para também), e que os eleitores também, o povo escolha o seu candidato a prefeito com muita tranquilidade; analise o trabalho dele como vereador; analise o trabalho dele como cidadão, ((e – termo solto)) para que vocês possam dar

o voto de confiança. Não se iludam com essas promessas de última hora. Esses que vão chegar, e vão promover e que vão fazer isso, isso e aquilo; (vai), vai ter as promessas, mas analise no no no contexto, no geral, o trabalho desse político, que ele vem fazendo como vereador ((para poder o que ele vem fazendo como vereador – expressão solta)) para ele poder fazer um bom trabalho como prefeito. É isso que eu peço a deus que ilumine a mente de cada um cidadão e cidadã do município para fazer sua escolha correta.

ENTREVISTA DO CANDIDATO 3

PRINCIPAL FATOR QUE LEVOU A ENTRAR NA POLÍTICA

Não houve um fator, houve um trabalho, éh, sem nenhuma pretensão visando política; há mais de quarenta anos, né - trabalhando com PS; trabalhando com os drogados; Naquela época, levando, conduzindo doentes para Salvador. Isso há mais de quarenta anos, quando eu dormia na rodoviária com doentes; passava a noite nas filas dos hospitais para marcar exames do povo. Isso é o que eu sempre fiz - esse trabalho no INPS. Isso me levou cada dia pela dificuldade que passei na minha vida, né, na minha criação ((a dificuldade – ênfase)), isso me levou a esse trabalho junto à população mais carente; e os (tempos) foram passando. Quando foi em setenta e seis, éh, me convidaram para eu sair como candidato a vereador e, naquela época, eu queria ajudar Doutor Kleber - que era um grande homem dessa cidade, (nessa) terra, e fui candidato, me elegi, naquela época. Em setenta e seis, por seis anos eu fui vereador, depois fui à reeleição de ((mais doze anos – atrapalhou-se na contagem)) mais seis anos e mais quatro anos ((e – termo solto)) no total de dezesseis anos de vereador. No primeiro mandato para vereador - bom salientar que não havia remuneração para vereador - não existia. Então ((foi – termo solto)), era só mesmo trabalho junto ao povo. E continuei, apesar de ter feito concurso na época ((aos prefeitos, na época – construção frasal solta)), mas eu me reelegia porque eu trabalhava. Então, o trabalho é esse, né. Então, eu não tinha nenhuma vocação política, não tinha família éh, éh, que participava de política((um trabalho que nasceu - construção frasal incompleta)); eu tenho certeza que foi Deus que me chamou pra isso. Eu vim de Altamira, né, quando passei fome, cheguei aqui numa cidade importante como é Esplanada, não é. ((Então – termo solto)) inclusive com uma grande boa parte da população preconceituosa por não ter sido fazendeiro, por não ser vindo de família política - e tudo mais. Não participar da alta sociedade; e você entrar de primeira na política e depois voltar. Depois há alguns anos toda essa caminhada e ser candidato a prefeito e ganhar. E fui reeleito pela (primeira vez na) história de Esplanada - não foi brincadeira, então eu tenho certeza que Deus me predestinou, me chamou para vida pública, para trabalhar para o povo dele.

EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO

Educação, quando eu fui prefeito em dois mil e um, eu encontrei a defasagem de espaço físico ((de espaço físico – repetição)) para abrigar as crianças, não éh. Inclusive, na época, eu tive que alugar nos primeiros meses de administração em dois mil e um - alugar oito salas de aulas no Timbó; só no Timbó foram oito salas de aulas que eu aluguei para que nós tivéssemos condição de receber essas crianças, porque não tinha espaço físico. Com dois anos eu já tinha construído no TIMBÓ () um grande colégio com dez salas de aulas. Encontramos em todos os assentamentos as crianças estudando debaixo dos galpões dos TRATORES. Não tinha um colégio sequer em todos os assentamentos - um COLÉGIO. E no término do meu primeiro mandato, já tinha trinta e cinco salas de aula construída, né. Lutei, não éh, () para que nós conseguíssemos a instalação de uma faculdade; ((e – termo solto)) quando veio, éh, Maria da Paz - com um grande sonho aqui (na) UNOPAR; e naquela época – particularmente e pela prefeitura - nós conseguimos ajudar a montar, a instalar aqui a UNOPAR - que foi () o primeiro núcleo, não éh, da UNOPAR em Esplanada e na região - porque nós também abraçamos a causa tão importante; mas nós não obstante ter instalado a UNOPAR, também conseguimos com o Governo Federal daquela época - houve essa disponibilidade no Brasil na instalação da ((da da – termos soltos)) universidade federal e brigamos e conseguimos dentre os quatrocentos e dezessete municípios, () Esplanada, e só ficaram onze que se adequaram e que preencheram os pré-requisitos. E conseguimos instalar também trazer naquela época nos gastamos naquela época setecentos e cinquenta mil reais para implantar a universidade federal de Esplanada. Hoje graça a Deus, uma realidade com tantos cursos aí, atendendo a nossa juventude, não éh, como é federal não é só de Esplanada, mas de toda a região. Então, esse foi o grande passe que nós demos, né. Nós fomos os primeiros a atingir o objetivo – a determinação da lei federal: ((quando o salário base de um professor vinte horas, éh, nós já passávamos, não éh, naquela época – corte na ideia do pensamento)). Eu deixei o município já com um salário bem acima do que o governo federal determinava para valorizar, éh, o professor. Então, em termo () da educação, eu tenho consciência de que é preciso fazer muito mais. Mas demos o primeiro passo da história de Esplanada para valorização do professor não

éh; e também, éh, providenciar mais cursos para que Esplanada cresça. Agora, precisamos também de cursos profissionalizantes - é uma necessidade hoje. Não podemos mais ignorar essa necessidade para que os nossos jovens se profissionalizem pra melhor, se prepararem para enfrentar a vida.

ARRECAÇÃO E INFRAESTRUTURA

Éh, quem mais investiu para que o dinheiro do município circulasse em Esplanada, foi eu, não éh! Quando nós criamos a casa de apoio em Salvador, nós saíamos daqui com um caminhão de alimento ((toda semana – expressão solta)) todo mês para manter aquela infraestrutura em Salvador – na casa de apoio; nem o pão nós não comprávamos em Salvador, ((tudo aqui – expressão frasal solta)). Isso fez com que o comércio crescesse, se desenvolvesse, gerasse o dinheiro aqui. Isso gerando, éh, o circulando dinheiro aqui (circulou, quer dizer), isso era uma bola de neve, fazia com que os impostos aumentasse, Esplanada arrecadasse mais e gerasse mais emprego. É fundamental importância gerar emprego aonde se invista no comércio, no comércio aberto, com a porta aberta, gerando emprego, gera muita coisa. Imaginemos um comércio crescendo, () várias portas irão se abrir mais ainda. Então, paulatinamente vai () se gerar emprego. E eu tive grande sonho na época - quando em dois mil e um(nós adquirir, comprado, comprano) pela () Compenek. Custou naquela época - cento e cinquenta e três mil reais, esse sonho que eu tive de abrir um mini polo industrial - que se encontra lá no () entroncamento, esse foi um grande sonho que hoje é um terreno de (petróleo) por setenta e três hectares de terra para dar infraestrutura e trazer fábricas. Lutamos na época; viajamos muitas vezes para São Paulo, para o Rio Grande do Sul, para Minas Gerais, para contactar com empresários para que pudéssemos trazer fábricas para aqui. Mas não é fácil. As fábricas, ((as fábricas – termo repetido)) é fácil de vir. Mas, o problema (ea) são os galpões. E é por isso que nós gastamos naquela época para construir o primeiro galpão - pra trazer a fábrica. Que ali, foi obra nossa - aquele galpão, porque sem os galpões nenhuma fábrica vinha; a contrapartida é os galpões. É impossível quase prefeitura nenhuma investir sem uma participação efetiva do governo estadual e federal para construção de () galpões com recurso próprio. Como a prefeitura () construir, ((manter não – ficou com dúvida quanto ao uso do termo)) , construir dois, três galpões para trazer fábricas? Isso que é difícil. O recurso do

município não dá construir, não éh, tantos galpões. Então, nós temos que buscar junto ao governo do estado e federal, não éh, com os órgãos () federal e () estadual para ajudar, éh, implementar, trazer essas fábricas - porque é o que se resolve o problema de uma comunidade, de um município - é gerar emprego; gerar emprego só no município - que é o maior empreendedor municipal é a prefeitura, mas é impossível, éh, absorver toda a necessidade do desemprego na prefeitura, é impossível. Então, você tem que ter parcerias com governos do estado (e) federal para trazer empresas para se instalar no nosso município. Mas a infraestrutura já tem que é ((o centro o novo nós o instalamos – expressão frasal solta)) o centro industrial de Esplanada.

SEGURANÇA PÚBLICA 9.46

(Olha, o problema de segurança) deve haver uma parceria do governo federal, do governo estadual, do governo municipal para que juntos possamos, éh, trabalhar nessa parceria dando a condição da segurança da ((da da – termos soltos)) vida das pessoas, e quando se trata, se fala de drogas - as drogas significa o desemprego - é exclusão, que existe na nossa sociedade. ((E Tudo isso gera, não éh – construção frasal solta)); diz o ditado dos mais velhos - que mente vazia é oficina do diabo. Então, quando os nossos jovens sem nenhuma perspectiva que vivem, não se mergulham nas drogas não é porque () eles querem ser drogados, é porque a perspectiva de vida. É porque não tem a falta de estímulo de emprego, não éh, um trabalho social perfeito com eles, com a família, não éh! Então, isso é que gera essa situação que nós estamos vivendo, não, éh, de intranquilidade, de insegurança, não só em Esplanada , mas em toda a sociedade brasileira. Temos que investir no social, temos que fazer um trabalho, né, juntos a juventude com um investimento de esporte muito mais forte, com todas as modalidades pra que incluamos esses jovens em todas as modalidades para que venham ((venham - termo repetido)) também descobrir seus talentos, sua grandeza - que cada um trouxe, quando aqui, viemos para esse mundo. É preciso que nós. Éh, temos assim a capacidade de investir, éh, éh, nesses jovens, não éh, e tratamento para quem quer sair do problema, porque não entraram porque quiseram, né; e agora é problema da sociedade; é problema do poder público e sim toda a esfera para que nós tiremos os jovens da vida que se encontram, não éh, e dá dá uma conotação muito maior na dignidade desses jovens que -

tão ((tão – termo repetido)) precocemente morrendo; mas não é que eles queiram morrer cedo – Isso é falta de perspectiva. Então temos, nós temos que haver uma parceria forte, não só na segurança, ((no combate – expressão frasal solta)) não só no combate, porque você combate hoje, mas das raízes tão surgindo dezenas todos os dias - não só em Esplanada, mas em todo lugar, não éh. Então, não se resolve só com o combate da polícia intensiva no ((no no no – termos soltos) combate (do) das drogas, mas no combate na raiz que está surgindo. E o que é? Juntando a sociedade com o poder público para tentar dar aos nossos jovens e os nossos adolescentes e as nossas crianças uma perspectiva de vida melhor - e só dá se você investir.

URBANIZAÇÃO

Éh, com relação à pavimentação, né, de paralelepípedo nas ruas de Esplanada, se eu fizer um levantamento, ninguém construiu, calçou rua, mais do que eu nos meus oito anos. Com relação (no) ruas que precisam ser pavimentadas, não éh, ((é preciso que não só – construção frasal incompleta)), nós fizemos isso quase com os recursos próprios do município – naquela época, não éh. Mas, como as ruas, como o município está se desenvolvendo - crescendo a: cidade - e os distritos e os povoados, precisamos também que haja uma parceria também é para fazer uma infraestrutura que também contribua o problema, não éh, só o calçamento - a pavimentação; mas a infraestrutura - saneamento básico é mais importante às vezes do que você pavimentar, não éh, a rua. Então, como nós pavimentamos, calçamos muitas ruas não éh, só no Mucambinho – (foram mais) de um lado mil e novecentos metros de comprimento; do outro novecentos metro. Todas as ruas que nós fizemos, não éh, fizemo com recurso do município, menos uma que foi uma parceria no Timbó uma rua da linha do timbó - que foi uma parceria com o governo do estado daquela época. Todas as outras ruas fizemos com o recurso do município, não éh; rua do fogo; aqui atrás do do colégio Arco Íris; do no Timbó - também outras ruas que nós fizemos; fizemos também outras ruas lá na rua do cheiro. Calçamos muito; calçamos no interior em são José - que não havia quase calçamento ((e calçamos todas as ruas - construção frasal solta)). Mas é bom que se desse continuidade – não teve continuidade... na pavimentação das ruas. Agora, com relação à à camada asfáltica em cima do do do paralelepípedo - eu ainda sou daquele que enquanto houver () os moradores morando na lama, na poeira, eu não iria pavimentar. Ora, é muito bonito dá uma conotação

mais de cidade grande não é - imponência de uma cidade, éh, ((com – termo solto). Mas e os pobre todos lá na periferia? Eu vou ficar satisfeito e bater palma para o centro da cidade ? – que já é calçada com paralelepípedo. E os que moram lá atrás nas ruas na periferia? Que estão na lama? Na poeira? Então, eu calçaria todas as ruas, primeiro. Agora se houvesse uma contra partida - um projeto do governo estadual ou federal para pavimentar junto com a Petrobrás para dá a camada asfáltica da cidade, aí sim, ((aí sim – construção frasal repetida)) que eu concordo. Mas, tudo isso, primeiro tem que fazer saneamento básico. Não vai se colocar também, éh, a camada asfáltica - sem houver primeiro a saneamento básico; as águas vão escorrer pra onde? Então, tem que ter antes de tudo essa consciência – que é preciso fazer a () rede de esgoto - o saneamento básico, ((enfim – termo solto)), que engloba tudo isso.

SAÚDE NO MUNICÍPIO

Olha, a saúde sempre foi () minha grande prioridade... nesse município; ((quando – termo solto)) eu encontrei o município que não tinha uma ambulância para conduzir um paciente daqui para Salvador, né, na urgência. Então, primeiro nós tivemos que abrir a casa de apoio lá, para receber os doentes com os exames mais complexos, que aqui não fazia em Esplanada. Para serem atendidos com dignidade, () nós fizemos uma casa de apoio, ((e – termo solto)) que foi (o) grande sucesso da nossa administração, ((foi a casa de apoio - construção frasal solta)) - porque demos condição, dignidade às pessoas de serem atendidas. Então, você, por exemplo, não faz uma tomografia ou ressonância magnética; ((não se vai – construção frasal incompleta)), (assim) o prefeito vai trazer ((quem quer que seja – expressão frasal solta)) trazer, botar um maquinário desse - pesado, caríssimo para fazer, isso é demagogia, isso é mentira, né. Então, eu tive a coragem de não esperar pelo SUS, eu nunca esperei pelo SUS, porque a doença não espera. Éh, então, nós fazíamos cinco, seis tomografias magnética toda semana ((e – termo solto) na melhor na melhor clinica Bahia – que é Delfin. Então, na saúde nós nunca pretextamos quanto se custava ((uma – termo solto)) um exame nem uma cirurgia; ((e – termo solto)) que até de cinquenta mil reais – fizemos não foi nem uma, nem duas vezes para salvar vidas. Então, a saúde tem que ser () prioridade, ((primordial no ser humano – construção frasal solta)), porque o dom precioso que Deus nos deu é a vida. Você pode brincar com a vida não éh! Então, graças a Deus, o comércio cresceu também por quê?

Porque (eu) em todas as farmácias desse município, a prefeitura daquela época comprava isso é investir. Não é, ((então, para se fazer – construção frasal incompleta)); aonde você vai construir um hospital? Você tem que equipar um hospital, mas uma prefeitura não pode equipar o hospital. O que é que eu sugiro as irmãs do hospital, as irmãs capuchinhas: uma parceria como que está acontecendo em todo o estado da Bahia – uma empresa, não é, qualificada para administrar o hospital. É uma empresa particular para administrar o hospital. Aí sim, como tem dado certo em muitos municípios, que eu já fui olhar. Né, com essas empresas que estão agora administrando; as irmãs administra a parte religiosa delas, né, e a parte administrativa sim, e vai a empresa - é isso que está dando certo em todo lugar. E eu tenho certeza que se amanhã () chegarmos lá, não é; se papai do céu quiser. Então nós iremos, é, fazer essa parceria com as irmãs do hospital, mostrar a ela a necessidade de hoje, (e) ser necessário hoje fazer uma parceria; entregar a administração particular, privada para a Santa Casa da Misericórdia de Esplanada.

ALIANÇAS POLÍTICAS

Primeiro, a aliança eu fiz, quando pedi a papai do céu que ele me orientasse. ((se, eu sempre disse – construção frasal solta)) eu nunca disse que eu sou candidato – (disse) Deus proverá; não diga mais não () que é candidato não Deus proverá; se Deus quiser - assim será. Então, e parece que Deus assim tá mais querendo mais uma vez que eu retorne - pelo menos através de pesquisas não é - que nós temos. De dois em dois meses estamos fazendo as pesquisas. Estamos com o controle na mão das pesquisas. Estamos muito bem diante () da aprovação do povo - da pesquisa popular, é. Então, com relação às alianças, primeiro rapaz nós estamos tendo aqui a essência do todo poderoso, depois da população confirmando com a afirmativamente com a pesquisa que nós temo; e as alianças estão vindo naturalmente. Pessoas que estão sempre todo dia nos procurando para que marchemos, façamos deste, desta campanha – uma campanha bonita; uma campanha sem perseguição, sem retaliação, sem opressão. Eu preguei a vida toda; preguei a vida toda a DEMOCRACIA - acima de tudo a DEMOCRACIA. Vamos deixar o povo LIVRE; e o povo na sua liberdade; no seu livre arbítrio vai escolher os candidatos, não é? Então, eu sempre disse que é o projeto DEZ de Esplanada. Isso está sendo bem assimilado nos outros partidos e nós estamos assim nos

arrumando, conversando para que esse projeto se tornasse realidade. Por que projeto dez? Porque Esplanada é dez, por que a nota máxima é dez, não éh! Então, para que, éh, esse projeto chegue à tona é assim - eu amo esplanada. Que é amar Esplanada? Quem ama cuida, né, protege. Então, eles estão muito bem atendendo ((essa nossa – termo solto)) nosso pedido de ((de de de – termo solto)) projeto dez. Estamos com umas boas alianças graças a Deus, não éh! Os partidos (que) que estamos assim, éh, nos reunindo e acredito que até pra semana, nós já (temos) uma definição da chapa completa majoritária; acredito que até pra semana, porque eu sempre disse que eu não queria sozinho escolher o candidato para compor a chapa, não éh, majoritária; e sim, conversando com as pessoas, com os grupos; é isso que nós estamos fazendo. Ainda hoje vamos ter uma reunião à noite com um partido forte que (que) está conversando com a gente - tem noventa e nove por cento já certo. (tamos) com outros partidos para essa semana conversarmos; e estamos há dias conversando e hoje acredito que a partir de hoje nós já teremos já assim uma definição até pra semana da definição mesmo da composição dos grupos, não éh, para fechar ((fechar – termo repetido)) a chapa majoritária.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Éh, eu quero agradecer ao povo querido de Esplanada, éh, tão solícito, tão assim – amigo desse humilde, éh, administrador. Mas (não) me considero nem um administrador – me considero amigo de Esplanada. E foi (nisso qui) me levou eu trabalhar por Esplanada - sem ser filho Esplanada. Eu sou muito gratíssimo ao povo querido de Esplanada por ter me acolhido em () mil novecentos e sessenta e sete - aqui quando cheguei de Altamira com minha família simples e humilde. E hoje graça a Deus - eu me sinto um esplanadense. O povo de Esplanada nunca me faltou. Eu fui vereador dezesseis anos; eu fui prefeito oito anos; fiz sucessor; estou com as pesquisas aí, que me colocam lá em cima - a frente dos demais candidatos. Então, ((não tenho nada mais que agradecer – expressão frasal solta)). Aliás, não tenho mais do que pedir - só agradecer. E eu sempre digo que se eu vivesse duzentos anos de vida, (era só pra agradecer) a papai do céu e ao querido povo de Esplanada - agradecer profundamente esse carinho; essa amizade que eles têm comigo. E dizer ao povo de Esplanada, acima de tudo - que devemos ser LIVRES; não sermos coagidos; votar com

INDEPENDÊNCIA, como Deus nos CRIOU - independentes, livres. E ele que é o DONO da nossa vida - deixa a gente viver livre. Imaginemos a gente (TULIR) a liberdade (daquele) que maior o todo criador, (tirar a) liberdade - isso é impossível. Eu quero dizer aos meus amigos queridos de Esplanada que eu vou continuar PREGANDO essa LIBERDADE de EXPRESSÃO: votem com consciência - e não sob pressão - porque essa é a liberdade; (essa) é a vontade de Deus - que nós sejamos livres, porque assim ele nos criou. Então, uma forte abraço a todos os esplanadenses e Deus (que lhe) faça conduzir e que a luzes do alto possa assim aurir cada esplanadense, cada família - por dias melhores. Que Deus abençoe a todos.

Historico de Esplanada

→ A Bahia and St. Francisco Railroad inicia, em 1884 a construção do ramal de Alagouinhas ao povoação de Tumbi: "seraol de S. Antonio."

- Começaram então, os engenheiros e seus auxiliares a explorar os rumos, tirando picadas de Alagouinhas, co rio da serra, em pedras.

- Na fazenda Cuchas, deste Municipio, propriedade do Cel. Euzébio Leal, instalaram seus escritórios provisórios e prosseguiram nos serviços de locações.

- Não foram bem sucedidos na exploração pela Giboia, Vertente, Cabequilo e Poital.

5. Chegaram grandes despesas em construir pontes para o rio Giboia, barrar ladeiras e aterrar baixadas pantanosas.

Resolveram tomar para o nascente. E descobriram 15 Kilômetros de reta um planalto coberto de uma belíssima exuberante vegetação de mangabeiras, cajueiros, arroxelas, massarandubas, murici, sambambais, oleceiro, muricivivas e malmequer.

Os engenheiros, encantados com o panorama, procuraram identificar o dono daquelas terras.

Pertencia uma grande parte ao Cel. Sebastião do Negro do Alto, e a restante ao Cel. Chico Dias do riacho Malombê.

Buscaram água e por feli-

Cidade descobriram na encosta a 4 Kilômetros do Tiubó, uma nascente, tão límpida e tão leve que analisada, acusou cálcio ferro etc.

Executados os trechos até aqui, trataram de edificar a estação próxima a nascente.

Construíram também uma casa para almoxarifado, outra, para o escritório e grandes abrigos de zinco para trens, nos piquetes.

4 Ainda se encontravam nas construções, trazendo trens de pedras de São Luz e Bonfim quando se verificou violento movimento revolucionário entre o povo do Tiubó e os garimpeiros.

5 Os coronéis do Tiubó proibiram que os garimpeiros fizessem

ura no arraial do Tumbó

Entincheiraram os seus es-
cravos e mandaram esperalos a
entrada da rua.

Alegavam que a estação devia
ser deuteo do arraial e não
distante 4 kilometros.

Travou-se luta, houve depra-
mameto de sangue e mortes.

So com a intervenção do
engenheiro chefe, Dr. Ferreira e ^{os} ~~os~~ ^{os} ~~os~~
acalmaram-se os ânimos.

A Cimiza de Tumbó com
Esflorada perdurou por muitos
anos, extinguiu-se o ódio quan-
do Mons. Zacarias Luz Tomou
a frente do curato.

Seu primeiro ato apostólico foi
pregar missão no arraial do
Tumbó coadjuvado pelos capuchin-
hos Frei Gabriel de Cagli e
Frei Caetano de Vilovati.

Foi assim que surgiu a nossa
Esplanada, ... conforme o testemunho do
Cel. Euzébio Leal houve de bem
a toda prova.

Eu membra curiosa e
amante das histórias antigas,
ouvi ainda o atenta contar a
meus pais a história da fundação
de Esplanada, da qual foi parte.

Depois da minha adolescência,
escrevi no meu livro de reminiscências
o que ouvi, para meus
irmãos e sobrinhos que são filhos
de Esplanada.

○ Arraial

Depois de inaugurada a estação
em 31 de Março de 1887 com o
nome de Esplanada do Tiúbo
nome dado pelos engenheiros, tornou-se
um arraial habitado por pessoas de
áreas origens.

Para ela se deslocava-se elementos
de outras regiões não mais pelo
seu clima saluberrimo, como tão
grande era a influencia de carros
de boi e tropas, trazendo merca-
dorias para serem embarcadas,
como receber as trazidas pelos trens
e de pessoas a embarcar e as
que chegavam que logo surgiu
o povoado e a população cresceu,
cresceu rapida deslocadas para
ela muitos sertanejos fugindo
a guerra de Canudos e a
pavorosa seca que incendiava
o sertão, meus pais foram um
deles.

A 1.ª casa: - construida
pelo gaúcho Manoel Curio filho
do Jumbó, depois vendeu ao Major
Tadeu.

O primeiro negociante José Jo-
aquim dos Santos Viterbo «Do Cande»

O primeiro padreiro José Martins
de "Igreja Nova"

O primeiro alfaiate Eugênio Gomes
de "Pombal"

O primeiro hotel João Francisco
de Gomes de "Pombal"

O primeiro agente do correio Severino
Dorea de "Cristina"

O primeiro agente da Estação
João Leitura de "Platôforma"

O primeiro telegrafista Sérgio
Souza de "Alagoinhas"

O primeiro conferente Floro Santos
de Alagoinhas

O primeiro chefe de trem Manoel
do Carmo de "Igreja Nova"

O primeiro bagageiro Sr. Nunes
do "Tumbo"

O primeiro médico Dr. Álvaro
Bruno de Brito,

O primeiro Farmacêutico Dr. José
Penalva

O primeiro Barbeiro José dos Olhos de
"Cristina"

A primeira mestra Damitilia Silva

O primeiro Saboeiro Jovino Xavier
dos Reis do "Cande"

O primeiro carpina José Maruyada
de "Gesi"

O primeiro pedreiro Teotônio do "Budi"

Deyanira Viterbo dos Reis

D. Deya, como era de todos conhecida.

Foi destas pessoas que atraíram pela primeira vista.

Com a via pela primeira vez ficava cativo de sua inteligência de caráter, de seu riso franco, e de sua bondade estereotipada.

Com seu carinho amenizava os sofrimentos dos que dela se aproximavam.

Com sua voz morna, compartilhava as alegrias e as tristezas do mundo Esplanadense.

Seu pai, José Joaquim Viterbo quando deslocou-se do "Coudé" para Esplanada, ela fez questão de acompanhá-lo, casada com Jovino Xavier dos Reis, tiveram feliz não tiveram filhos, mas

Sua casa vivia cheia de sobrinhos e afilhados, em grande numero, sua alegria era contagiante.

Procurava todas as festas do arraial.

Organizava, como todos de sua família, os reizados, os ternos, os piquiniquê nos campos. Católica fervorosa, seu progenitor sentiu necessária a construção de uma capelinha para a celebração do culto, e servir de sepultura para ele e seus amigos.

Comunicou-lhes sua ideia ao João de Góes, Gouzaguinha, e o Dr. Veridiano Lopes os mesmos aprovaram e em pouco meses a igreja foi feita.

A igreja foi levantada onde hoje está o prédio da Prefeitura Municipal, e ali está sepultado João de Góes o Viterbo

D. Deixa marchava segura em seu caminho, sobre rosas e espinhos, sem fitar outros orizonte, que não fosse, a de sua crença e de sua fé.

Estava sempre a frente das festas realizadas na igreja, e como a menina não desprezasse de imagens, para ela transportava a de seu culto familiar durante as festas.

Atendia a todas necessidades da igreja.

Foi auxiliar devotada do nosso mestre Mosenhor Zacarias nos trabalhos afanosos das festividades religiosas, teatro, cuidando da documentação necessaria e servindo de ponto no teatro, na arte culinaria, miqum a exedia, o vata-pá o caruru e ifô a miqum por ela temperadas com mestria, eram celebradas por todos, os seus

dozes e licôres de apurado fabrico.

Não fugiu a condução hu-
mana supita a doença.

Em dado momento sua saí-
de resentiu-se justamente no momen-
to em que seus recursos finanei-
ros minguavam, a proz a morte
do seu bonissimo esposo.

Saiu da vida em Alago-
as em casa de uma sobrinha,
a 6 de dezembro de 1954 nasceu
no Conde a 29 de junho de 1864.
Paz a sua alma.

Mons. Zacarias Luz

Em 31 de dezembro de 1901
desembarcava no arraial de Estância
da, um sacerdote desconhecido.

Naquele tempo Estância
não era ainda esta progressiva
cidade dos nossos dias.

Reuniam-se em uma pequena
capela em torno da qual se
agrupavam pequeno número de
casas brancas e singelas, chegou
o sacerdote impellido pelo desejo
ardente de adquirir a saúde
já bastante ^{atenuada} depauperada, reduzi-
do pela apezível benignidade
do seu clima.

Era um desengano do
do senecia que nunca provocar
do saluberrimo clima de Estância
um milagre. E este não se fez
esperar. e em pouco tempo recobrou
as forças perdidas.

E Moisés Zacarias reconhecido pelo grande benefício que vinha receber, começou a querer bem ao poético arraial.

Em 1902 permitiram em sua residência dois frades capuchinhos que regressavam de uma missão no interior.

O benemerito Moisés Zacarias convidou-os pela manhã para um passeio aos campos de alcesius e mangabeiras Esplanadenses.

Como os referidos capuchinhos se sentissem tocados pela graça do ambiente aventurou-lhes Monseñores a possibilidade de construírem entre Esplanada e Triunfo, um convento. Aceito a ideia: procuraram saber qual o proprietário da área preferida. D. Maria Francisca Dantas de Góes chamava-se a dona da referida área, embora católica no exterior.

sentimentos de seu sincero coração, abriu
nãõ de qualquer retribuição e
amou-a aos capuchinhos.

Regressando os capuchinhos pro-
meteram retornar ^{deu} ~~com~~ mais demora.

E o obreiro da verdade reco-
meça os labores apostólicos esca-
lhendo para campo de ação a
mesma terra cujo clero lhe
restituiu a saúde.

Começou a querer bem ao
pequeno e poético arraial, no
entanto, Monsenhor não fez
consistis tão somente o seu amor
nas pulsações do seu magnânimo
coração manifestou-o pela ação
e como numeras o quanto de
benefícios de suas santas mãos
se derramaram em prol da nossa
Esplorada?

Nos memórias daquella tempo
podemos dizer quem foi Monsenhor
Lacarias. O grande Catequista

que se acha cercada a mocidade neste vasto senario deste mundo, elle atee para junto de si os moços Espavaenses, para reesallos as mais interessantes diversões no simpatico teatrinho "Juventus Et Leticia" e a criação sua com os mesmos jovens organizou a filarmónica local F de Setembro em 19 de Março de 1903 realizou a 1ª communhão de todos as crianças de Espavada.

Em 13 de Junho do mesmo anno fez as do Triunfo.

Em 31 de Dezembro de 1904 aproveitando a presença do nosso arcebispo D. Jeronimo Toure de Souza inaugurando na sua modesta casa instalou o Apostolado da Oração a Pia União das Filhas de Maria e a confraria das mães santas em 1904. Chegou o architecto dos capuchinhos Frei Gabriel de Agli com o fim de edificar o convento

que até a data as terras doada
se encontravam virgens.

Monsieur Zacaria Bezzer a
1^ª pedra e a centou escudo
de toda população de Espinada
e Timbo o bom dos Capuchinhos
foi hospedi do Monsieur até
à inauguração do primeiro paraflo
e foi toda inaugurada a 8 de
Maio de 1908

Frei Gabriel de Cagli
modesto, de todos amigos, tanto
se impoz a estima e a confi-
ança do povo da Espinada pela
sua bondade e conduta, que
durante seis meses substituiu o
Mons Zacarias durante sua
ausência motivada por sua ida
a Iti para desvenculha-se do
colégio dos jesuitas, onde lecionou
por muitos annos varias materias.
Regressando o Monsieur assal-
talhe na mente creadora o

desejo de um novo entendimento
to ele ve a necessidade de
por em contato o grande
com o pequeno o nobre com
o plebeu o rico com o pobre
doiam-lhe amargamente o
coração os sofrimentos dos dese-
dados da fortuna, e isto cora-
joso abrindo o abrigo de
Santo Antonio no Timbó soude
a caridade daquela gente escava
de carinho umness de velhinhos
pobres. Fez eu tanto mil esse o
gesto nobre da mocidade em
flor daquela terra a esmojar
de porta em porta, a coada de
pão que naquele abrigo unidiga-
va dores e enchugava lagrimas
desta maneira e por outros
titulos impoz Moys Zacarias
a gratidão ao clima solimbesino
de Esplanada conseguindo dos seus
eclegas e amigos de Sahadoc

e de outros Estados a procura
nem no clima o repouso e a san-
de e se nada disto tivesse feito
bastaria a transformação da
singela capelucha a parochia de
Aporá, em o florente curato
de Espinada para fazelo oedor do
nosso profundo agradecimento.

Viveu entre seu sebauho 18
anos Faleceu a 19 de Agosto de
1931 no hospital da Boa Viagem
criação de D. Jeronimo para os
padres invalidos era filho de
Valença neste estado nasceu a
5 de novembro de 1863 era o
mão do Comendador Manuel
Luz e do Dr. Fabio Luz medico
em Rio de Janeiro todos ja falecidos
a esposa do Mousinho Facasian
resamiam em Espinada naquela
epoca grandes milto. bairros e
muito edificaram casas
Desembastados.

Dr. Ezequiel Poudé
" João Poudé
" José Poudé
" Francisco Poudé
" Pedro Poudé
" Adolfo Seixas
" Egas Muis "Pitôu de Vilae"
" Alípio Viana
" Oubieliano Carvalho, Diretor da Leste
" Artur Pires
" Auto Reis
" Maximiano Machado
" Antonio Borja
" Bráulio Xavier
" Pacifico Pereira
" Marcos Rodrigues
" Cesar Lima
" Alvaro Burgos, este foi quem
ofereceu a imagem de N. S. da
Piedade da matriz "Padroeira"
Dr. Constantino Guimarães
" Maximo Porjira
Bernardino Nogueira

Dr. Urbano Pires
" Alvaro Mota
" José Calazans
" Flaviano Silva
" João Muxici
" Viridiano Lopes
" Claudio Costa
" Manoel Tanajura
" João Vilaboim

Desembargador Manoel Cunha de
Valença

Desembargador Manoel Viana de
Maranhão seu filho Godofredo
Viana governador do Maranhão
aqui casou-se com uma Espanha
desse seu irmão Juca Viana
Telegrafista aqui casou-se com
Espanhadeuse.

Cel. Genesio Sales
" Salustiano Reis
" Afrino Souza
" Celso Machado
" Gregório Coelho

Cel. Antonio Figueiredo
 Armando Haudio
 Monsieur Flaviano Duventel
 " " " Solon
 " " " Tolentino Silva
 " " " Dr. Jose Correia
 " " " Manoel Gomes
 " " " Pitou
 " " " Alcio Norais Galvão
 as Freiras das Mercês do Cesterro
 da Sociedade Sacramentum orfanato
 do C. de Jesus Dr. Arnaldo
 Damasceno Vieira "Poeta" Dr. Felinto
 Sampaio "engenheiro" "chefe"
 Cel. Marcelino Magalhães
 " Germano Assis
 Família Severino Vieira Sobral
 de Aracaju Monsieur Basilio
 Pereira aqui viveu anos aqui
 faleceu bem assim suas duas
 irmãs governador J. Joaquin Seabra
 viveu 30 dias fazendo a fila
 monico do esquadrão

- aos domingos a criançaada
e era inenunciável coadjutor do
Mons. Zacarias. A sua humi-
dade edificava os desceutes al-
causando grandes conversões
Batizou moças prestes a cou-
trair matrimonio e casou im-
meras emancebados.

Fundou em Esplanada o
colégio dos Maristas e das
Freiras do Desterro.

Em 1912 o flagelo da vari-
óla penetrou em Esplanada e
logo invadiu os lares a
inquietação e o terror abatarem
os ânimos sendo todos ame-
açados, os socorros pedidos ao
poder publico tardaram ou
viram escasos. Ante a grave
situação o humilde religioso
Frei José inflamado de zelo
pela salvação das almas e
pronto a socorrer o sofrimento

100118
e a pobreza não duvidando expor
e sacrificar a própria vida invo-
cando a Deus e corajoso sair
a dar combate ao mal.

seguido de um pequeno grupo
que formou e animava com a
escortação ardente da sua
palavra inspirada e a influencia
poderosa do exemplo constante
admirando a todos o heroísmo
de sua resolução penosa que pelo
medo e horror ao contágio
nunca se animaram a imitá-lo
espontaneamente faziam doativos
em moeda, remédios, roupas
e utensílios para a comodidades
e tratamentos dos infelizes flagre-
lados, e o modesto e bom
capuchinho tudo confiado da
proteção divina lançou a
espionhosa e apostólica empresa
visitando noite e dia o tene-
lazo lazareto indo de leito a leito

terar conforto religioso a palavra
de consolação e corajem ou o
medicamento da cura ou alivio
providenciando sempre o que
se fazia mistes prossequindo
assim este afanoso lidar e
abnegado dos seus, prendendo
e isolando o contagio e
mitigando o sofrimento e em
3 mezes, e com um numero
relativamente pequeno de victimas
foi debelado e extinto o
pavoroso flagelo. O feito do
abnegado Frei José de amor ao
proximo nunca esquecermos, e
fique como dos mais memora-
veis da historia de Esplanada
para relatar aos nossos visitantes
Viver em Esplanada 19 anos.

Dr. Joviano Costa

Em 1912 desembarcava em
Españada um medico desconhe-
cido.

Viuho commissioned pelo
Governador Seabra para debela-
r um surto de febre maligna no
arraial do Soure neste estado
hospedouse no hotel de José
Cunives e este porueceu-lhe monta-
da e condutor para conduzi-
lo ao ^{M. F. A. U. A.} Soure o qual dista de
Españada 120 Kilometros.

Milagrosamente em 60
dias foi debelado o mal que
decepo muitas vidas e o
bondoso medico sempre de
passagens por Españada esou
valuta numa cativante simpatia
escolheu-a para campo de sua
profissao firmando aqui sua
residencia com a esposa e 2 filhos

Parteicia o Dr. Joviano no tempo em que o medico representava a figura maxima da vneração e de respeito dentro da sociedade era o medico consultor e o mentor de cada pessoa da sociedade. O veterano é popular dos nossos escufapiús quando atendia um infesmo no interior dos lares mais parecia um santuario de adoracão pela caridade em trato constante com o sofrimento e capaz de mediar toda sua estençao pobre de cabedair de fortuna e sem braga de nobreza, mais espirito culto laureado em ciencias e letras Formado em Farmacia e medicina e seus estudos muito aprofundouse em astronomio geografia or quais discutia com sua competencia sua lize de genealogico fazia milagres.

Nunca mulher nenhuma morreu
de parto em suas mãos podendo
haver falhar no formulário por
não falhar o diagnóstico.

Audava a pé ou a
cavalo para amenizar as dores
de um enfermo e muitas
vezes sem nenhuma remuneração
muitas vezes moradora em sua
própria cama, um recém-nascido
desvalido. Alma de vibração
patriótica e firme praticante da
fé apressou-se um dia em
comunicar a sua santa ideia
ao superior dos nossos capuchin-
hos Frei Gregório de São Ma-
riinho, de lançar o projeto para
a fundação de um hospital para
os pobres de Estância, sob os
auspícios da confraria de São
Vicente modesto círculo de associa-
dos. Orduo e mesperado mas
almejado e Bem vindo esse

projeto
sua de seu objetivo generoso
de benefícios e consolação
seu uniuo comquanto exicido
de dificuldades e de sacrifici
cios teve acolhedora acolhimento
as simpatias e a coadjuvação
que surgiu em torno é
sôlemnidade contente o começo de
sua execução. No dia que
se colocou a primeira pedra
Jovianino disse as seguintes
palavras. Aqui se entranha na
terra como cocho que firme
a posse desta area do solo de
Esplanada para sustentar desde
o alicerce o edificio projetado
erguendo-o seguro de longa dura
cao e digno do seu destino
quando inaugurou-se o 1º par
thão aqui ja clinicavam os
seguintes medicos. Virgilio Ser
Rosa Ladislau Calvacanti. Luiz
Coelho. Otavio Penabra

Claudio Costa e Veridiano Lopes.
todos residentes na vizinhança
do hospital. O Dr. Joviano Costa
residia em sua chácara tres
Kilômetros de distancia e não
havia transporte. ele sempre
forte e corajoso, seguia a
pé para o hospital todos os
manhãs e algumas vezes era
chamado alta noite para at-
tender uma parturiente ou olivi-
ar um enfermo e só tinha
um guia o filho.

Era o Dr. Joviano um
abnegado, a sua caridade não
tinha limite. Recebia as criticas
dos colegas com um riso nos la-
bios. As ofensas perdurava estrei-
tando mais amizade mais como
a vida não se pareceu ter que
migrar para Guanabara com sua
esposa uniu-se aos seus adora-
dores e lá a morte o

suspreendeu para nunca mais voltar
a sua querida Esplanada onde
vivem 28 duos praticando o
bem, que Deus dê paz a sua alma.

O catástrofe Política

Em 1894 chegou ao arraial
de Esplanada o Cel Adolfo Gui-
marães, sergipano de Estância
com o fim de comprar a fazen-
da Vertente aos herdeiros do
Cel Américo Silva.

De posse da fazenda tratou
de plantar cana e algodão
instalou um engenho de água
para o fabrico de açúcar uma
bolandeira para fabricar telhas
e tijolos que facilitaram a
construção das casas do arraial
de Esplanada. Viuvo recente com
4 filhos na orfandade, sua
sogra residente em Salvador

prontificou-se a criar e educar os filhos. Guimarães achando-se só sem uma companheira para ajudá-lo na luta quotidiana encontrou uma pobre moça de família humilde do Trumbó; esta aceitando a proposta fugiu para sua companhia até a morte, era uma moça humilde de excelentes predicados, nasceu para o lar cuidando dos seus filhos. 9 filhos atendendo com a sua bondade natural a todos os amigos do seu companheiro, caridosa em extremo, querida até dos próprios inimigos políticos que admiravam sua bondade e conduta. Guimarães em uma das suas idas a Salvador a fim de tratar de negócios com a firma Souza Costa limito relacionamento com Guarda-livros da firma o comendador Augusto Ribeiro,

convideou-o juntamente com sua esposa D. Maria de Nazareth Ribeiro para batizarem no seu sobrinho Vertente a sua filha mais velha. O comendador aceitou e em uma tarde de verão desenhavam cavam do, "seu sobrinho Vertente" sem com a esposa para o batizado marcado em palestras com o Guimarães demonstrou o desejo de aposentar-se e construir uma casa no arraial para o fim da sua existência. Guimarães prontificouse a edificar a casa e prouta o comendador veio residir em Estanada com os seus companheiros e amigos políticos da mesma legenda viviam em pleno acordo porém na eleição de Severino Vieira para governador descordaram e tornaram-se inimigos para toda a vida o comendador ganhou a eleição para intendente

da Vila do Conde, Esplanada sendo
município do Conde o comendador
Augusto dirigia os destinos do
Município em sua própria resi-
dência. O benefício que fez em
Esplanada foi o barracão da
feira passando a feira para os
domingos devido a do timbó ser
no sábado também continha uma
casa junto a dele para o quartel
soldado so tinha destacado o
cabo Bezinho Guimarães não pes-
doava nenhuma falta de adminis-
tração enviava todas a Imprensa
e o comendador a todos dava
a merecida resposta pelo jornal.
Viveram nesse duelo por muitos anos
no governo Seabra Guimarães
ganhou a eleição para intendente
mudou tudo. Guimarães era um
homem educado amigo dos que o
procuravam atendia-os com benevolên-
cia porém os inimigos não o

pouparam não queriam pagar os impostos de exportação nem os municipais naquela época era grande a exportação de aencas mascavo para o sertão como também milho e côco para Salvador em frente do Barracão da Leste contava-se quasi diariamente 50 a 80 carros de boi havia também grande exportação de porcos semanalmente vindo do gerê Sergipe pois os negociantes não queriam pagar o imposto e chegou ponto de Guimarães proibir o embarque de toda produção e nessa luta paga não paga passaram-se dois anos o intendente nada podia fazer em benefício do Cande e Estavado.

O que entera em cofre mal dava para a iluminação e os guardas municipais cada dia aumentava o odio dos comerciantes, chegando ao ponto de contestarem

2 facinoras do sertão de Jacobina e a ordem do vereador Tenente Lucas para tirar a vida do Guimarães. Os mandantes aproveitaram o dia 31 de Maio de 1914 dia em que o povo de Esplanada e Timbo prestaram uma homenagem ao senhor Zacaria comemorando suas bodas de prata de sacerdotio. Quando a noite o povo se achava entediado ouvindo os discursos e os variados dobrados da Filarmônica local aproveitaram para realizar o crime. Ouvia-se um tiro de espingarda e a fumaça era tanta que envolvia a todos e penetrava pelas janelas do Senhor. O povo atônito apavorado corria para todos os lados saltavam janelas e cercas e naquela confusão toda o Senhor enfrentou as muralhas de fumaça e foi a casa do

Guimarães para certificar-se da causa regressou angustiado de encontrar o corpo da mulher do Guimarães morto envolvido em um rio de sangue. Bem assim o corpo do guarda municipal Teodoro e mais 2 Baleados estirados na varanda da residência não encontraram o Guimarães vingaram em sua mulher as ordens que receberam era de não escapar nem os rebatôs no dia seguinte chegou em trem especial o chefe de Polícia com 3 policiais o Dr. Alvaro Costa para apurar os fatos prenderam os assassinos e os mandantes fugiram para lugar ignorado depois de culpa formada o tribunal condenou os 3 assassinos e um dos mandantes seis meses depois entraram em juízo e foram todos absolvidos mas a justiça divina cobrou retribuição naquela noite parando que descesse

as famílias de Estuado e Tiubó
sobresaltadas e apavoradas por aque-
la mãe inocente deixando na
orfanidade 9 filhas a mais velha
com 13 anos e seu casulo com
8 meses bem assim o guarda-
Feodoro com 9 mezes tendo
infância seu pai os dois baleados
sobreviveram aos avós Estuado
depois da tragédia não foi mais
preocupado pelos veranistas habituados
que nos civilizaram com suas
educações hábitos costumes e
suas reuniões familiares passaram
a veranear em outros recantos
para seu sossego e descanso não
esquecendo a água da Bica e
o adorável clima e o seu horizonte
dourado ao por do sol.

~~Feodoro~~ Maria das Graças
Feitosa

4 de Setembro 1922

